



JANEIRO/2005 - Nº 673 - ANO 61 - R\$ 8,50 - www.agranja.com

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

60 ANOS

O BRASIL AGRÍCOLA

agranja

OS CAMINHOS DA AGRICULTURA

Parabéns

agranja

60 anos
colhendo notícia

 **BASF**


agripec

Cultivando o Brasil.

**A MASSEY ACHOU
UM LUGAR PERFEITO
PARA FAZER UMA
HOMENAGEM PARA A
REVISTA A GRANJA.**



MASSEY FERGUSON
A gente faz essa terra crescer.

ANÚNCIO

ANÚNCIO



André Conti

22 REPORTAGEM DE CAPA OS 60 ANOS DA REVISTA A GRANJA

- | | | |
|--|---|--|
| 16 MENSAGENS
A palavra de amigos e parceiros | 58 CITRICULTURA
Cautela é a palavra-chave | 92 IRRIGAÇÃO
Água faz dobrar a produção |
| 32 SOJA
Um 2005 de muitos desafios | 62 HORTICULTURA
Setor busca maior integração | 96 MEIO AMBIENTE
Hora de produzir sem destruir |
| 36 TRIGO
Triticultura busca mais apoio | 66 CAFÉ
A vez dos grãos especiais | 102 AGRICULTURA FAMILIAR
A luta por recursos mais acessíveis |
| 40 ARROZ
Criatividade para driblar a crise | 72 LOGÍSTICA
Em busca de novos caminhos | 106 CRÉDITO
Estímulo para quem produz |
| 44 CANA-DE-AÇÚCAR
Doce retomada | 76 ARMAZENAGEM
Silos: estrutura fundamental | 112 MERCADO INTERNO
Renda nas mãos do El Niño |
| 48 MILHO
Produtividade para se proteger | 80 MÁQUINAS AGRÍCOLAS
Embarques decolam em 2004 | 116 MERCADO EXTERNO
Ano das negociações em bloco |
| 52 ALGODÃO
Cultura pede investimento em tecnologia | 84 INSUMOS
Gangorra de preços | 120 BIOTECNOLOGIA
A sofisticação da agricultura |
| | 88 TERRAS
Cenário de preços mais atrativos | |

SEÇÕES

- | | | |
|--------------------------------|----------------------------------|---------------------------------|
| 6 O Segredo de Quem Faz | 13 Caderno H | 130 Agribusiness |
| 9 Vitrine | 124 Eduardo Almeida Reis | 134 Flash |
| 10 Aqui Está a Solução | 126 Notícias da Argentina | 136 Biotecnologia |
| 12 Cartas, Fax, E-mails | 127 Plantio Direto | 137 Novidades no Mercado |
| | | 138 Ponto de Vista |

Crédito MultiUso Bradesco. Precisou, tem.*



www.bradesco.com.br



O Bradesco vem ampliando cada vez mais sua participação no setor de Agronegócios, confirmando sua tradicional parceria com o campo. Em setembro, os financiamentos somavam mais de R\$ 6 bilhões. O Bradesco também marca liderança no Ranking Geral de Desembolso do BNDES, com R\$ 2,2 bilhões até setembro, sendo R\$ 710 milhões exclusivos para as linhas de Agronegócios. Tudo o que você precisa para crescer, você tem com o Crédito MultiUso Bradesco.



Bradesco

Colocando você sempre à frente.

*Sujeito a análise e aprovação de crédito. As condições podem ser alteradas a qualquer momento de acordo com a variação do mercado.



Um feliz e próspero 2005. Mas “feliz” e “próspero” Ano-Novo só mesmo aos que são contrários aos Organismos Geneticamente Modificados (OGMs), os popularizados e controversos transgênicos. Aqueles que aguardam ansiosos pela regulamentação da tecnologia preparem-se, pois o que vem por aí não é nada animador. O Projeto de Lei da Biossegurança que tramita no Congresso Nacional, recebendo emendas de todos os lados – e ideologias –, deverá tornar a matéria, depois de regularizada, tão arrastada e tumultuada como foram até hoje as discussões em torno. Esta é a opinião da advogada especializada em propriedade intelectual **Elza Brito Cunha**, assessora técnica da liderança do PPS na Câmara Federal. Elza foi por oito anos diretora geral da Embrapa, responsável por 11 centros de pesquisa, e por três anos chefe da secretaria de propriedade intelectual da mesma instituição. Segundo a advogada, o projeto da Biossegurança, que completa em janeiro de 2005 exatamente uma década de acalorados debates, está armado para tornar a aprovação de um OGM um verdadeiro parto. Pudera: misturou-se na mesma lei transgênicos vegetais com embriões humanos. Por tudo isso, Elza prenuncia: “Esquece a competitividade. Vamos fazer outra coisa”

Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com

Lei da Biossegurança: próspera **BUROCRACIA**

**A Granja — O ano de 2005 pode-
rá ficar marcado na história como o
ano em que os Organismos Geneti-
camente Modificados (OGMs) foram
regularizados no Brasil, a partir da
aprovação do Projeto de Lei da Bios-
segurança em tramitação no Con-
gresso Nacional?**

Elza Brito Cunha — Na minha opi-
nião, não. A legislação que está sendo
aprovada, tanto para a fase de pesquisa
(para institutos e universidades que tra-
balham com OGMs), como na libera-
ção para uso comercial, será muito difí-
cil de ser cumprida. Vamos imaginar que
seja aprovada a nova lei no começo des-
te ano. Ela vai demorar, no mínimo, um
ano para ser regulamentada. Depois,
precisa ser instituída a nova Comissão
Técnica Nacional de Biossegurança
(CTNBio). Até lá, pára tudo. Até mes-
mo as licenças para vários experimen-
tos que estão sendo tocados pelas uni-
versidades e Embrapa necessariamente
vão ter que parar. Isso tudo representa
um atraso.

**A Granja — E como está o an-
damento do novo Projeto de Lei de
Biossegurança?**

Elza — O Poder Executivo remeteu
para a Câmara dos Deputados em 2003
um novo Projeto de Lei (PL) sobre Bi-
ossegurança de OGMs — nº 2.401/2003.
Na Câmara foi criada uma Comissão Es-
pecial para estudar o assunto. Foi des-
signado como relator da matéria o de-
putado Aldo Rebelo. Posteriormente,
quando ele foi nomeado ministro, foi
designado novo relator para a matéria,
o deputado Renildo Calheiros que apre-
sentou um novo texto. O substitutivo
do deputado Calheiros foi aprovado no
Plenário da Câmara e imediatamente re-
metido ao Senado.

**A Granja — O que aconteceu no
Senado?**

Elza — A matéria foi distribuída para
diversas comissões. O PL recebeu
novo substitutivo do senador Osmar
Dias e, na Comissão de Constituição e
Justiça, recebeu novo texto do sena-
dor Ney Suassuna, que aprimorou o
texto do senador Dias, acrescentando
uma parte muito importante sobre a
possibilidade de avanço nas pesquisas
com células-tronco a partir do uso de
embriões humanos congelados nas clí-
nicas que fazem fertilização *in vitro*. O

objetivo é permitir pesquisa para avan-
çar na área de clonagem terapêutica. O
substitutivo do senador Suassuna foi
aprovado no Plenário do Senado e vol-
tou para a Câmara onde já foi aprovado
na Comissão Especial. O PL pode ser
incluído na pauta para a deliberação fi-
nal no Plenário da Câmara. Daí seguirá
para a sanção ou veto do presidente da
República.

**A Granja — O debate sobre célu-
las-tronco não deveria se dar em se-
parado? Qual é a relação OGMs e
células-tronco?**

Elza — Células-tronco não têm nada
a ver com OGMs. São coisas comple-
tamente diferentes. Significa clonagem
terapêutica a partir de embriões descar-
tados em clínicas de fertilização *in vitro*.
Esse foi o “bode” politicamente correto

**legislação aprovada, os transgênicos
estarão definitivamente aprovados
no Brasil para pesquisa, produção e
comercialização?**

Elza — Não. É caso a caso. A lei
estabelece procedimentos e instâncias
de deliberação. Mas é caso a caso. Um
diagnóstico de vacina tem que entrar o
pedido, o laboratório precisa se creden-
ciar junto à CTNBio. Por que existem
milhares de ações judiciais? Porque tem
pessoas que acham que seu direito de
acordo com a lei A, B ou C não foi cum-
prido. A aprovação da lei não garante
que não tenham mais ações. Isso não
pode ser em relação à nenhuma lei.

**A Granja — Como são as “leis de
biossegurança” em países como EUA
e Argentina, onde os transgênicos já
foram aprovados há muito tempo?**

Para a agricultura o projeto que está tramitando é infinitamente pior do que esta lei que está em vigor

que meteram lá no meio. Por quê? Por-
que para a agricultura todo o Projeto de
Lei que está tramitando é infinitamente
pior do que essa lei que está vigorando
atualmente. Todavia, há um consenso
que todos, inclusive o governo, gosa-
ram desta clonagem terapêutica, porque
os cientistas estão precisando, as uni-
versidades querem, há milhares de fa-
mílias de doentes, associações, etc. Isso
comove muito. Só que não perceberam
uma coisa que acabou virando um tiro
no pé: há uma bancada na Câmara mui-
to forte formada por evangélicos, que é
contra — sabe-se lá Deus o porquê. Mais
recentemente, os católicos também fi-
caram contra. Eles vendem o peixe como
se fosse um aborto. Mas não tem nada
a ver uma coisa com a outra. Parece
uma salada de frutas. Isso significa que
o próprio governo, que queria aprovar a
versão mais pró-meio ambiente com a
parte de célula-tronco, que estava no
meio, agora está dando um tiro no pé,
pois o próprio PT é muito focado nos
católicos. Então, não pode comprar esta
briga.

**A Granja — Pelo atual projeto,
pode-se dizer que haverá uma legis-
lação completa, para dar amparo le-
gal a todo o processo de desenvolvi-
mento dessa tecnologia? A partir da**

Elza — Não sei exatamente como
é a legislação internacional, mas sei que
lá eles tratam transgênicos como tra-
tam um medicamento. No caso de agri-
cultura dos EUA, eles submetem ao
USDA (departamento de agricultura
norte-americano) e ao órgão de saúde,
o *Food and Drug Administration*
(FDA). São as agências que tratam da
segurança e do registro dos produtos.
Só que no Brasil, a legislação, pelo me-
nos a que está vigorando, é muito mais
moderna. E como tem representantes
do meio ambiente, da agricultura e da
saúde na mesma CTNBio, que tem re-
presentantes dos ministérios — além dos
cientistas — o que se pretendeu fazer?
Que se sentasse todo mundo junto, que
se discutisse. O representante do ministé-
rio onde seria feito o registro estaria
junto, para se fazer direito. A tentativa
foi de otimizar e desburocratizar. Mas
no final acabou dando esta briga infer-
nal. De um lado fica o pessoal da agri-
cultura; do outro os ambientalistas.

**A Granja — Pelo atual Projeto de
Lei da Biossegurança, o assunto vai
atrasar ainda muito mais o Brasil na
esfera desta tecnologia?**

Elza — Muito mais. Quanto a isso
não tenho dúvida. Esquece a competi-
tividade. Vamos fazer outra coisa. Vamos

fazer assim: pensa num produto que vai sair para uso comercial. O milho BT, por exemplo. Depois de passar por todas as fases de pesquisa no laboratório, em contenção, em campo e pré-comercial, além da liberação comercial, para cada fase você precisa de uma licença especial, na CTNBio, além de “mil” exigências que os outros órgãos também fazem. Se tudo der certo, forem conseguidas todas as licenças, feitas todas as pesquisas e provar, em todos esses testes, que aquilo não faz mal, ainda terá que ser submetido ao conselho de 11 ministros. Então, imagine-se quando isso vai acontecer? Na versão do deputado Renildo Calheiros (na Câmara), todos os

guém pode fazer ou deixar de fazer alguma coisa no Brasil se não for em virtude de lei. É o artigo 5º da Constituição. Então, se chegarem à conclusão: “ah, este Conselho é complicado”, então só se tiver outra lei. Porque ele vai ser criado por lei.

A Granja — E a CTNBio no que se refere às suas competências, atuação, ao seu poder e limitação e à sua composição, está dentro do que seria o melhor?

Elza — Não. É péssima, porque o número de cientistas indicados livremente pela sociedade científica é de 12. E a soma dos burocratas, representantes de

Não posso ter ideologia em relação à remédio. Dizer que remédio é da esquerda, da direita, do PT...

processos necessariamente precisam passar pelos 11 ministros. Na versão do Senado, só quando os ministros solicitarem o processo. Já muda muito. Numa versão é tudo; na outra, é quando o Conselho avocar. Só que no Conselho de ministros, tem aqueles ministérios que jogam com o meio ambiente, o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Como depende de cinco ministros para solicitar, eles vão avocar sempre.

A Granja — Portanto, o Conselho Nacional de Biossegurança seria mais uma instância para burocratizar ainda mais este assunto?

Elza — Lógico. Por isso, se comparar o texto da lei que está vigorando no Brasil, a 8.974, mais a Medida Provisória 2.191, comparando estes dois textos, seja o aprovado pelo Senado ou da Câmara, eles são muito mais encençados. Não aumenta a biossegurança. Mas são os aspectos sociais que não têm nada a ver com biossegurança que vão emperrar. Para tudo, terá que ter audiência pública.

A Granja — Mas existe alguma possibilidade de todos esses entraves serem alterados antes da votação do Projeto de Lei? Todas essas instâncias que burocratizarão o assunto serem eliminadas?

Elza — Só se tiver outra lei. Nin-

ministérios são nove, mais os seis das Organizações Não-Governamentais (ONGs), das organizações da sociedade civil. Então são 15. É, portanto, um número maior. Isso é um absurdo. Se eu sou indicada pelo ministro A, B ou C para a CTNBio, e não fizer o que o ministro quiser, adivinha o que vai acontecer comigo? Ele me demite. Não tenho independência. Se eu sou de uma ONG, que me paga e ela não quer alguma coisa, e eu vou lá e voto a favor, sabe o que vai acontecer? Eles me substituem. Portanto, os únicos que têm, no meu ponto de vista, liberdade são os que são indicados pela sociedade científica. Eles não ganham para isso. São professores das universidades, são cientistas.

A Granja — Mas não é um contrassenso, pois este “T” de “Técnica” deveria ser substituído por “B” de “Burocrática”.

Elza — Mas vai falar isso aqui (na Câmara). Se falar isso aqui, eles atiram pedras em mim.

A Granja — Eles quem?

Elza — Todos os que são politicamente corretos. Como eu sou politicamente incorreta, quando eu digo isso, é como se eu estivesse cometendo um pecado. Mas é só ler o Projeto de Lei. Não estou fazendo interpretação.

A Granja — Na sua visão, quando o transgênico no Brasil deixará de ser

um assunto tão tumultuado, ou seja, quando falaremos de transgênicos com a mesma naturalidade como tratamos de híbridos, inseminação artificial e outras tecnologias da agropecuária?

Elza — Sabe o que eu acho, sinceramente? Eu trabalhei muitos anos na Embrapa. Eu estou muito habituada a conviver com cientistas e ver as coisas mais fabulosas que eles estão fazendo e que realmente provocam um passo, um avanço. Coisas que têm possibilidade de ir para o mercado daqui a 10, 20 anos, e que a gente encara com mais naturalidade. Tenho a impressão de que essa biotecnologia está mudando de tal forma este paradigma que as pessoas ou não compreendem, ou não têm alcance, ou têm medo. Por algum motivo que eu não sei muito bem qual é, botaram ideologia aí no meio. É a mesma coisa que ter ideologia em relação a remédio. Eu não posso ter ideologia em relação a remédio. Se o meu filho está doente e eu preciso de remédio, eu vou procurar o melhor remédio para o meu filho. Agora, dizer que o remédio é da esquerda ou da direita, do PT... acho esquisito isso. Eu vejo esta questão sem preconceito. Deu este rolo todo porque a primeira tecnologia que obteve liberação comercial é de uma multinacional (*cultivares de soja da Monsanto resistentes ao herbicida glifosato*). Mas é uma estupidez. Poderia ser patente da Embrapa. Não iria ser legal a Embrapa ter esta patente, usar no Brasil, poder licenciar no estrangeiro e ainda ganhar uma grana para financiar outros projetos? Sempre trabalhei com propriedade intelectual e não tenho este preconceito. O que não é possível é usar a tecnologia dos outros que está patenteada, se beneficiar e não pagar os direitos. Ninguém é obrigado a usar a tecnologia de ninguém. Esta história de comprar CD pirata é o fim da picada, pois você tem que preservar o direito autoral dos outros. E é a mesma coisa em relação às sementes, porque ninguém me obriga a ouvir a música de A, B ou C. Mas se eu quiser ouvir, vou lá na loja e pago os direitos autorais do artista. Acho que o mundo tem que ser assim. E se o Brasil andar na contra-mão, vai poder ser “paineiro” na Organização Mundial do Comércio. O que não dá é querer tirar o melhor de todos os mundos. Ter a melhor tecnologia, a que oferece mais vantagens ao produtor, e não pagar o direito de patente dos caras. ■



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Home page: www.agranja.com

GERENTES-EXECUTIVOS

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editora
Luciana Radicione

Reportagem

Alexandre Franco dos Santos, Cristine Pires e
Leandro Mariani Mittmann

Colaboradores desta edição

Carolina Jardine, Lutécia Beatriz Canalli e Niza Souza

Revisão

Jô Santucci

Editoração

Jair Marmet e Carlos Iglessias

Capa

Carlos Iglessias

Secretária da redação

Karine Morosoli Benites

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo - José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e
Rodrigo Martelletti (contato)

Porto Alegre - Maria Cristina Centeno
(gerente RS/SC)

REPRESENTANTES

Minas Gerais - José Maria Neves -
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222 -
conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG - fone/fax: (31)
3297-8194 - fone: (31) 3344-9100
celular: (31) 9993-0066

e-mail: josemarianeves@uol.com.br

Brasília - Armazém de Comunicação, Publicidade e
Representações Ltda.

SCS - Quadra 1 - Bloco K - Ed. Denasa

13º andar - sala 1.301 - CEP 70398-900

Brasília/DF - fone/fax: (61) 321-3440

celular: (61) 9618-1134 - e-mail:

armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada
no DCDP sob

nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade,
Correspondência e Distribuição:

Av. Getúlio Vargas, 1.526

CEP 90150-004 - Porto Alegre - RS

fone/fax: (51) 3233-1822

Exemplar atrasado: R\$ 8,00

Para assinar: (51) 3232-2288

Segredo dos VENCEDORES

Uma superedição que comemora os 60 anos da mais antiga revista do Brasil. E em todos esses anos mantemos o conceito da permanente inovação: "quem lê A Granja, sabe primeiro". Esse é um dos principais motivos pelo qual entramos em 2005 festejando nossas seis décadas de existência com muita prestação de serviço ao agricultor. Mais do que comemorar, esta edição especial traz os novos ventos que se anunciam para o agronegócio brasileiro: ouvimos representantes da agricultura familiar e grandes empreendedores rurais. Também apresentamos um raio x dos 12 principais segmentos que sustentam a produção agrícola do País, responsáveis pela tecnificação, diversificação e expansão do setor. Esse é o foco desta edição, calçada em números, tendências e experiências de vida de quem faz o agronegócio acontecer. Dificuldades corriqueiras, comuns a qualquer segmento, são externadas. No entanto, a vontade de fazer mais e melhor se sobressai, dando lugar ao sentimento otimista que vem caracterizando o agronegócio já há algum tempo.

O Brasil é uma exceção no cenário internacional - a previsão é de que até 2020 a oferta de alimentos no mundo cresça menos que a população. Os argumentos de especialistas internacionais são sempre os mesmos: ausência de tecnologia capaz de permitir saltos de produtividade e área agricultável escassa.

Certamente não fazemos parte dessas estatísticas, pois o País surge

como a grande força produtora do 3º Milênio: temos mais de 150 milhões de hectares agricultáveis (e ocupamos apenas um terço), temos 19% da água doce do planeta e nossa produtividade média é ainda muito baixa, de modo que temos ainda um longo caminho de incorporações de tecnologia a percorrer. Ou seja, desenvolvemos tecnologia, mas precisamos utilizá-la, a exemplo dos transgênicos.

A agricultura brasileira avança. Prova disso é o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que aponta para este ano uma safra recorde de 134 milhões de toneladas, 12,4% superior a do ano passado. Muitos são os fatores que estão contribuindo para tal crescimento. Segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em 1990 a eliminação das restrições às exportações estimulou a compra, pelos produtores, de mais tratores, colheitadeiras, sementes, fertilizantes e pesticidas. Outro momento relevante aconteceu em 1999, quando o real se desvalorizou e aumentou a receita dos exportadores. Ao mesmo tempo, houve o crescimento da demanda no exterior por alimentos, alargando a fronteira agrícola brasileira. Embora se pague um custo pelo avanço da atividade agrícola - tensões sociais, questões ambientais e de infra-estrutura - estamos no caminho certo. Estes são desafios que ainda precisam ser vencidos para nos tornarmos uma superpotência agrícola em condições de competir em qualquer continente. ■



Informações sobre criação de RÃS

Tenho interesse em começar um criatório de rãs. Como se faz para construir um ranário?

Leandro Flores

Lajes/SC

R — Prezado leitor, o ranário é formado por vários tanques, cada um destinado a uma etapa do processo, como os setores de reprodução e de eclosão (também chamada de desenvolvimento embrionário). Por isso, é fundamental uma rede hidráulica que garanta a distribuição de água individual para cada tanque. Os tubos devem ser de PVC. A utilização de materiais como ferro, chumbo ou cobre pode intoxicar os girinos. As partes de alvenaria, caso do piso dos tanques de engorda, precisam ser bem acabadas. Se você deixar cantos irregularidade e bordas cortantes, os animais podem acabar se ferindo.

A escolha do local pode ajudar muito no resultado. Dê preferência a lugares com relevo plano ou levemente inclinado. Evite áreas com sombra no período da manhã e da tarde, o que repre-



Divulgação

senta temperaturas mais baixas, principalmente no inverno. As rãs reagem muito bem a altas temperaturas. Com a média de 35°C são muito ativas, alimentam-se bastante e crescem rapidamente. Esses animais apresentam boa resistência se criadas com as técnicas corretas.

O manejo correto dos animais evita o aparecimento de doenças e garante bons resultados. Isso significa proporcionar uma boa alimentação e instalações e condições adequadas. Mais informações você obtém no site www.setorpesqueiro.com.br/ranicultura.

TOMATE SECO desperta interesse

Gostaria de saber se preciso adotar cuidados especiais para destinar minha produção de tomates para a fabricação de tomates secos.

Daniel Alcântara

Sumaré/São Paulo

R — Caro Daniel, de acordo com os técnicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a época normal de tomate rasteiro, no Estado de São Paulo, vai de março a junho, com uma pequena porcentagem de plantio antecipado – janeiro a fevereiro – e outra mais tardia – de julho a setembro. Os especialistas alertam que, no caso destes dois extremos, os riscos são maiores. No caso do plantio precoce, é o excesso de chuva que prejudica a fase de semeadura, além do forte calor. A vantagem é que, no

caso de boa colheita, muitas indústrias pagam um bônus para a produção precoce de qualidade. Quanto ao plantio tardio, o que pode ocorrer é a influência das geadas, granizos e baixas temperaturas, prejudicando a maturação dos frutos. A colheita pode ser feita entre 80 e 120 dias, de acordo com o cultivar.

Também é possível produzir tomate seco em casa, com uma máquina desidratadora. Em média, são necessários de 6 a 13 kg de tomate in natura para obter um quilo do tomate seco. Gisele Anne Camargo, engenheira agrônoma e doutoranda em Tecnologia de Alimentos do Departamento de Tecnologia de Alimentos (FEA/Unicamp), desenvolveu um manual técnico sobre o processo produtivo do tomate seco e suas novas tecnologias. Uma das dicas do estudo é sobre a desidratação osmótica, que consiste na imersão do

alimento em líquidos concentrados de açúcar e sal, com uma atividade de água menor do que a do alimento. O processo de desidratação osmótica causa transformação dupla no produto: a sua desidratação e alteração na composição.

Esse método pode ser uma forma de minimizar o decréscimo de compostos (como vitamina C), restando estes nutrientes durante o processamento do tomate. Ela aponta as seguintes vantagens quanto ao método tradicional de secagem: menor gasto de energia; melhor aparência (cor); incorporação de componentes que podem aumentar a preservação, minimizar os danos causados pelo calor à cor, textura e sabor. É ainda fundamental que se tenha um manual de boas práticas de fabricação e cuidado com higiene.



A Granja

HORTALIÇAS orgânicas ganham espaço

Estou pensando em iniciar o plantio de hortaliças orgânicas e gostaria de algumas dicas para ter bons resultados.

Carlos Alberto Nogueira

Pato Branco/PR

R — Carlos Alberto, a procura por alimentos orgânicos tem aumentado no Brasil. É um nicho de mercado em expansão. Para começar a produção, é importante levar em consideração alguns fatores. Um deles é a sazonalidade. Isso ocorre porque o clima é considerado o principal fator limitante.

É preciso observar as condições de temperatura e umidade para evitar o ataque de pragas e doenças. Por isso, recomenda-se a adoção de cultivares que se adaptem ao plantio fora de época, caso da cenoura, couve-flor, repolho e beterraba, que podem alcançar produção o ano todo. Outra alternativa é a adoção do cultivo protegido, uma forma de resguardar as plantas de efeitos como calor, chuva, frio e geadas. A plasticultura é mais tradicional e vem sendo usada principalmente para a produção fora de época.

Os especialistas alertam que, no

caso da produção orgânica, os cuidados têm que ser maiores do que os adotados no sistema convencional. O ambiente protegido, tanto túnel ou estufa, exige que sejam controladas muitas variáveis, como a temperatura, a umidade do ar e fertilidade do solo. Se medidas como esta forem tomadas, é possível colher tomates orgânicos de setembro a fevereiro e pimentão por seis meses, por exemplo. As folhosas também podem ser cultivadas durante o verão. Alface americana, agrião e outros tipos de alface podem ser colhidos semanalmente.

Plantio de EUCALIPTO atrai produtores

Tem se falado muito sobre o plantio de eucaliptos na Metade Sul do Estado. Gostaria de saber como se cultiva esta floresta, já que há empresas investindo pesado nos municípios da região.

Leomar Santos

Pinheiro Machado/RS

R — O bom resultado do plantio de eucalipto começa pela preparação do solo. É preciso investir em práticas de controle de erosão e também se recomenda que a adubação seja feita depois que um técnico avaliar as condições do solo. É nesta hora que o produtor deve ficar atento à possibili-

dade do ataque de pragas: escolha um local longe de formigueiros e de animais que possam estragar as mudas. Esse cuidado tem que ser permanente: a cada 15 dias, aplique o formicida indicado.

Os técnicos recomendam que as mudas sejam plantadas o mais breve possível, de preferência não ultrapassando 15 dias. É que, quanto maior o tempo de espera, mais danos pode sofrer o sistema radicular da planta. Por isso, o melhor é não arriscar.

Na hora de plantar, preste atenção ao espaçamento. O mais utilizado é o de 3 metros entre as linhas e de 2 metro entre as mudas. Normalmente, o plantio é feito de forma manual, com

ferramentas específicas e, logo após, começa a irrigação, que deve ser abundante. Deixe as plantas sempre livre de matos. Esse cuidado deve ser redobrado no estágio inicial.



A Granja

O NORDESTE que dá gosto

Acuso o recebimento de **A Granja**, em que há uma citação minha. Parabéns pela sua matéria por promover nossa região e pela fidedignidade e utilidade das informações nela contidas. Sugiro a abordagem de algumas atividades que estão crescendo aqui pelo Nordeste de forma sustentável e competitiva: piscicultura (tilápia), camarão, mel, flores e cajuão precoce.

Mavignier França
Banco do Nordeste



O NORDESTE que dá gosto II

Ao ler a reportagem sobre o potencial agrícola dos Estados nordestinos do Piauí, do Maranhão e da Bahia (oeste), fiquei pensando como este País foi abençoado por Deus. Vejam quantas fronteiras agrícolas ainda não foram exploradas no nosso território. Sem contar o que já está sendo usado. O Brasil, realmente, poderá se tornar o celeiro do mundo em breve. Para isso, esperamos todos, que ninguém atrapalhe.

Laércio Knits
Francisco Beltrão/PR

Sempre na corda **BAMBA**

Como é complicado ser produtor rural no Brasil. Vejamos o que nos espera em 2005. Os preços dos nossos produtos estão lá embaixo, e os preços de adubos e defensivos lá em cima. Depois de poucos anos conseguindo obter algum lucro, o que nos permitiu uma rápida capitalização, para podermos investir em melhorias na propriedade, e vem esta crise. O Brasil e seus dirigentes

precisam inventar mecanismos de proteção aos produtores agrícolas, senão viveremos neste entra-e-sai de crise eternamente. E nem quero aqui entrar em detalhes sobre a importância da agricultura para a economia do Brasil. Todo mundo neste País depende do campo.

Everton Fiezzler
Tupanciretã/RS



A Granja

Colheitadeiras para terrenos **ONDULOSOS**

A colheitadeira com peneiras autonivelantes de fato são muito boas, porém, só se adaptam aos modelos TC 57, 59, enquanto o sistema *side hill* se adapta a qualquer máquina. Mas se as fabricantes não vêm mercado para tal tecnologia, a empresa Hillco (www.hillco.com) fabrica e comercializa o kit *side hill*. Será que só os grandes produtores podem comprar uma TC59 ou outras de grande porte? E os médios produtores, que possuem uma NH 8040, 8055 ou mesmo uma TC55 – que não têm peneiras autonivelantes –, que são milhares por este Brasil afora? Quanto se diminuiria em perdas na colheita?! (comentário relativo à resposta publicada na página 8 da edição de dezembro/2004)

Alexandre José de Brito
Clevelândia/PR

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

A cruel face oculta

Nesta página, por princípio, sempre são abordados assuntos com enfoques não apreciados pela *mass-mídia*. Agora, por exemplo, a mídia se alertou em relação à altíssima carga tributária brasileira, graças à ação dos empresários, cuja presença tornou-se mais visível após posição agressiva da Associação Comercial de São Paulo, presidida por Afif Domingues, ex-candidato à Presidência da República que concorreu com Collor e Lula.

Estamos engrossando essa e outras vozes porque entendemos que neste momento chegamos a situação limite, onde a carga tributária do Brasil atinge mais de 37% do PIB, obstáculo que impede definitivamente o nosso crescimento econômico.

Sobre essa dolorosa questão, valem algumas considerações:

1. Essa rapinagem legal que tem como autores o governo federal, os Estados, os executivos municipais, o legislativo e a anuência do Poder Judiciário, constitui-se num abuso que está despertando uma nação para o verdadeiro exercício da cidadania. Hoje o Brasil começa a tomar conhecimento que são 72 os tributos existentes no País, a grande maioria federal. Esta carga infernal, para nosso espanto e conhecimento, é maior do que às existentes nas três maiores economias mundiais, EUA, Japão e Alemanha.

Nestes campeões mundiais da prosperidade, os impostos, taxas e contribuições são transparentes e o cidadão sabe o que está pagando, assim como nos pedágios.

Aqui, no Brasil, não. A conta vem malandramente oculta. Você que já viajou e comprou camisas ou sapatos nos Estados Unidos, por exemplo. Lá, na nota fiscal está estipulado o percentual de "Tax", que significa o imposto de cada mercadoria que está sendo adquirida.

Aqui a caixa é pretíssima e precisa ser aberta.

2. Quanto você paga quando enche o tanque do seu carro com gasolina?

Resposta: 52,1%

E salve a Petrobrás que é nossa. De acordo com os "experts" ela terá este ano mais lucro que todos os bancos nacionais e estrangeiros ancorados aqui em nossa terra.

Na área da energia elétrica, a situação da gigolagem oficial também é uma gracinha. Você é onerado em 24% pela geração de energia na Usina. Acrescenta-se 5% que é cobrado da transmissão. Você acha que parou aqui? Pois, você errou. Tome mais 20% sobre o custo da distribuição da energia às residências e empresas.

3. A independência dos Estados Unidos da América do Norte começou quando a Coroa Britânica dobrou o imposto sobre o chá. Quando o primeiro navio com o gravame do novo imposto aportou em Boston, duas coisas concomitantemente aconteceram:

- a) a carga foi jogada ao mar;
- b) foi o estopim emocional que faltava para dar início ao movimento de independência;

Oportuno é lembrar que a Revolução Farroupilha, o maior movimento separatista do País, que durou 10 anos, teve como motivação principal a ganância do governo imperial em arrecadar impostos considerados desmedidos e injustos.

4. Os governadores Geraldo Alckmin/SP e Aécio Neves/MG, têm os maiores índices de popularidade.

Coincidentemente, baixaram os impostos estaduais.

Por outro lado, o governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto teve o desprazer de ver sua tentativa de aumentar em 10% o ICMS, ser rejeitado pela Assembléia Legislativa e, principalmente, pela opinião pública, numa demonstração cabal de que ninguém agüenta mais quieto o achaque ao bolso de quem trabalha, arrisca e paga essa máquina burocrática, paquidêmica e voraz, que exige que a gente trabalhe de 3 de janeiro a 23 de maio, única e exclusivamente para pagar impostos, taxas e contribuições compulsórias.

5. Fala-se muito dos juros escorchantes. Mas lúcido é observar que os juros não entram obrigatoriamente no nosso cardápio de vida.

Dos impostos, porém, ninguém escapa. Dá para diminuí-los. Por exemplo, ninguém imaginava que FHC, através do seu ministro

da Saúde, conseguisse baixar os preços dos remédios. Pois, José Serra conseguiu. Estão aí os genéricos. Assim, como a revista **A Granja**, nesta edição de 60 anos bem vividos, mostra e registra uma homenagem toda especial ao ex-ministro da Agricultura, Pratini de Moares, por ter sido a alavanca do agromercado. A sociedade brasileira como um todo, por dever de gratidão, está em débito com o atual prefeito de São Paulo.

Até hoje não se viu em lugar nenhum necessária manifestação de aplauso para quem teve peito e determinação para fazer o que acabou acontecendo, quando quase todos duvidavam que isso seria possível.

6. O presidente Lula afirmou e todos os meios de comunicação registraram: vamos ter um abatimento de 10% no novo teto do Imposto de Ren-

da. Uma balela. Primeiro, o imposto em quatro anos sem reajuste deveria ser deduzido em 21%. Segundo, nos futuros abatimentos estão fora as deduções de médico, educação e dependentes. A bem da verdade, a redução será apenas de 7%. Ou seja, a afanação continua, pois a inflação no período comeu 14%. Estamos, sim, cada vez mais pobres, com menos poder de compra, pois o contribuinte terá que pagar mais.

7. É preciso pôr emoção nesta discussão técnica.

O bloco de protesto do massacrado contribuinte precisa ir para a rua. A volúpia da incompetência, misturada com a malandragem chapa branca chegou ao limite. Quem paga quer e precisa de serviço, no campo e nas cidades. Amém. ■



Inspirados no marketing do Greenpeace, onde os meios de comunicação são convocados, os presidentes da Farsul, Fiegs, Fecomércio e Federasul deram um show ao vivo em praça pública, em Porto Alegre/RS, obedecendo ao planejamento de protesto contra a excessiva carga tributária.

Jornal do Comércio

ANÚNCIO

ANÚNCIO

MENSAGENS



**Lindo buquê enviado pela
AGCO/Massey Ferguson**



“Continuidade no sucesso.”

Roberto Favret
Bunge Fertilizantes

“Parabéns pela contribuição ao crescimento do agronegócio. Cada vez que os números do agronegócio brilham, veículos de comunicação e revistas como A Granja saem na frente.”

Miguel Bueno
Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec)



“A Granja vem ao longo dos anos contribuindo com o Brasil, levando ao setor do agronegócio um dos seus principais insumos. Passamos a respeitar e admirar A Granja. Parabéns pelo 60º aniversário.”

João de Almeida Sampaio Filho
Sociedade Rural Brasileira

“A Granja, filha madura da criação do sempre jovem Hugo. Grande abraço e sucesso do amigo.”

Eduardo Daher
Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA)

“Que os anos passados venham contribuir para um futuro sólido e consistente. E viva o agronegócio.”

Igor Morais
Ford Motor Company Brasil

“Em primeiro lugar, em nome da Andef e de todas as nossas empresas associadas, gostaria de parabenizar os jornalistas da revista A Granja, pelo trabalho que vêm realizando no sentido de levar ao público aquilo que existe de mais atual e conseqüente, em termos de informação, no tocante aos diversos aspectos envolvidos na utilização de produtos fitossanitários. Entendo que não deve ser muito fácil tornar palatáveis assuntos técnicos com as características inerentes aos dos nossos produtos, frutos da mais estudada, avançada, regulamentada e fiscalizada produção da química, mas a equipe jornalística de A Granja tem conseguido superar os obstáculos e colocado os assuntos no melhor nível de entendimento possível, produzindo algo fundamental ao jornalismo: a prestação de serviços ao leitor. Pelas contribuições, mais uma vez nossos parabéns, com a expectativa de que 2005 seja ainda mais rico de realizações.”

Cristiano Walter Simon
Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)



“Ao longo dos 60 anos uma forte contribuição para a preservação da imagem da agricultura brasileira.”

Cláudio Costa
Valtra do Brasil

“Parabéns pelos 60 anos. Obrigado pelo sucesso e eficácia da informação.”

Gustavo Costa
General Motors do Brasil



“O agronegócio gaúcho deu provas de que caminha a passos largos para o futuro, sendo um dos mais competitivos e completos do País. Para acompanhar essa evolução, a revista A Granja também não parou de evoluir, acompanhando de perto e auxiliando de forma direta o desenvolvimento do setor primário do Rio Grande do Sul. Por isso, parabéns pelos 60 anos de trabalho e dedicação. Seis décadas em favor do crescimento do nosso homem do campo.”

Germano Rigotto
Governador do Rio Grande do Sul



“Um grande abraço e muito obrigado pela força que ajudou a revolucionar a pulverização no Brasil.”

Daniel White
Servspray

“Parabéns para a Revista A Granja que muito tem contribuído para o mercado do agronegócio nestes 60 anos.”

Miguel Tobal Júnior
Agência 1

“O crescimento e o sucesso são conseqüências da competência. Muito sucesso.”

Raphael Nakasima
Gerdaü

“Cumprimos pelos 60 anos de A Granja. É um feito extraordinário num País como o nosso. Desejo que continuem trilhando nessa trajetória de sucesso. Dedico esta frase a todos da revista: “Todo grande sonho não nasce sozinho. Cada pedaço da realização tem o esforço, a dedicação e a harmonia de quem sonhou junto”. Abraços a todos.”

Nivaldo Luchetti
Indax Advertising Comunicação

“A revista A Granja tem a marca do compromisso com a verdadeira informação, a valorização do produtor rural e a divulgação do desenvolvimento tecnológico e econômico do agronegócio gaúcho e brasileiro, desde o lançamento da sua primeira edição, em fevereiro de 1945, até os dias de hoje. Parabéns à toda a equipe e direção.”

Pery Sperotto Coelho
Presidente do Instituto Riograndense do Arroz (Irga)



“Parabéns pelo 60 anos acompanhando o crescimento do agronegócio brasileiro.”

Luiz Alberto Moreira Silva
Luft Precision Farming

“Parabéns pelos 60 anos. Que venham pelo menos mais 60.”

Evandro Rocha
Image Express

“Parabéns pelos 60 anos desse importante veículo de comunicação que acompanhou as diferentes etapas do desenvolvimento da agricultura gaúcha e brasileira e continua divulgando todos os avanços do agronegócio.”

Rui Polidoro Pinto
FecoAgro/RS

“Saúdo A Granja pela passagem do 60º aniversário de uma publicação que se tornou referência para o agronegócio brasileiro.”

Aníbal Bertolla Júnior
Associação Brasileira dos Defensivos Genéricos (Aenda)

“Um grande abraço com votos de felicidade.”

Fernando Penteado Cardoso
Fundação Agrisus





“O Grupo Kepler Weber dá os parabéns à Editora Centaurus e ao seu presidente por seus 60 anos de sucesso.”
Adriano Mallet
Kepler Weber

“Felicitos pela data. Não é com pouco passado que se chega há mais de meio século de informação num segmento que só agora atinge o seu reconhecimento. Parabéns.”

Marisa Rodrigues
Activa Press

“Parabéns pela qualidade do trabalho e espero sempre poder participar em suas edições.”

Rogério Sasaki
General Motors do Brasil

“A Matsuda parabeniza a Revista A Granja pelos seus juvenis 60 anos. Num mundo competitivo e globalizado é um grande feito poder comemorar tão longa vida empresarial.”

Helena Matsuda
Matsuda Sementes e Nutrição Animal



“Desejamos que a Revista A Granja continue crescendo e trazendo grandes matérias e informações sobre o agronegócio.”

Mariana Mira e Valdirene Andreassa
F Meconi Com. Design

“Fazer 60 anos é um feito muito especial, assim como a revista.”

Méuri Rodrigues da Silva
Gerdau



“Felicitos A Granja, publicação sempre na vanguarda dos assuntos do agronegócio. Receba nossas felicitações pelos 60 anos de excelente trabalho e serviço prestado à produção brasileira.”

Duarte Nogueira
Secretário de Agricultura de São Paulo

“Uma grande revista! Ferramenta do desenvolvimento do agronegócio. Parabéns.”

Antonio Floriano Pesaro
Secretário Adjunto da Casa Civil/SP

“Os supermercados são responsáveis por 85% do abastecimento da população brasileira e as parcerias com o setor primário são fundamentais para o bom atendimento de nossos consumidores. A revista A Granja tem realizado um excelente trabalho ao longo de 60 anos, informando o empresário sobre os principais fatos da área. Por isso não poderia deixar de agradecer aos que consolidaram esta publicação e desejar muito sucesso para os próximos anos. Parabéns!”

João Carlos de Oliveira
Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS)

“Sucesso A Granja. Desejo mais 6000...vezes sucesso!”

Priscilla Masella
Marketronics

“Família A Granja, estamos juntos nesses tantos e bons anos e, certamente, tantos outros nos esperam. Muito sucesso a todos.”

Michel Santos
Bunge Fertilizantes



“Parabéns A Granja pelo sucesso e empenho, ajudando no desenvolvimento e informação do agronegócio brasileiro.”

Ana Elisa Galhano
BASF S/A Divisão de Agroquímicos

“A Granja está 60 anos mais moderna. Cumprimentos do Governo do Estado do Rio Grande Sul.”

Odacir Klein
Secretário de Agricultura do Rio Grande do Sul



“Parabenizo a Revista A Granja pelos seus 60 anos de existência. Tenho a convicção de que ao longo de sua existência a revista em muito contribuiu para o engrandecimento do agronegócio nacional.”

Otávio Hermont Cançado
Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec)



“Parabenizamos A Granja pelos seus 60 anos, e desejamos que esse importante veículo difusor de tecnologias e informações para o produtor continue a contribuir para o sucesso do agronegócio brasileiro, por muitos anos mais.”

Ywao Miyamoto
Associação Brasileira dos Produtores de Sementes (Abrasem)

“Parabéns a esse grande parceiro da nossa agricultura.”

Luiz Suplicy Hafers
Fazenda Jamaica, Ribeirão Claro/PR

“Nossos cumprimentos pelo aniversário da Revista A Granja, cuja marca emblemática dos 60 anos que foi alcançada, representa a conquista da maturidade, credibilidade e confiança dos seus leitores, além de constituir-se num veículo de comunicação que fortalece o setor do agronegócio do Brasil.”

Itamar Bernal
Santander Banespa

“Parabéns a toda equipe de A Granja pela contribuição à agricultura e ao nosso País.”

Maurício Marques
BASF Agro Brasil



“À Revista A Granja, que muito tem contribuído com o cenário agrícola brasileiro, sucesso que vem junto ao crescimento do nosso País.”

Caio Sanches
Ford Motor Company Brasil



“Os 60 anos de circulação da Revista A Granja engrandecem ainda mais todos os integrantes do agronegócio brasileiro, segmento que é retratado com tanto esmero e conhecimento nas páginas desta publicação tão histórica. Cumprimentamos a direção e os funcionários da revista, desejando vida longa com milhares de exemplares.”

Caio Tibério da Rocha
Emater/RS

“Parabéns à Revista A Granja pelo dinamismo e vanguarda na imparcialidade e vocação.”

Walmir Fernandes Segatto
Santander Banespa



“A Granja é importante estimuladora do desenvolvimento que a agropecuária brasileira vem registrando em qualidade e produtividade nas últimas seis décadas, contribuindo, assim, para que o País se encaminhe para a liderança que lhe cabe na produção mundial de alimentos.”

Renan Proença
Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs)



“Contribuir para o sucesso do agribusiness sempre foi um grande desafio. E A Granja fez isso muito bem nesses 60 anos.”

José Tonon Júnior
Jacto S/A

“Que o sucesso alcançado nesses 60 anos perdure por muitos anos.”

Flávio Marques
Irmãos Thönnigs

“Parabéns por esta conquista. Me enche de orgulho saber que mesmo em um pedacinho bem pequeno, eu participei dela.”

Carlos Saviani
Merial Saúde Animal

“Nosso parabéns pela condução profissional e brilhante desta revista que tem sido um ícone em nosso segmento.”

Werner Santos
AGCO do Brasil



“Nas últimas seis décadas, A Granja se consolidou como uma referência na cobertura dos assuntos ligados ao agronegócio – desde quando esse termo ainda não havia sido criado e o meio rural era visto pelos brasileiros urbanos como sinônimo de atraso e ineficiência. Com sua cobertura aprofundada e competente dos assuntos relativos ao campo, a revista tem contribuição fundamental na construção da principal riqueza brasileira ao longo desses 60 anos.”

Valentino Rizziolli,
CNH Latino-Americana

“A Revista A Granja é um bom exemplo de leitura a vários anos. Parabéns pelos 60 anos.”

André Magalhães Pinto
Federação da Agricultura do Estado de São Paulo

“Parabéns por esta vitória”.

Julio Castanheira
Jacto S/A

À equipe A Granja os meus parabéns e carinho pela persistência e brilhantismo no agronegócio. Todo este trabalho nos leva a acreditar que estamos no caminho certo.”

Teresa Sanches Ferreira
Dow Agrosciences

“Parabenizamos a revista A Granja pela sua ação constante na busca da conscientização do produtor rural sobre a necessidade da correção dos solos ácidos brasileiros, elevando de maneira sensível a rentabilidade agrícola.”

Oscar Alberto Raabe
Associação Brasileira dos Produtores de Calcário Agrícola (Abracal)



“Bela senhora, parabéns!”

Axel Richard e Rosângela
Ploêncio
USW/LINK

“Quando a Farsul tinha 17 anos, viu nascer uma revista essencialmente dedicada ao setor. Nestes 60 anos, A Granja cumpriu seu papel com qualidade, e se tornou um documentário do País, levando incremento ao setor produtivo”.

Carlos Sperotto
Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul)



“O agronegócio responde por 33% do Produto Interno Bruto (PIB), 37% dos empregos e 42% de todas as exportações. O Brasil dispõe de 388 milhões de hectares de terras agriculturáveis, das quais 90 milhões ainda não foram explorados. Estes breves números são suficientes para demonstrar a importância do complexo produtivo. É, sem dúvida, um setor que merece respeito e tratamento diferenciado. Parabéns pela Revista A Granja, há 60 anos um parceiro fiel aos interesses nacionais.”

Jerônimo Göergen
Comissão de Agricultura, Pecuária
e Cooperativismo da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul

“Nenhuma revista permanece durante 60 anos por acaso. Certamente essa longevidade é fruto de muito trabalho, competência e qualidade.”

Rogério Silveira
Banco do Nordeste – BNB



“Uma empresa de sucesso que deve permanecer por muito tempo.”

Afonso Zucarato
Nort\West

“A economia gaúcha, que tem na agricultura e pecuária um elo importante em sua diversificada cadeia de produção, está retratada nas páginas da revista A Granja, que além de mostrar o cenário, faz uma análise sobre o futuro e traça os caminhos a serem seguidos.”

Paulo Afonso Feijó
Federação das Associações Comerciais e de Serviços
do Rio Grande do Sul (Federasul)



“A Agripec sente-se muito orgulhosa de poder estar junto com este importante órgão de divulgação de nosso meio de negócios na comemoração de seus 60 anos de existência. A longevidade alcançada pela A Granja é uma raridade na idade média das empresas brasileiras, o que demonstra a competência e determinação de seus dirigentes. Parabéns.”

Wilson Hernandes
Agripec

“Aos 60 anos A Granja, mais do que jovem e atual, é a própria história do agronegócio. Acreditar antes é acreditar sempre. Clientes e anunciantes sabem disso.”

Carlos Bonilla
Agrex do Brasil



60 anos de permanente renov

A Granja reuniu em noite de festa em São Paulo seus amigos que foram brindar a passagem dos 60 anos da mais antiga revista do Brasil

Lá se vão seis décadas de uma bem-sucedida união entre conteúdo editorial, qualidade da informação e atualização gráfica. Um pioneirismo no mercado jornalístico agrícola brasileiro, que leva o nome de **A Granja**, a mais antiga publicação do País. Tudo começou em janeiro de 1945, com o exemplar número 1. Desde então, o que se vê é a prestação de serviço ininterrupta ao agricultor brasileiro.

Para comemorar seus 60 anos, **A Granja** reuniu em 1º de dezembro em São Paulo, no Hotel Intercontinental, antigos e novos parceiros, amigos e autoridades do cenário agrícola nacional. Uma noite de festa para celebrar o aniversário de uma publicação que des-

de o seu primeiro exemplar carrega à risca o seu lema: quem lê **A Granja** sabe primeiro.

Em seu pronunciamento aos convidados, o anfitrião Hugo Hoffmann, diretor-presidente de **A Granja**, lembrou o lançamento da revista em Porto Alegre/RS, fundada por Arthur Fabião Carneiro, homem que teve a percepção de antever novos horizontes ao setor agrícola no pós-Guerra. O pioneirismo da publicação, a primeira a adotar o formato 21 cm x 27 cm – com dimensões semelhantes à publicação norte-americana *Time* – e a oferecer serviço de assinatura de forma consistente e contínua. Levar a notícia em primeira mão ao produtor rural, onde quer que ele

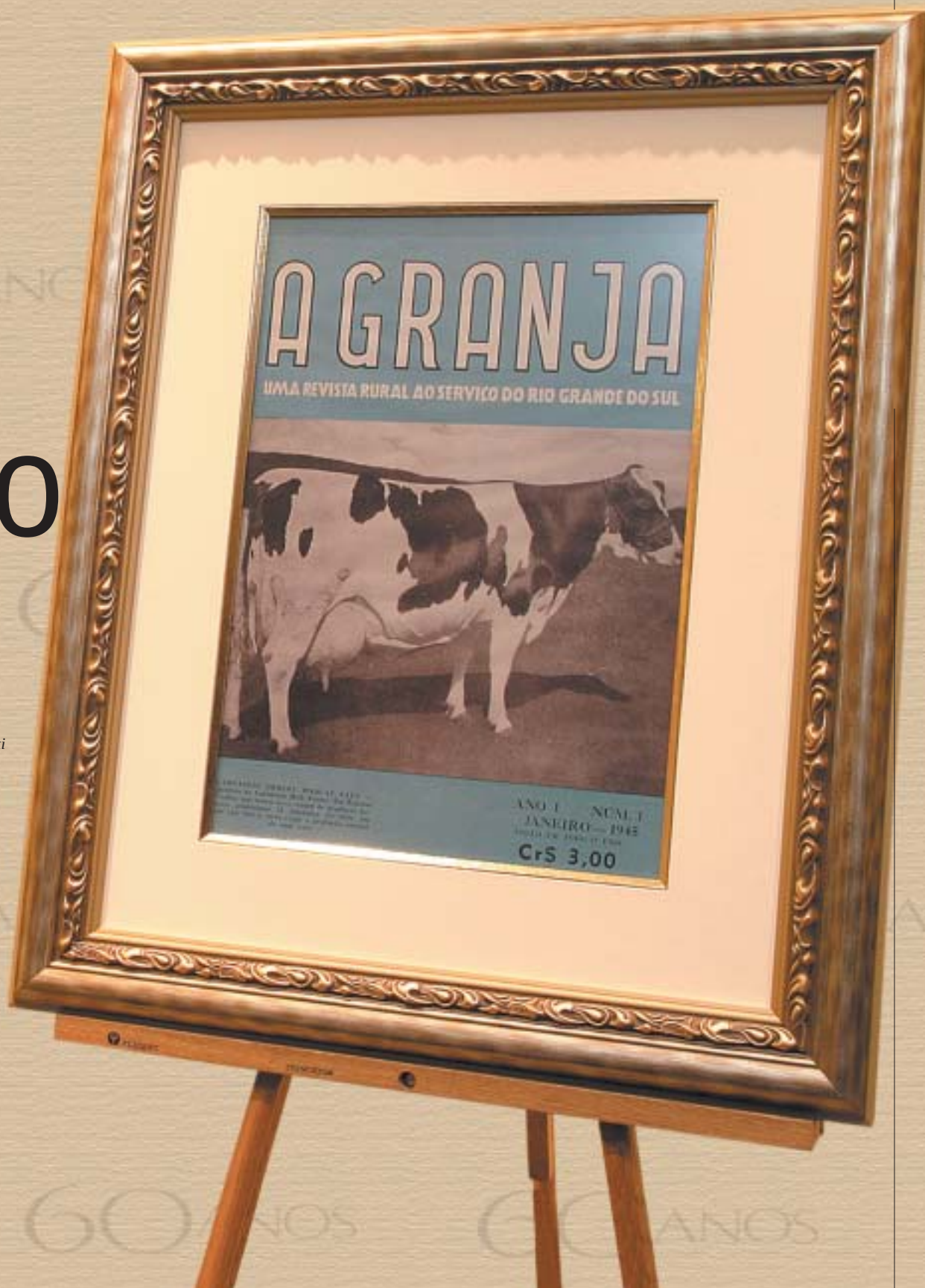
esteja, é um compromisso permanente da revista, tanto que ao longo dos anos vem colecionando o *status* de pioneira em abordar temas de relevância ao agro-negócio brasileiro, entre eles, plantio direto na palha, agricultura de precisão, integração lavoura-pecuária, transgênicos, o conceito de agricluster, entre tantas outras inovações que **A Granja** sempre apresentou em primeiro lugar.

De acordo com Hoffmann, foi em 1967 que a nova fase editorial da revista começou a ser construída. “Esse foi um grande desafio, pois tínhamos que dar fôlego ao empreendimento”, recorda. O desafio foi superado e mais tarde novos produtos foram incorporados, enriquecendo as opções edito-



ação

Fotos: André Conti



riais aos leitores. Este é o caso do anuário **A Granja do Ano**, um guia de produtos e serviços,

com reportagens sobre o cenário agrícola das principais culturas, que em 2005 completa 20 anos. “O Guia, de permanente consulta, veio atender a uma lacuna no mercado agrícola. Uma indispensável publicação de cabeceira do produtor rural”, diz Hoffmann. N’**A Granja do Ano** também estão presentes os 25 agroempreendedores que se destacaram em seus respectivos segmentos, escolhidos pelo voto direto dos leitores, onde os eleitos recebem o troféu **Destaque A Granja do Ano**. Outra publicação em circulação que em 2005 irá completar 8 anos é a revista **AG Leilões**, que de um caderno anexo à revista **A Granja** se transformou em uma revista própria e especializada em pecuária e genética de elite.

Hugo Hoffman sintetizou as experiências vividas em décadas: “tivemos a sorte geográfica de estarmos bem perto de onde as revoluções tecnológicas do campo aconteceram e vão continuar a acontecer”. Citou como exemplo o início do plantio profissional de trigo no Rio Grande do Sul, que passou a exigir o uso de máquinas tanto no plantio como na colheita. “Como consequência, acompanhamos a instalação da primeira fábrica de tratores próxima a Porto Alegre, em Canoas. Acompanhamos também a entrada em operação da primeira colheitadeira brasileira em Horizontina/RS, e, em Passo Fundo/RS, a inauguração da primeira empresa do País a fornecer equipamento de plantio direto. Estivemos sempre juntos das grandes evoluções, acompanhando e recebendo estímulos dessas empresas.”

A história da revista **A Granja** se confunde com a própria epopéia dos agricultores gaúchos, um contingente de mais de 1,2 milhão de produtores que há décadas saem além-fronteiras para desbravar novos grotões para o cultivo de soja, possibilitando o aumento do desenvolvimento no campo com a superação de desafios e a geração de riquezas. Gaúchos

Hugo Hoffmann, diretor-presidente d’A Granja, relatou os episódios mais marcantes da revista na festa de 60 anos da publicação



estes – já na sua terceira geração –, que hoje espalhados pelo Brasil, têm **A Granja** como fiel fonte de informação. Credibilidade que também se reverte em números, onde 20% dos produtores que hoje assinam

a revista o fazem pelo período de três anos. “Ao longo de toda essa trajetória, a revista sempre se identificou com o meio rural, conhece a linguagem, as preocupações e os pleitos do produtor brasileiro”, salienta Hoffmann.

A palavra dos patrocinadores — O aniversário de 60 anos da revista **A Granja** contou com o apoio das empresas AGCO do Brasil, Agripec Química e Farmacêutica e Basf, tradicionais parceiros ao longo dos anos. De acordo com o diretor de marketing da Basf, Maurício Marques, os 60 anos d’**A Granja** são a consolidação de um trabalho que tornou a revista um dos mais importantes veículos. “Quando falamos do sucesso da agricultura brasileira, **A Granja** está inserida.”

Para o vice-presidente e superintendente da Massey Ferguson/AGCO para a América do Sul e Central, Normélio Ravanello, **A Granja** é uma revista que tem papel fundamental no agronegócio. “É a mais antiga e tradicional do setor e que tem acompanhado de perto vários momentos da história da agricultura brasileira. Entre tantas histórias que podem ser contadas, **A Granja** foi testemunha e divulgadora dos 43 anos da nossa empresa e da evolução do setor de mecanização.”

O diretor de marketing e negócios da Agripec, Wilson Hernandes, ressaltou que a representatividade da revista é o que garante a sua longevidade. “Não é fácil num País com tanta variabilidade de situações econômicas, a sobrevivência de um negócio de 60 anos. Isso representa a seriedade de como são conduzidos os assuntos pela direção da empresa, assim como os temas de interesse que são lidos pelos leitores da revista”, afirmou.

01 O trio comandado pelo pianista Mario Farah deu o fundo musical ao evento com sua natural categoria

02 Eduardo Hoffmann, Luiz Hafers, Luiz Alberto Silva e Maurício Marques

03 Amílcar Rostro Ribeiro, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, Hugo Hoffmann, Duarte Nogueira, Odacir Klein e Antonio Floriano Pesaro

04 Marcus Vinícius Pratini de Moraes e Hugo Hoffmann

05 Fernando Penteado Cardoso, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, Hugo Hoffmann e Luiz Hafers

06 Duarte Nogueira e Antonio Floriano Pesaro

07 Oswaldo Oliva Castillo e Antonio Carlos Moreira

08 Gilberto Ferreira, Claudio Ramos e Joil Assis Baldovinotti

09 Maurício Marques, Eduardo Hoffmann e Odacir Klein

10 Claudio Ramos, Rosângela Ploêncio e Gilberto Ferreira

11 Adriano Mallet, Maria Cristina Centeno, Amílcar Rostro Júnior e Eduardo Hoffmann

12 Gilberto Ferreira, Claudio Ramos, Flávio Irokawa e José Geraldo Caetano

13 José Maria Neves, Flávio Marques, Ingrid Marques e Gustavo Hoffmann

14 Marcus Vinícius Pratini de Moraes, Fernando Penteado Cardoso e Luiz Hafers





O agronegócio é nosso

Os excelentes resultados alcançados pelo agronegócio brasileiro nos últimos anos, no mercado interno e externo, foi a tônica do discurso do ex-ministro da Agricultura e presidente da Abiec. Pratini de Moraes mantém o otimismo em relação ao desempenho do setor nos próximos anos, calcado em fatos que garantem a soberania nacional diante da produção agrícola mundial. “O mundo precisa do Brasil para comer, não podemos ter um ciclo agrícola menos brilhante, não há espaço para pessimismo. O que vamos assistir é o mundo precisando da soja brasileira. A demanda mundial necessita de 5 a 6 milhões de toneladas adicionais por ano e aqui há terra, aqui há tecnologia. O agricultor brasileiro é capaz de produzir e não tem medo de enfrentar os desafios de mercado.”

Pratini diz que o Brasil está crescendo e, graças ao agronegócio, o País garante saldo na balança comercial. “O agronegócio é um dos grandes instrumentos do avanço tecnológico do País, por isso, parabenizo todos os produtores que contribuem positivamente para o desenvolvimento dessa cadeia produtiva. Somos líderes na exportação do açúcar, da soja, do suco de laranja, da carne de frango e bovina, gerando divisas de mais de US\$ 30 bilhões/ano, o que nos torna o segundo maior exportador mundial de alimentos. E anote: em oito anos vamos superar os Estados



Pratini de Moraes aproveitou o repleto auditório e fez um vigoroso discurso, acentuando seu otimismo em relação à agricultura brasileira diante do mundo e do mercado interno

Unidos, o maior exportador atualmente.” Pratini de Moraes salientou a importância da revista **A Granja** como veículo propagador de informação ao homem do campo. “No período em que fui ministro da Agricultura, a revista foi um veículo de comunicação eficaz para transmitir e avaliar as posições do governo, a opinião dos produtores, as tendências e as novas tecnologias. Tivemos uma experiência construtiva com esse veículo especializado, de forma que a comemoração destes 60 anos representa décadas de sucesso e de compromisso com o agronegócio brasileiro.”

O presidente da Abiec foi homenageado pela direção da revista **A Granja**, ao receber de Hugo Hoffmann placa honorífica em reconhecimento ao seu trabalho à frente do Ministério da Agricultura: “Ao homem que deu nova dimensão ao agronegócio do Brasil, o reconhecimento, a gratidão e a homenagem especial dos leitores de **A Granja**.” “Nós que levamos a revista a todos os produtores rurais nos sentimos eventualmente no direito em fazer essa homenagem em nome de todos esses anônimos que estão espalhados pelo País”, disse Hoffmann. ■



A revista **A Granja** fez uma homenagem ao ex-ministro da Agricultura Pratini de Moraes

- 15 Amílcar Rostro Júnior, José Carlos Alberto Ferreti e Walmir Fernandes Segatto
- 16 Eduardo Daher, Luiz Roberto Lee Pinto, Teresa Sanches Ferreira, Axel Richard e Rosângela Ploêncio
- 17 Maria Cristina Centeno e Maria Izabel Bonilla
- 18 Daniel White, Maria Izabel Bonilla, Carlos Bonilla, Antonio Carlos Moreira, Oswaldo Oliva Castillo e Altair Albuquerque
- 19 Márcio Yamamoto, Valdirene Andreassa, Maria Elisa de Lucca, Raphael Nakasima e Méuri Rodrigues da Silva
- 20 Flávio Marques, Ingrid Marques, Margarete Cardoso Hernandez, Wilson Hernandez, Luiz Alberto Silva e Anibal Bertolla
- 21 André Magalhães Pinto, Antonio Floriano Pesaro e Rodrigo Martelletti
- 22 Amílcar Rostro Júnior, José Carlos Alberto Ferreti, Walmir Fernandes Segatto e Cláudio Costa
- 23 Antônio Garcez, Daniel White, Hugo Hoffmann, Carlos Bonilla e Maria Izabel Bonilla
- 24 Marcelo de Castro, José Tonon Júnior, José Geraldo Caetano, Carla Machado e Evandro Rocha
- 25 José Geraldo Caetano, Cláudio Costa e Eduardo Hoffmann
- 26 Rodrigo Martelletti, Michel Santos, Idalina Santos, Roberto Fravet e Eduardo Hoffmann
- 27 Carlos Bonilla, Hugo Hoffmann, Cláudio Costa, Werner Santos e Amílcar Rostro Júnior





ANÚNCIO

ANÚNCIO



ESPECIAL

OS CAMINHOS DA AGR

Um novo ano se inicia e com ele a expectativa de boas notícias para o agronegócio brasileiro, que a cada ano vem ganhando importância na geração de renda, emprego e superávits na balança comercial. A crescente expansão e qualificação da agricultura abrem ao País a maior possibilidade de alcançar uma posição privilegiada no cenário mundial, na condição de grande exportador de alimentos. No mercado interno, a profissionalização, o avanço das pesquisas e, especialmente, o empreendedorismo de homens do campo dão o fôlego necessário para levar o agronegócio brasileiro ao topo do mundo. Uma pequena amostra dessa revolução que toma conta do campo está retratada nas páginas seguintes, através do ponto de vista e experiência de produtores e especialistas das mais diversas regiões agrícolas do País. São informações valiosas sobre as tendências da agricultura para 2005 em 21 segmentos:

- Soja
- Trigo
- Arroz
- Cana-de-açúcar
- Milho
- Algodão
- Citricultura

- Horticultura
- Café
- Logística
- Armazenagem
- Máquinas agrícolas
- Insumos
- Terras

- Irrigação
- Meio ambiente
- Agricultura familiar
- Crédito
- Mercado interno
- Mercado externo
- Biotecnologia

ICULTURA BRASILEIRA



Ano de muitos DESAFIOS

O aumento dos custos de produção, em especial do maquinário e dos insumos, aliado ao desabamento da cotação internacional e à queda do dólar, promete fazer do ano que acaba de iniciar um grande desafio para quem produz soja. Como para o produtor Luiz Ortolan Salles, de Rondonópolis/MT

O produtor agrícola brasileiro é um especialista nas imprevisibilidades e adversidades. Ótimo, pois o que vem por aí não é muito animador num horizonte a curto prazo. Especialmente para quem planta soja. A cotação tem descido a ladeira, os custos dispararam e, para piorar, o câmbio nunca esteve tão desfavorável nos últimos tempos. E ainda há a ferrugem asiática, que exige pulverizações extras, rondando as lavouras. Sem contar que ninguém sabe ao certo quais serão os efeitos do fenômeno *El Niño* nos próximos meses. Portanto, para superar tudo isso e chegar vivo ao final de 2005 — e com saldo positivo nas contas, só mesmo a capacidade do empresário agrícola brasileiro de superar crise após crise a ponto de ter tornado o agronegócio um exemplo ao País de setor bem-sucedido.

O cenário que se desenha tem preocupado Luiz Antonio Ortolan Salles, que cultiva com o pai, Adão Riograndino Mariano Salles, e os irmãos, José Rogério e Álvaro Lourenço Ortolan Salles, 6 mil hectares de soja, 800 de algodão e 210 de milho na fazenda da família, a São Carlos, em Rondonópolis/MT, além de mais 2 mil hectares de soja e 2.500 hectares de algodão em terras arrendadas, em Campo Verde/MT. Para enfrentar o mau momento, os Salles apostaram na diversificação. Na atual safra, após três

anos voltaram a investir no algodão. Foram 500 ha retirados da soja, e outros 700 da oleaginosa deverão ser transformados em algodão na safra 2005/2006. “Pretendemos chegar a um terço de nossas áreas com algodão e milho, áreas que nesse momento estão como a soja, sem margem para se trabalhar”, revela. “Mas espero que esse quadro se reverta logo.” Mais do que diversificar a parte econômica do negócio, a idéia também é aumentar a variação de culturas, ou seja, a implementação da agronomicamente recomendável rotação de culturas.

Vacas magras — O presidente da consultoria Brasoja, de Porto Alegre/RS, Antônio Sartori, destrincha o cenário da soja para 2005. Mas fez questão de esclarecer que o panorama é apresentado no início de dezembro de 2004. Em um mês muito pode mudar. “Volatilidade é o nome do jogo”, define. Os estoques mundiais do grão saltaram de 39,1 milhões de toneladas em 2004 para prováveis 61,4 milhões de toneladas em 2005. “É o maior estoque de soja do mundo na história”, lembra. A estatística é resultado da ampliação da safra norte-americana (já colhida), de 65 milhões para 85 milhões de toneladas; mais a possível expansão da colheita brasileira, de 52 milhões para 63 milhões; e a argentina, de 35 milhões para 39 milhões. Somado à produção de outros países, o resumo é que a produção mundial saltará de 189,5 milhões de toneladas para 230,1 milhões.



Câmbio, custos e ferrugem obrigaram Salles, produtor em MT, a diversificar a lavoura com o plantio de algodão

O consumo também crescerá, de 190 milhões para 207 milhões. Portanto, haverá um excesso de oferta de 23 milhões de toneladas, sendo que em 2004 a relação oferta/procura se equivaliu. Ou seja, está explicada a depressão das cotações. Em 12 de maio de 2004, o *bushell* de soja em Chicago foi cotado a US\$ 10,60, ante os US\$ 5,28 de 6 de dezembro. “A fotografia do horizonte, hoje, é de vacas magras”, anuncia Sartori. “Mas em janeiro pode estar diferente”, disse, um mês atrás. E por quê? Os chineses haviam anunciado que em 2004 comprariam 23 milhões de toneladas, mas só buscaram no mercado externo 17 milhões. Assim, poderão aproveitar a cotação atraente e abarrotar seus estoques. Além disso, a ferrugem asiática chegou às lavouras norte-americanas, ainda que ninguém consiga prever o que isso significará em perdas na próxima safra. Na América do Sul, o *El Niño* poderá causar perdas. Por estas três variantes, o preço da soja teria boas chances de subir de novo.

Muita reza — Pelas dificuldades que se avizinham, Salles confidencia: “A gente tem rezado muito. Não dizem que Deus é brasileiro?”. Para ele, caso as conjecturas se confirmem, realmente, ao final da próxima safra, haverá um descompasso entre receita e despesa. “A previ-

ção é de dificuldade”, prevê. Os custos de insumos como adubo já não têm mais como serem reduzidos (afinal, já foram usados), enquanto a ferrugem exigirá uma aplicação de fungicida a mais em alguns casos, além das duas já previstas. Mas Salles entende que o governo poderia colaborar para que o agronegócio não ficasse eternamente refém da conjuntura internacional. Além de ser omisso, segundo ele, por vezes Brasília atrapalha. Ele cita o caso da vitória brasileira no painel do algodão na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra os subsídios dos Estados Unidos. “Derrotamos, ótimo, mas deveríamos ter continuado nossos trabalhos calados sem alarido. Porém, nos vangloriamos demais”, entende.

Diante das dificuldades que já aportaram e prometem ampliar-se no agronegócio brasileiro, o produtor entende que o Poder Público poderia fazer muito mais. Na visão dele, duas ações alavancariam o setor: diminuição dos impostos e melhoria das condições de logística e transporte. “As estradas não melhoram, os portos não melhoram”, lamenta Salles. Ele lembra que o constante aumento dos combustíveis tem uma vítima certa: “Quem paga somos nós”. A incidência dos tributos leva às nuvens o preço dos insumos. Ele esclarece que no Paraguai o

preço dos defensivos equivale a um terço do cobrado no Brasil. “A explicação são os impostos. O governo poderia reduzir”, sugere. Salles ainda critica o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, que deu razão aos chineses quando eles mandaram dar meia volta os navios de soja brasileira ao alegarem que as cargas estavam contaminadas com fungicida.

Paralelamente aos problemas além fazenda (muitos além-fronteiras), ele, os irmãos e o pai investem nas melhorias de cultivo para aumentar a produtividade. Atualmente, a média de produção tem sido de 50 sacas por hectare, uma produtividade que ele considera perfeitamente superável. “Tem espaço para melhorar”, garante. “Não fosse a ferrugem, a produtividade teria atingido 60 sacas”, garante. O plantio direto foi adotado em quase todas as lavouras dos Salles (algumas glebas na área arrendada ainda estão no convencional). “O plantio direto melhora o solo e conserva o meio ambiente”, justifica. A palhada é formada por milheto e sorgo, além dos recém-introduzidos capim-sudão e braquiária. Mais uma melhoria aplicada às lavouras da família que deixou o Paraná em 1971. O pai, Adão Riograndino, foi pioneiro em Rondonópolis.

Ferrugem: um mal a ser enfrentado — A ferrugem causou perdas em torno de 10% na safra passada na propriedade deles. Salles revela uma comparação feita na fazenda: mil grãos da oleaginosa sadios pesaram 170 gramas, enquanto a mesma quantidade de grãos atingidos pelo fungo não passaram de 100 gramas. “Ela não perdoa mesmo”, admite. Mas reconhece um erro estratégico: “Nós fizemos o controle pensando mais no curativo; teria que ter sido mais no preventivo”. Para a atual safra, a idéia é manter a ferrugem sob implacável controle. “A qualquer sintoma, aplicaremos o fungicida. Não vamos esperar. A estratégia será mudada”, revela. Em 200 ha da área arrendada, a soja com menos de 50 dias já exigiu uma pulverização por causa da doença. Ele estima que a despesa da aplicação extra (a terceira) somada ao custo do avião consome duas sacas por hectare. “A ferrugem é um sócio que veio para ficar.” ■

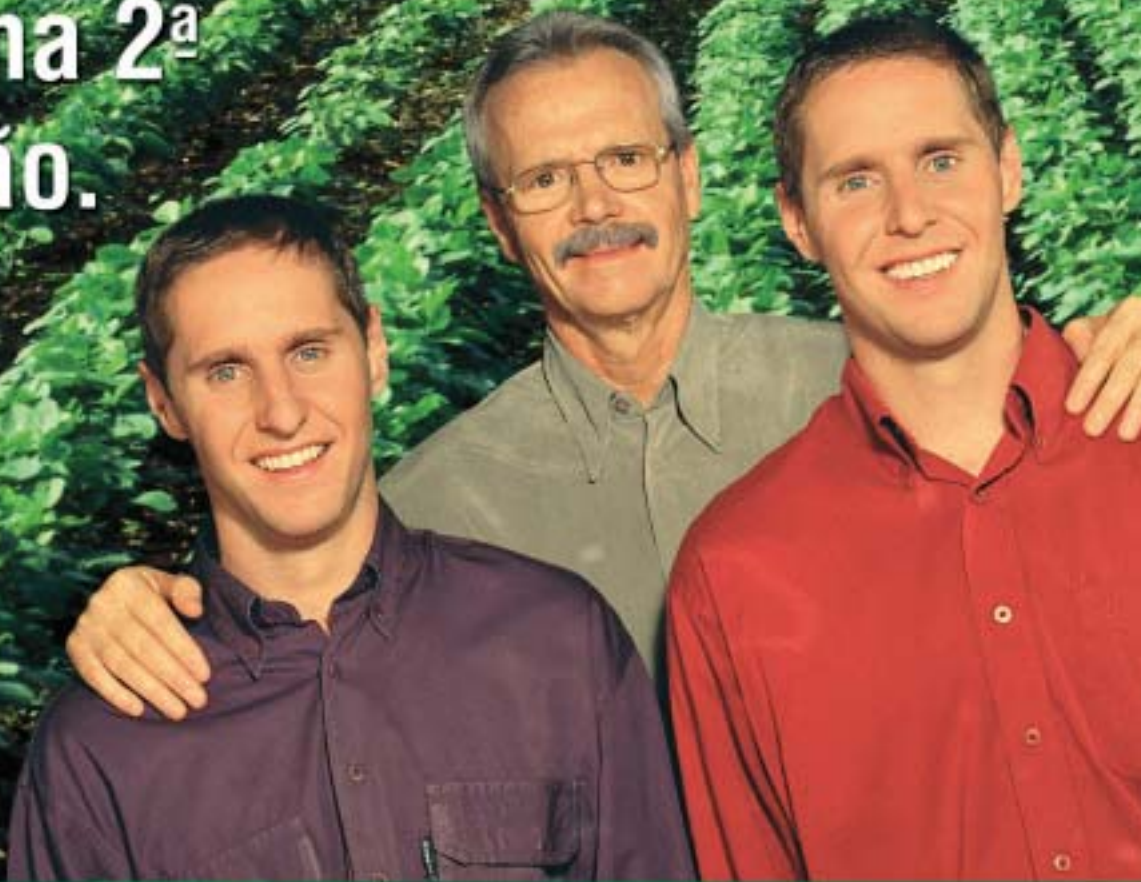


A Gramma

Estoques mundiais devem saltar de 39,1 milhões para 61,4 milhões de toneladas, considerado o maior volume da história

Não faça experiência. Exija experiência.

Exija Opera[®] na 1ª e na 2ª aplicação.



Opera[®]

A opção pela produtividade

ATENÇÃO
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e no manual. O uso sem o equipamento de proteção individual (EPI) pode causar a utilização de produtos com efeitos de longo prazo.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo

ANVISA

Venda sob responsabilidade da Agrovendas

PRATIQUE O MANEJO INTEGRADO



Cultivando Inovação,
Criando Valor

BASF
The Chemical Company

Quem gera o pão merece **MAIS APOIO**

O trigo do nosso santo pão de todo dia também será uma cultura abençoada em 2005 para os que a cultiva? Haverá condições para se obter uma boa safra e, principalmente, como será a remuneração da colheita? Independentemente das projeções otimistas ou pessimistas, o produtor **Ciro Davi Brolini Dellê**, da Fazenda Rio Quadrado, deverá plantar a mesma área da safra passada, em Pinhão/PR: pouco mais de 80 ha. “A não ser que o preço se mantenha muito baixo e não dê perspectiva de o trigo ser lucrativo”, revela. Dellê manterá a norma de anos anteriores, e vai dedicar ao trigo quase um terço da área destinada à soja no verão. Ele cultiva 300 ha de soja e 200 ha de milho e, no inverno, o que não é ocupado pelo trigo recebe gado. O cereal é bastante “popular” na sua região, estimulado pelo apoio de duas

cooperativas: a Coamo e a Agrária. Dellê, que é veterinário, é associado da Coamo e planta o trigo desde 1999.

Ainda faltam seis meses para o próximo plantio, pois em Pinhão, no centro-sul do Estado, a semente do cereal vai ao solo em julho, mais tarde que em outras regiões paranaenses. Assim, diminuem em muito as chances de perdas causadas por geadas. “De 2000 para cá o clima tem colaborado. Não houve grandes frustrações de safra. Apenas alguns veranicos”, comenta o produtor. Na verdade, as únicas frustrações no período foram as mesmas de sempre: preço lá embaixo. Atualmente, a cotação do trigo não cobre a despesa para produzi-lo. Principalmente por causa do aumento espantoso do custo de insumos e máquinas durante 2004. “A margem diminuiu muito”, lamenta. “Diesel, maquinário, insumos... tudo aumentou.” É por isso que a intenção de plantio de Dellê em

2005 ainda está em suspenso. “Vai depender dos preços.”

O produtor fez um cálculo e chegou à seguinte conclusão: apenas em insumos a saca do trigo que deixou a sua lavoura em 2004 custou entre R\$ 19,00 e R\$ 21,00. Sem contabilizar os gastos com mão-de-obra e maquinário. Já a remuneração ficou em R\$ 19,50. Portanto, mesmo sem fazer um levantamento preciso das despesas, é certo que houve prejuízo. Principalmente porque o produtor não poupou investimentos em tecnologia. “Eu utilizei adubação pesada”, exemplifica. Sua produtividade variou nos talhões entre 3 mil quilos/hectares a 3.680 quilos/hectares. No caso da produtividade máxima, o custo de produção diluído caiu para R\$ 17,00 à saca. Quando por ocasião desta entrevista, início de dezembro, Dellê não tinha colhido toda a safra e, portanto, não havia feito o cálculo de rentabilidade. “Em 2003 foi um ano bom, mas em



A triticultura brasileira deu uma virada histórica recentemente, ao exportar pela primeira vez.

Mas o setor ainda carece de um amparo digno de sua relevância para a sociedade brasileira. Ou a atividade se sustentará apenas por abnegados como Ciro Davi Brolini Dellê, de Pinhão/PR, que dedica sempre um terço da área de soja ao cereal no inverno

2004 o preço dos insumos subiu muito e o do trigo caiu”, lastima-se.

Mas, numa avaliação mais ampla, Dellê considera vantajoso cultivar trigo em razão dos benefícios agrônômicos e econômicos que o cereal propicia à fazenda como um todo, assim como também ao solo. “É uma boa opção para o inverno. Você ganha no sistema”, resume Dellê o motivo de cultivar trigo mesmo em tempos que o mercado se mostra tão nefasto. “A gente vê o trigo como uma boa alternativa para a propriedade.” São várias as vantagens e ele lista ao menos quatro. Uma delas é a opção ao pastoreio com o gado, pois os animais pisoteiam o solo e o deixam compacto. Portanto, é re-

Alta dos custos e baixa remuneração colocam em dúvida a intenção de plantio de Dellê, produtor no Paraná

comendável, no mesmo espaço, fazer um rodízio entre trigo e boi. “É um descanso ao solo”, argumenta. Outro benefício: o trigo também funciona como uma excelente alternativa para a rotação de culturas com a soja.

Além disso, ao plantar trigo no inverno, Dellê consegue tirar da ociosidade a sua mão-de-obra e o maquinário. Por fim, mais do que isso, a adubação à altura das necessidades do trigo acaba ficando como um rico resíduo para as culturas de verão. Ele conta que, em lavouras que hospedaram o cereal no inverno, a necessidade de adubação da soja no verão seguinte pode cair para até 25% do que normalmente a leguminosa exigiria. Normalmente, aplicam-se 100 kg de fertilizante onde utilizariam 300 kg. “Diminui o custo da soja na lavoura seguinte”, diz. “O trigo traz boas vantagens nas rotações da fazenda.” Segundo ele, a única desvantagem na produção do trigo ainda é a possibilidade das geadas tardias. “Plantando tarde, porém, diminui em muito a ameaça.” Outros perigos, mas que Dellê não considera tão preocupantes, são as pragas e as doenças. “De uma maneira geral os fungicidas novos têm controlado.”

Produzir trigo para Dellê é algo gratificante. E ele o faz com todo o apoio técnico possível. Além de seguir procedimentos, padrões e assistência técnica da Coamo, ele integra um grupo de uma dezena de produtores que mantém um engenheiro agrônomo exclusivo para atender suas propriedades. O problema mesmo é na fase pós-lavoura. No início de dezembro, Dellê estava preocupado: “O mercado está sem comprador no momento”. Ainda que ele tenha o amparo da cooperativa, onde entrega toda a safra, a situação não deixava de ser inquietante. A explicação é que a época é justamente a de superoferta de trigo no mercado. Dellê comercializa sua produção por meio do instrumento Aquisição do Governo Federal (AGF) – cujo limite é 500 sacas por produtor. Mas ele previa colher mais de 4 mil sacas.

Para analista, pouco otimismo — Um especialista do mercado do trigo é muito claro em relação ao futuro imediato: “Não estou muito otimista para 2005”, confidencia Benami Bacaltchuk, pesquisador da Embrapa

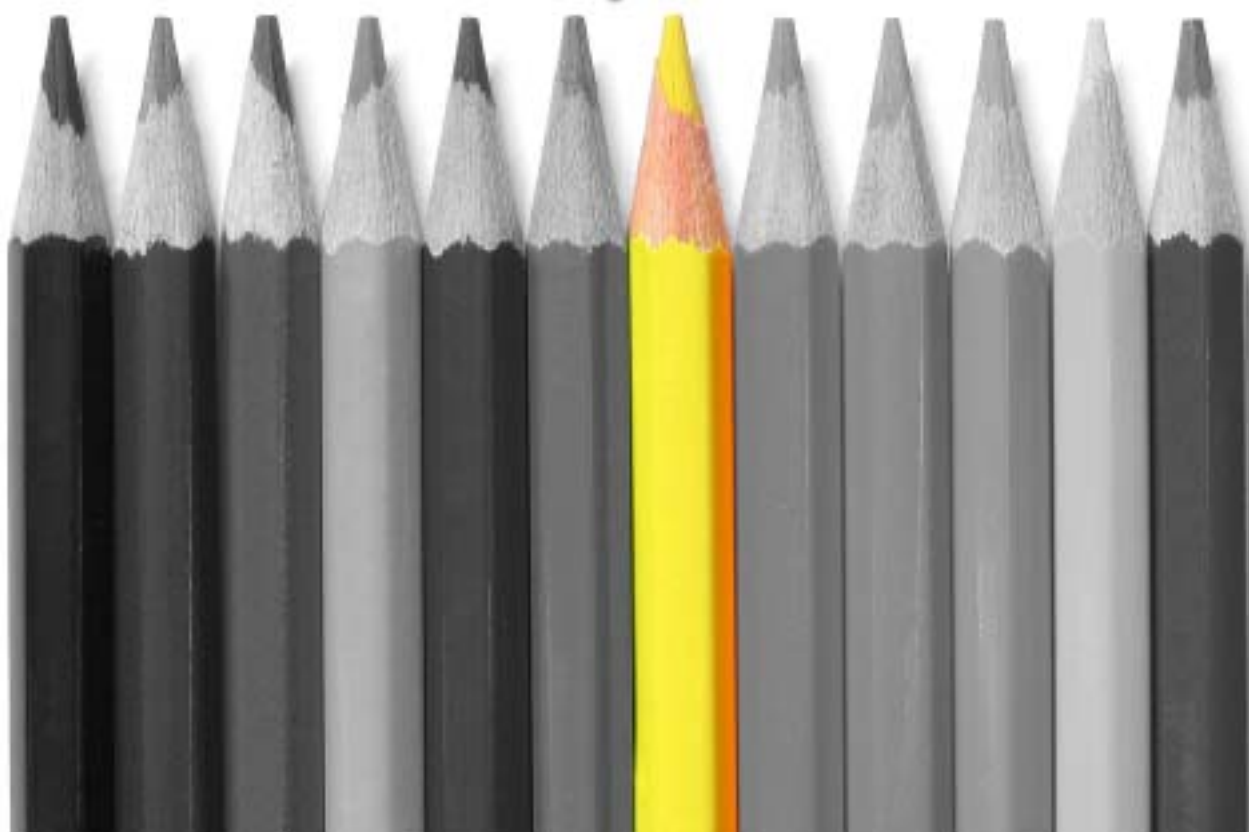


Preço mínimo de R\$ 400,00 a tonelada está muito aquém da realidade do campo e isso está desestimulando o triticultor brasileiro

Trigo, sediada em Passo Fundo/RS. Duas são as razões de seu pessimismo: o mercado está saturado do cereal e o preço mínimo estipulado pelo governo federal está muito aquém da realidade do campo. O preço mínimo da tonelada está em R\$ 400,00 (congelado desde 2002), enquanto deveria já ter sido majorado para R\$ 500,00. “Tem que ter política para o preço, para o transporte”, sugere Bacaltchuk. “Precisamos de crédito para a armazenagem”, complementa. Com condições também para guardar a sua safra e comercializá-la quando o preço fosse mais conveniente, o produtor poderia ganhar de 30% a 40% a mais na venda. Afinal, o consumo de trigo se dá durante todo o ano, mas na época das safras, naturalmente de maior demanda, o preço desaba. “Nesse momento (início de dezembro de 2004), o trigo está sem preço porque o mercado está saturado.” E Bacaltchuk diz não ter a menor idéia de como estarão os preços em 2005, mas prevê que a safra não será inferior a de 2004 – cerca de 6 milhões de toneladas.

A triticultura brasileira melhorou muito nos últimos anos em razão das exportações, entre dezembro de 2002 e maio de 2003, pela primeira vez na história agrícola brasileira. Em 2003 deixaram os portos brasileiros um milhão de toneladas. Entretanto, metade do trigo consumido no País é importada. As perspectivas para o mercado externo nos próximos anos, no entender de Bacaltchuk, são as melhores. A China consome 130 milhões de toneladas/ano, mas produz 110 milhões. Os africanos Tunísia, Marrocos e Egito também são potenciais compradores interessantes. Depois de anos em queda – uma defasagem de 40% na produção mundial, houve uma retomada no setor. No momento, o dólar em baixa prejudica o mercado brasileiro exportador. Mas Bacaltchuk lembra que o trigo brasileiro é de qualidade reconhecida. “Ganhamos qualidade, enquanto a Argentina (concorrente) perdeu qualidade”, avalia. “O governo tem que botar dinheiro para comercialização”, adverte. “Estamos terminando a safra e não se fala em preço mínimo.” ■

A GRANJA, 60 ANOS:



**56 DÚZIAS DE EDIÇÕES, E
CONTINUA SENDO O
DESTAQUE DE MÍDIA NO
AGRONEGÓCIO.**

HOMENAGEM DA AGRIPEC AOS 60 ANOS DA REVISTA A GRANJA,
VERDADEIRO ÍCONE DA IMPRENSA DIRIGIDA AO AGRONEGÓCIO.

PARABÊNS.

Criatividade e trabalho **DRIBLAM** a crise

Problemas com custo e comercialização preocupam o agricultor, mas não são limitadores para o crescimento. Alguns produtores aprenderam a enfrentar crises e cresceram em momentos difíceis.

Foi o que fez Paulo Menezes, que investiu forte na terra e colhe, na Fazenda Guajuvira, em Cachoeira do Sul/RS, sua melhor safra

O ano de 2004 poderia ter entrado para a história do produtor Paulo Menezes como um dos piores da história da Fazenda Guajuvira, em Cachoeira do Sul/RS. Além das dificuldades na comercialização e dos baixos preços pagos, uma queixa comum dos orizicultores, enfrentou problemas com a terra, que estava condenada para o plantio do cereal. Mesmo com tantas adversidades, Menezes investiu para recuperar o solo, apostou todas as fichas no plantio e realmente fez 2004 entrar para a história, mas como o ano de melhor produtividade na Guajuvira. Foram colhidos 10.340 quilos de arroz limpo e seco por hectare. “É uma das maiores médias do Brasil”, diz ele, orgulhoso.

As boas notícias devem continuar. A expectativa é de que a próxima colheita apresente os mesmos números. “Estamos com uma lavoura muito boa”, conta. Os bons resultados são consequência de um trabalho árduo. Para recuperarem as terras, que estavam comprometidas, o produtor e seus funcionários dedicaram 24 horas de cuidados por dia. “Conseguimos corrigir o solo e os resultados

estão sendo surpreendentes”, comemora Menezes.

A adoção da tecnologia da agricultura de precisão na propriedade teve papel fundamental nesse processo. Além disso, o agricultor cultivou a área em sistema pré-germinado – com o preparo das sementes e do solo. A terra foi adubada com esterco de galinha, medida que também contribuiu para o aumento da produtividade, já que fornece mais matéria orgânica, microrganismos e nitrogênio ao solo.

O resultado foi tão positivo que chamou a atenção do Instituto Rio-grandense do Arroz (Irga), que encaminhou alguns técnicos para ver de perto a realidade na fazenda de Menezes. As últimas safras colhidas no Rio Grande do Sul gaúcho registraram, em média, 5,5 mil quilos por hectare, praticamente a metade do que foi colhido na Guajuvira. Menezes acredita que tudo teria sido mais fácil se houvesse mais pesquisas na área. “O governo precisa investir para ajudar quem planta arroz a ter mais produtividade e também a treinar sua mão-de-obra. Nosso setor é muito carente desse tipo de investimento”, aponta.

Novas fronteiras — Esses percalços não desanimam este gaúcho, que em novembro passado começou outro desafio: plantar arroz no Maranhão. A meta traçada para as primeiras quatro semanas na cidade de Vitória do Mearim é plantar em 200 ha. Entre abril e maio de 2005, serão preparados mais 500 ha. O objetivo do produtor gaúcho é ter a maior área plantada de arroz do Maranhão. A vantagem do local, explica ele, é justamente a de poder cultivar o ano todo. A idéia de ultrapassar as fronteiras surgiu durante a Feira Nacional do Arroz (Fenarroz), realizada anualmente em Cachoeira do Sul. Na última edição, Menezes recebeu convites para plantar em Roraima, Maranhão e também no Uruguai.

Todas as propostas eram atraativas, lembra, mas a escolha pelo município maranhense levou em conta a parceria com a Agropecuária Bom Sucesso e as características locais. Enquanto no Rio Grande Sul o ciclo médio do arroz varia de 150 a 160 dias, no



Menezes está satisfeito com o recorde de produtividade obtido em 2004 e agora já começa a investir em lavouras no Maranhão

Maranhão esse período é de aproximadamente cem dias. Para trabalhar o local, Menezes levou três funcionários e equipamentos do Rio Grande do Sul. A idéia, explica ele, é levar todas as técnicas adotadas na Guajuvira para a nova fazenda.

O preço pago pelo arroz também é mais atrativo no Nordeste do País. A saca de 50 kg, que é comercializada por R\$ 23,00 a R\$ 25,00 no Rio Grande do Sul, é vendida por R\$ 30,00 no Maranhão. A cotação do produto e a comercialização são justamente os problemas que mais preocupam os produtores. Menezes lembra que, em 2003, a saca estava valendo R\$ 42,00. “O preço médio para o consumidor não caiu nesse período, mas o valor pago ao agricultor despencou. Com quem está a diferença?”, questiona.

Custos nas alturas — Além da queda na cotação, os produtores também sofrem com o aumento dos insumos. De acordo com a Safras & Cifras, foram necessários R\$ 3.012,70 para cobrir os custos de cada hectare na safra 2003/2004. Levando-se em consideração a média da produtividade dos clientes da empresa de consultoria, que é de 139,05 sacas por hectares, o custo ficaria em R\$ 24,84 por saca. “Começamos o ano com a cotação de R\$ 30,00 por cada 50 kg. O ano fechou com algo entre R\$ 22,00 e R\$ 23,00, montante que nem sequer cobre os custos do produtor”, reclama Cíloter Borges Iribarrem, engenheiro agrônomo e diretor da Safras & Cifras.

Os cálculos para a safra 2004/2005 já foram feitos e a expectativa é de um custo de R\$ 3.385,07 por hectare. Com base na produtividade média do RS dos últimos três anos – 110 sacas por hectare –, o preço necessário será de R\$ 30,77 por saca. “Precisamos reverter este quadro ou teremos uma situação complicada no próximo ano agrícola”, adverte Iribarrem. Historicamente, o segundo semestre é o melhor em termos de preço do arroz. No entanto, 2004 fugiu à regra e se configurou com um dos piores dos últimos 14 anos em termos de cotação. “Seriam necessários, pelo mínimo, R\$ 30,00 por saca para cobrir os custos”, diz Iribarrem.

Importação prejudicial — O que mais atrapalha o desempenho do produtor de arroz no Brasil é a importa-



O ano de 2004 foi atípico e se configurou como um dos piores dos últimos 14 anos em termos de cotação, cujos valores não cobrem os custos de produção

ção, opinião unânime entre produtores e consultores. “Não há a menor necessidade de entrar produto de fora”, argumenta Menezes. Os números divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) dão conta de que em 2003/2004 o Brasil produziu 12,8 milhões de toneladas e o consumo interno foi de 12,6 milhões. Esse cenário se repetiu na média dos últimos 14 anos, quando foram produzidos 83,61 kg por habitante contra um consumo interno *per capita* de 71,63 kg. “Sobram mais de 11 kg por pessoa, e mesmo assim o Brasil continuou importando. Isso é um absurdo”, argumenta Iribarrem.

Se esse processo não for interrompido, o consultor estima uma situação complicada para o produtor, com a entrada de um novo ciclo de endividamento na lavoura de arroz. A primeira solução para evitar este cenário é a suspensão das importações, medida que depende exclusivamente do governo federal. “O Mercosul tem que ser um bloco exportador para terceiros países, e não de moeda de troca entre os países integrantes”, argumenta o especialista.

Outra repercussão negativa temida é a queda na produção e o aumento do preço. O ideal, acredita Iribarrem, é que seja estabelecido um preço mínimo compatível com a realidade da cultura, capaz de cobrir os cus-

tos da produção. Isso, claro, aliado à suspensão imediata das importações de arroz, o maior pesadelo dos produtores brasileiros. Enquanto depende da decisão do governo – que deve sofrer pressão por uma decisão nos próximos meses –, o agricultor pode adotar algumas estratégias para minimizar riscos e se precaver.

Uma delas, aconselha Iribarrem, é dar prioridade ao cultivo em áreas de grande potencial produtivo, de forma a reduzir significativamente os custos. “O momento é de cautela e, neste caso, o melhor é investir com a maior responsabilidade possível”, afirma. Ele também aconselha os produtores que tentem segurar o arroz e vendam apenas no segundo semestre de 2005, quando os preços deverão estar mais valorizados que no primeiro semestre do mesmo ano.

Segundo o consultor, o produtor rural terá que trabalhar com análise que leve em consideração estudos econômicos sobre a elaboração de custo de produção de suas lavouras e também da capacidade de pagamento antes de realizar novos investimentos, por exemplo. “Na verdade, o produtor rural brasileiro precisa melhorar o gerenciamento total do seu negócio e não somente administrar a produção”, orienta Iribarrem. O desafio está lançado. ■

ANÚNCIO

Doce e ardente

RETOMADA

A recuperação do setor sucroalcooleiro começou no ano passado, de forma lenta. Os produtores sofreram o impacto do clima, especialmente em função das baixas temperaturas. Mas a expectativa é de preços e condições de comercialização melhores a partir deste ano

Depois de um 2004 considerado razoável, a aposta é de um 2005 mais positivo para os produtores de cana-de-açúcar. A afirmação é de quem tem conhecimento de causa: Antonio Celso Paro planta cana há 15 anos na fazenda Cachoeirinha, em Barretos/SP, e sabe por experiência própria o que tem acontecido com o setor. O ano de 2004 foi de recuperação de preços sobre 2003, que apresentou resultados ruins, mas poderia ter sido melhor não fosse o clima. “Tivemos um ano frio, o que resultou em plantas com menos vigor e uma menor produtividade, uma situação atípica”, afirma o agricultor.

A consequência é uma quantidade menor de açúcar na cana, fator econômico que deve ser superado com as boas perspectivas para o álcool combustível no Brasil. A estimativa é de que, nos próximos anos, aumente consideravelmente o número de carros “flex fuel” – que usam gasolina e álcool em qualquer proporção –, estimulando o consumo do álcool. Especialistas estimam que, entre 2005 e 2006, 60% dos novos automóveis já serão produzidos nesta modalidade. De acordo com dados divulgados pelo Ministério da Agricultura, foram vendi-

dos 188 mil unidades de carros bicom-bustíveis de janeiro a agosto deste ano, o que corresponde a quase 20% do total dos veículos leves vendidos no mercado doméstico.

A iniciativa deve representar um importante impulso para o setor no mercado interno, já que o preço da gasolina tem levado a indústria automotiva a buscar novas opções. É justamente a cotação do petróleo que tem estimulado a produção do álcool. “Alguns países estão começando a pensar nisso e a buscar alternativas, o que nos dá um indicativo de bons preços nos anos seguintes”, avalia Paro. Outro fator que tem sido visto com bons olhos pelos produtores é a vitória obtida pelo Brasil junto à União Européia, que parou de conceder subsídios à produção de açúcar de beterraba. “Conseguimos pôr fim a esta questão, que representava uma concorrência desleal”, comemora Paro.

Juntas, essas medidas deverão refletir em melhores preços nos próximos anos, estima o produtor, que aposta na busca de uma atividade cada vez mais rentável. Em 2004, mesmo com as adversidades climáticas, Paro obteve bons resultados, que atribui à dedicação e às novas tecnologias. Entre

os cuidados adotados, está o aumento de matéria orgânica no solo e o nível de adequação de adubos, para obter um solo com maior equilíbrio de nutrientes, através do uso de micronutrientes necessários à saúde da planta. Com esses cuidados, o produtor conseguiu ultrapassar a média nacional de produtividade, que fica entre 85 e 87 toneladas por hectare, e chegar à marca de 103 toneladas nas fazendas. O resultado levou o produtor a receber o prêmio Destaque Bunge Agricultor Brasileiro em 2004.

Solução para os gargalos — As boas perspectivas previstas para o setor nos próximos anos precisam vir acompanhadas de soluções para os principais problemas que afetam os produtores. A logística é uma das pedras no caminho. O valor do frete aumentou muito nos últimos anos, pressionando os custos para cima. “Também sofremos reajustes significativos na contratação de mão-de-obra e aumento dos insumos. Se a produtividade continuasse a mesma, estaríamos quebrados”, sentencia Paro.

Segundo ele, o custo chegou a R\$ 27,00 a tonelada produzida, no final de 2004. Convertendo o valor para dólares, o custo da produção fica

estimado em US\$ 10,00. A média de entrega fica em US\$ 9,00 mais o percentual agregado em função do padrão de açúcar, que no ano passado ficou em torno de 140 kg de açúcar por tonelada de cana. Esse cenário contribuiu para que o preço de venda ficasse 20% maior, e o produtor recebeu US\$ 10,80 por tonelada. “A expectativa é que em abril, no fechamento da safra, esse preço chegue a US\$ 11,00”, conta Paro.

Mesmo assim, a diferença para o custo de produção ainda é muito pequena. Pelos cálculos do agricultor, é

necessário ter de 15% a 20% de lucro para fazer os investimentos mínimos necessários. “Um trator custa em média R\$ 200 mil. Precisamos de muitos anos para pagar uma compra deste porte”, argumenta ele, ao lembrar que é necessário destinar US\$ 1.100,00 para cada hectare plantado. “Ainda temos um investimento alto para um retorno pequeno”, sentencia.

O começo da virada — O fim da safra anterior dava indicativos de um ano ruim. Naquela época, o álcool estava cotado a R\$ 450,00 o metro cúbico. No final deste ano, o preço ficou

em R\$ 900,00 o metro cúbico, segundo a FNP Consultoria. O comportamento justifica-se pela exportação de álcool, que fez baixar os estoques. As exportações devem encerrar a safra 2004/2005 com uma marca superior a 2 bilhões de litros.

O resultado será alcançado graças à colheita, que deverá bater recordes. “As expectativas são otimistas”, diz Victor Abou Nehmi Filho, diretor-presidente da FNP Consultoria. Pelos dados do Ministério da Agricultura, o Brasil – maior produtor e exportador mundial de açúcar e álcool – deve fe-



Paro, produtor em Barretos/SP, espera para 2005 uma rentabilidade maior: entre 15% e 20% de lucro para viabilizar novos investimentos

Beto Felici

char a safra atual com 390 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. A produção de álcool está estimada em 15,2 bilhões de litros neste ano, o que significa um acréscimo de 500 milhões de litros em relação à safra passada. De acordo com o ministério, este volume, junto com os estoques de passagem de 1,6 bilhão de litros, deverá ser suficiente para atender às necessidades do mercado interno e das exportações. A estimativa de comercialização de 2 bilhões de litros de álcool para outros países representa um acréscimo de 150% em relação ao período anterior, quando foram negociados 800 milhões de litros.

A principal região produtora – Centro-Sul – está com a safra 2004/2005 em andamento e deve totalizar 330 milhões de toneladas, 10,2% a mais do que a cana processada em 2003/2004 (299,4 milhões de toneladas). A produção nordestina deve atingir 60 milhões de toneladas.

Pelos cálculos do governo, a Re-

gião Centro-Sul deverá registrar um aumento de 11,6% e chegar a 22,8 milhões de toneladas de açúcar. Com a produção da Região Nordeste, estimada em 4,5 milhões de toneladas, a produção nacional de açúcar deve alcançar 27,3 milhões de toneladas para um consumo interno estimado em 9,5 milhões de toneladas. O excedente exportável do produto deverá gerar uma receita de US\$ 2,5 bilhões no ano, resultado de vendas externas de 16 milhões de toneladas – 14 milhões de toneladas da Região Centro-Sul e 2 milhões de toneladas do Nordeste.

A força do Centro-Sul é puxada pelo desempenho de São Paulo, segundo maior produtor mundial de cana-de-açúcar – foram 191 milhões de toneladas na última safra. De acordo com a União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (Unica), o Brasil lidera o ranking mundial da cultura – são plantados 4,5 milhões de hectares em menos de 1% das terras agricultáveis – seguido pela Índia e Austrália. Do total colhido no

País, 55% são destinados para a produção de álcool e os outros 45% vão para a produção de açúcar.

A cana serve de matéria-prima para geração de álcool anidro (aditivo para a gasolina) e álcool hidratado para os mercados interno e externo. Também é destinada para a produção de energia elétrica e pode produzir ainda papel, plásticos e produtos químicos. Dados divulgados pela Unica revelam que a cana é usada por 307 centrais energéticas existentes no Brasil, 128 delas localizadas em São Paulo. Conforme a entidade, são usinas e destilarias que processam a biomassa proveniente da cana-de-açúcar e que alimentam um círculo virtuoso: produzem açúcar como alimento, energia elétrica vinda da queima do bagaço nas caldeiras, álcool hidratado para movimentar veículos e álcool anidro para melhorar o desempenho energético e ambiental da gasolina. É a força da cana-de-açúcar movimentando a economia brasileira. ■



Do total colhido em 4,5 milhões de hectares no Brasil, 55% são destinados à produção de álcool e 45% à produção de açúcar

Unica

ANÚNCIO

Para se proteger,

O milho é uma cultura que costuma dar sustos aos que dependem do cereal, seja produtor ou consumidor. Num ano o preço está lá em cima, noutro despenca.

Em 2005 a previsão é de uma supersafra, ou seja, cotação deprimida. Para enfrentar estas eternas agruras do mercado, o produtor Ildemar Marino Canto, de Cascavel/PR, gerencia a sua fazenda com a calculadora à mão. Produtividade e redução de custos estão na mira permanentemente

Quem planta milho sabe que este mercado é campeão em oscilação de preço de uma safra a outra. Ou até dentro da mesma safra. Por uma série de circunstâncias e causas, o sobe-e-desce da remuneração é uma característica clássica a que o produtor do cereal é eternamente refém. Não somente ele, mas também quem depende do grão, como o avicultor ou o suinocultor. Investir em milho é uma loteria, muitas vezes sem ganhador – e normalmente o prêmio não fica acumulando. Para enfrentar – e vencer – esses entraves do segmento, nada mais inteligente do que buscar, mas de forma obsessiva, a dobradinha mágica produtividade e redução de custos. É o que faz e

Produtividade e redução de custos mantêm o produtor Ildemar Canto na atividade

Divulgação

obsessão pela PRODUTIVIDADE

fará em 2005 o médico especialista em sistema digestivo Ildemar Marino Canto. O produtor impõe à sua propriedade de 1.416 hectares em Cascavel/PR a mesma precisão e planejamento que a profissão original dele exige. Ele até já sabe quanto milho plantará na safra 2006/2007.

Tudo na Fazenda São Domingos começa na calculadora. Números são a obsessão de Canto. Atualmente, a propriedade dele está assim cultivada: soja – 730 ha; milho – 152 ha; trigo – 145 ha; azevém – 157 ha; triticale – 181 ha; aveia – 217 ha. As culturas de inverno (com exceção do trigo) são utilizadas para o pastoreio do gado

e/ou cobertura de solo, além de seus grãos serem comercializados. A produtividade média do milho nas últimas quatro safras foi de 9.991 kg/ha (166 sacas). Mas, em 2000, com a preciosa colaboração do clima, atingiu 12.718 quilos (212 sacas) – o recorde. O milho entra na necessária rotação de culturas com a soja. Como tudo é planejado, na safra 2005/2006 serão plantados 160 ha do cereal e, na seguinte, 133 ha. O milho volta ao mesmo talhão após três anos de exploração com a soja. “De nada adianta ficar na monocultura”, justifica Canto.

A mais recente e bem-sucedida novidade nas lavouras de Canto foi a redu-

ção do espaçamento do milho. Uma intrincada fórmula executada num programa de computador esclarece de forma bem objetiva e transparente até onde determinada combinação de espaçamento entre plantas e linhas e população de plantas é economicamente viável para certos híbridos, confrontadas com diferentes doses de fertilizantes e assim por diante. Tudo é uma questão de ajuste. De nada adianta superpovoar um talhão, e até colher volumes maiores, porém com um custo muito mais elevado. Atualmente, Canto tem utilizado o espaçamento de 55 cm entre linhas e 34 cm entre plantas, que resultam numa população de 65 mil a 75 mil plantas/hectare. “Conforme a variedade”, complementa. A atual safra é a quinta com espaçamento reduzido. Até chegar a estes parâmetros, foi sendo reduzida a distância entre linhas gradativamente: 90 cm, 80 cm, 70 cm, 65 cm até 55 cm.

Muitas são as vantagens da inovação. Uma é a possibilidade de utilizar a plantadeira de soja apenas substituindo os discos de distribuição das sementes. “Você ganha um

Revista A Granja,
há 60 anos somando
experiência para
multiplicar informação.



Homenagem da Manah
aos 60 anos de sucesso.

www.manah.com.br • Linha Verde 0800 7703188

com
MANAH
adubando dá!



dia de trabalho por plantadeira”, revela. O aumento do número de plantas favorece o controle de ervas daninhas, que não se desenvolvem por causa do sufocamento provocado pelas plantas. Isto representa redução do uso de herbicidas. Porém, mais do que entupir o talhão de milho, Canto lembra da necessidade de suprir o cultivo com adubação correspondente. “Se aumentar o número de plantas, tem que dar comida para elas”, adverte. “Tem que fazer uma avaliação globalizada. É uma relação de custo/benefício”, sintetiza. A obrigatoriedade de utilizar maiores volumes de adubo e de sementes pode comprometer os resultados econômicos. Com a nova disposição, foi necessário usar 22% a mais de adubo e 7% a mais de semente. Mas, pela fórmula ideal já encontrada por Canto, seu lucro aumenta entre 9% e 14%. Em algumas situações específicas chegou a 17%.

Meta é de 250 sacas/hectare — Mas muitas outras foram as inovações implementadas pelo produtor na sua fazenda, novos rumos que deverão ser aprimorados em 2005 e anos seguintes. Afinal, sua meta é chegar à produtividade de 15 mil kg/ha (250 sacas) em dois anos. Ele parte do princípio que, se os norte-americanos colhem quase essa marca de média, por que os brasileiros não podem? “A produtividade da nossa soja passou a deles. Com o milho temos que chegar também”, argumenta. Depois de anos fazendo análise de solo a partir de uma a quatro amostras por talhão de até 50 ha, Canto limitou a coleta de solo a quadrantes de apenas 2 ha cada. Observou, então, as situações contrastantes dentro de limites tão pequenos. As adubações passaram a ser feitas conforme as exigências específicas dos terrenos. Tornaram-se mais fiéis à realidade dos diferentes solos.

Mas para tornarem ainda mais exatos os níveis de adubação, em 15% da área das lavouras o produtor já implan-

tou a agricultura de precisão (AP). A idéia é expandi-la a 100% da fazenda, mas não por enquanto. “A AP ainda não é viável economicamente”, justifica. No caso específico da AP, ele não fez o cálculo sobre o aumento da despesa, mas tem números fechados para o custo de produção total de suas principais lavouras, incluindo-se a depreciação das terras: milho – R\$ 510,00/ha; soja – R\$ 599,58/ha.

Paralelamente ao que faz para tornar suas lavouras mais eficientes, ele espera que a tecnologia e a política colaborem com o produtor de milho. Por isso, aguarda por sementes com maior vigor



A Granja

de germinação (hoje não passa de 90%) e híbridos adaptados para uma população de 80 mil plantas/hectare. Da mesma forma, Canto imagina o dia em que serão lançados híbridos com maior teor de proteína, grãos que receberiam maior valorização do mercado, além de cultivares mais resistentes a doenças e pragas. Neste último ponto, o produtor aguarda pela futura regulamentação do milho transgênico no Brasil.

A comentar todas os aspectos de produção, Canto tem um discurso bastante positivo. Mas ao analisar o mercado... “As expectativas não são otimistas”, confidencia. Ele prevê a saca do milho com cotação baixa, entre US\$ 3,00 e US\$ 4,00. O produtor justifica o preço aquém pela boa safra que deverá se concretizar. Mais do que isso, a colheita argentina também será farta, e o País vizinho poderá colocar milho no mercado brasileiro a US\$ 3,50 à saca. Da sua produção, Canto entrega de 70% a 80% na cooperativa à que é associado, a Coopavel, e o restante a agroindústrias da região.

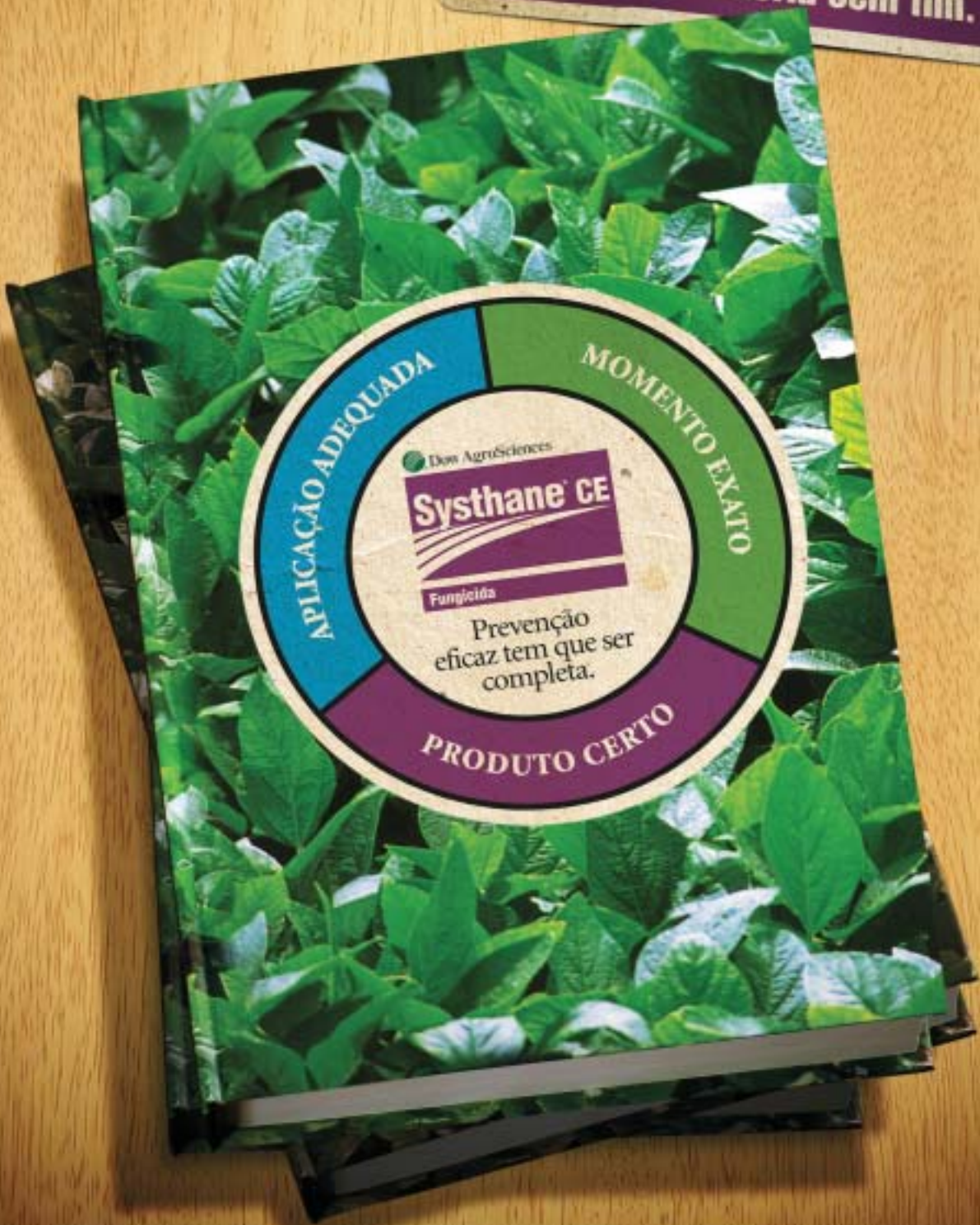
Tudo nas raízes da safrinha — A safrinha vai decidir o jogo em relação ao preço do milho em 2005. Esta é a opinião da agrônoma do Departamento de Economia Rural (Deral), do Paraná, Vera da Rocha Zardo. “Se a safrinha tiver problema (queda), o preço deverá subir”, aposta. Nos últimos anos, o produtor tem destinado áreas que eram da primeira safra do milho para a soja, o que fez a safrinha aumentar a sua importância. Hoje, equivale a 27% da produção do cereal. A questão é que a safrinha é muito dependente do clima. Mas três são as outras variáveis que determinarão o preço durante 2005: o estoque

de passagem para 2005, que será de 4,05 milhões de toneladas, 38% inferior a 2004; o aumento de consumo (causado pelas cadeias avícola e suinícola); e o volume de exportações. Neste último caso, desde que o País se tornou exportador, as cotações internas seguem os parâmetros de

preço do mercado internacional – cujo preço, naturalmente, também é dependente da relação real/dólar.

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) ainda não fez um levantamento da estimativa de produção da safrinha 2005. Por enquanto, tem-se trabalhado com os números do ano passado: 10.400 milhões de toneladas. Independentemente do volume da produção, Vera tranquiliza: “O preço médio não deverá ser menor que o de 2004”. O piso do preço no mercado interno é o mesmo para a exportação. O problema é que a supersafra norte-americana derrubou a cotação internacional, e o dólar também caiu na relação com o real. O preço recebido está bem aquém do custo de produção. Segundo cálculos do Deral, o custo de produção no PR gira em R\$ 14,00 a saca, sendo que o mercado tem remunerado a R\$ 13,00. O custo varia muito conforme a produtividade, tecnologia empregada. “O milho demanda muito adubo”, explica Vera, lembrando que o fertilizante foi um dos insumos que mais tiveram incremento no custo de produção. ■

**Sem estes três cuidados,
a ferrugem pode se transformar
numa história sem fim.**



1998, p. 277, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000, 1001, 1002, 1003, 1004, 1005, 1006, 1007, 1008, 1009, 1010, 1011, 1012, 1013, 1014, 1015, 1016, 1017, 1018, 1019, 1020, 1021, 1022, 1023, 1024, 1025, 1026, 1027, 1028, 1029, 1030, 1031, 1032, 1033, 1034, 1035, 1036, 1037, 1038, 1039, 1040, 1041, 1042, 1043, 1044, 1045, 1046, 1047, 1048, 1049, 1050, 1051, 1052, 1053, 1054, 1055, 1056, 1057, 1058, 1059, 1060, 1061, 1062, 1063, 1064, 1065, 1066, 1067, 1068, 1069, 1070, 1071, 1072, 1073, 1074, 1075, 1076, 1077, 1078, 1079, 1080, 1081,

Administrative Information de l'Année Administrative

ATENÇÃO Este produto é perecível e se não for usado, deve ser aliado imediatamente. Uma desvantagem é a alta dependência de instalações controladas no clima, na luz e no ruído. Alguns setores de armazenamento de alimentos indicam: 14 anos para a utilização do produto por pessoas da idade.



Soja
ORGULHO TIPO
EXPORTAÇÃO

Nada como **INVESTIR** na tecnologia



Franciosi, produtor no oeste baiano: “custo de produção é alto e temos que pagar com produtividade”

Egberto Nogueira

Por sua natureza, o algodão exige investimentos pesados. Em tempos de custos de produção em linha ascendente e cotações na descendência, a tentação pode ser economizar em insumos ou máquinas modernas e eficientes. Não é o que faz João Antonio Franciosi, que plantou 21 mil hectares de algodão no oeste baiano. É justamente no investimento responsável em tecnologia que ele planeja esquivar-se da anunciada crise e ainda lucrar

Não se pode por nenhuma razão tirar o pé do acelerador do investimento em tecnologia quando a idéia é produzir algodão. Não interessa os saltos absurdos que os custos de produção deram na atual safra

em relação à anterior. Essa é a fórmula que João Antonio Franciosi adota para lucrar em cada um dos 21 mil hectares de algodão plantados nesta safra em fazendas distribuídas pelos municípios do oeste baiano de São Desidério, Barrei-

ras, Luiz Eduardo Magalhães e Formosa do Rio Preto. Franciosi ainda cultiva 13 mil hectares de soja, 3.100 de milho e 4 mil de braquiário (produção de sementes) – parte também em Baixa Grande do Ribeiro, no Piauí. “Investi-

mos no algodão mais do que na soja e no milho”, revela. “E o que investimos no algodão só serve para o algodão. A estrutura tem que ser aperfeiçoada”, complementa o gaúcho de Casca que está há 13 anos na Bahia, referindo-se às máquinas e construções específicas para a herbácea, que não podem ser utilizadas nos sistemas produtivos para grãos.

Na atual safra, o custo de produção das lavouras de algodão de Franciosi fica entre R\$ 3.500,00 e R\$ 4.000,00 por hectare, variando conforme a taxa de utilização de insumos. “É alto”, reconhece. Afinal, estão em média 25% superiores aos da safra passada. “Houve alta nos insumos, na mão-de-obra e nas máquinas”, justifica o produtor. “Temos que pagar com produtividade”, comenta Franciosi. Apenas para cobrir esses custos, será necessário atingir produtividade mínima de 240 arrobas de algodão no caroço. Mas a projeção dele é 280 arrobas, já alcançadas duas safras atrás. A meta, porém, vai depender diretamente das condições cli-

máticas até abril. Na safra 2003/2004, a produtividade foi de 257,61 arrobas/hectare, muito prejudicada pelas chuvas na fase final do desenvolvimento das plantas. Ou seja, tudo foi feito de acordo com o que há de melhor em informações agrônômicas no mercado. Agora, tudo está sujeito a São Pedro.

Produzir bem é fundamental para se lucrar com algodão ou qualquer outra cultura comercial, mas, naturalmente, não é tudo. É impositivo negociar a colheita com a mesma eficiência com que se produziu. Franciosi utiliza-se do mecanismo de comercialização de venda antecipada em dólar para 50% a 60% da safra. O restante se dá à balcão. Assim, ele se protege de altas ou baixas bruscas na cotação da pluma. E, apesar da queda dos preços nos últimos meses, Franciosi mantém-se otimista em relação ao cenário no futuro. “Não vai cair mais”, aposta. Mas argumenta não saber a faixa de preço nos próximos meses, pois, segundo ele, será dependente da área plantada e da produção globais em 2005. Franciosi

processa a produção nas próprias propriedades, e entrega apenas a pluma às *tradings*.

Parceria inédita — Os 21 mil hectares de algodão na atual safra constituiu-se num recorde nas fazendas de Franciosi. No ano-safra passado foram 11.500 hectares. A novidade na safra 2004/2005 é a parceria com uma empresa, para 9 mil hectares. A pedido do parceiro, o produtor prefere não revelar o nome da empresa, que é uma indústria têxtil, nem ao menos detalhes mais específicos do contrato. Mas atesta que é algo inédito na cotonicultura brasileira. O sistema se assemelha ao feito entre produtores e *tradings* como Bunge, ADM, Cargill e demais, indústrias que, pelo acordo firmado, se comprometem a adquirir a produção. “Está tudo selado desde o plantio”, conta. “A empresa vai trabalhar com o melhor preço da praça”, confidencia. Do total produzido da parceria, 70% irá para o mercado externo. Afinal, um dos compromettimentos de Franciosi é gerar algodão de alta qualidade. “O trabalho é

Nem sempre o melhor veículo para o homem do campo é aquele que vence qualquer terreno.

GOIANO
O BRASIL AGRÍCOLA
agranja



para se produzir um algodão de qualidade”, argumenta.

Gargalos — As condições climáticas do oeste baiano (Cerrado) são propícias para o cultivo do algodão. “É um dos melhores Estados para se produzir”, atesta o produtor. Franciosi descreve a altitude, a umidade do ar e a ausência de chuvas na fase de colheita como aspectos favoráveis à exploração da herbácea. No entanto, alguns problemas estruturais insistem em comprometer a competitividade — e a paciência — dos produtores. São as condições de tráfego das estradas que escoam as safras. “As chuvas acabam com o asfalto”, comenta Franciosi. Segundo ele, o conserto das rodovias tem objetivos apenas curativos, jamais preventivos. O produtor reclama ainda da falta de políticas agrícolas consistentes e profundas para o Brasil. “A política agrícola no País não funciona”, lamenta ele. E cita como exemplo o preço mínimo que jamais é cumprido.

Mas o que tem preocupado muito o produtor são os entraves trabalhistas. “A intenção é só multar”, reclama. Franciosi mantém 800 empregados fixos e mais 2 mil temporários, estes por três meses, na época das capinas. “O cara quer crescer, mas não consegue por causa disso”, desabafa. Para o produtor, a legislação do trabalhador urbano é imprópria a situações do meio rural. Ele lista situações como a impossibilidade de o trabalhador atuar

por mais de dez horas diárias como inadequadas à realidade do campo. Lembra que o trabalhador, ao contrário do urbano, não precisa arcar com despesas de aluguel, energia elétrica, água, etc., no entanto é brindado pela legislação com os mesmos direitos que o assalariado da cidade. No caso específico do trato cultural com capina, explica, a saída é substituir os trabalhadores por herbicidas. “Em vez de o dinheiro ir para o pessoal comer, vai para uma multinacional”, conclui.

O precioso PEP — O apoio do governo será fundamental à cotonicultura brasileira em 2005. Apenas a partir do precioso mecanismo de comercialização Prêmio para o Escoamento de Produto (PEP), o preço a ser recebido pelo produtor será superior à despesa da sua produção. Assim, as contas vão fechar após a safra 2004/2005. Esta é a posição do presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), Jorge Maeda. “Se o governo não aplicar o mecanismo, a situação do algodão será desastrosa”, admite. “O mercado fluindo livremente causará um estrago muito grande.” Segundo ele, após encontro entre dirigentes do agronegócio com nomes de peso do governo, incluindo os ministros da Agricultura, Roberto Rodrigues, e o da Fazenda, Antonio Palocci, ficou certo que a cotonicultura não estará desamparada em 2005. O algodão seria beneficiado pelo refor-

ço orçamentário de R\$ 2 bilhões reivindicados por deputados para a comercialização da safra 2004/2005 — além dos R\$ 528 milhões já definidos. “O governo está ciente desta preocupação”, tranquiliza Maeda.

O PEP impõe-se pela conjuntura do mercado. Nos últimos meses, a cotação da pluma despencou em razão do aumento da safra global. “A produção norte-americana foi muito grande”, exemplifica. “Mesmo com o consumo em alta, a produção é maior. O excesso de produção fez a cotação baixar. E o mercado está cada vez mais deprimido.” Ao mesmo tempo, o custo dos insumos aumentou. Neste ponto, a situação piorou porque os adubos e defensivos foram adquiridos no início do segundo semestre de 2004, quando o real estava mais desvalorizado em relação ao dólar do que nos meses subsequentes. Na penúltima semana de dezembro, por exemplo, a moeda norte-americana teve a sua menor cotação desde junho de 2002. Por tudo isso, Maeda revela que, em meados de dezembro, o custo de produção do algodão oscilava próximo a R\$ 44,00 à arroba, sendo que o preço recebido pelo produtor batia em R\$ 33,00. Portanto, R\$ 11,00 de prejuízo. Por isso, argumenta o dirigente, torna-se imperioso a “proteção temporária” do governo. Ou o balizamento do mercado será dado exclusivamente pela indústria. ■



A Granja

Contas em dia: produtores esperam para este ano o apoio do governo através do mecanismo de comercialização PEP

ANÚNCIO

ANÚNCIO

Para quem produz, é hora de CAUTELA

Preços em queda, greening, morte-súbita e custos nas alturas foram os grandes inimigos da citricultura em 2004. Para este ano, o cenário ainda é nebuloso

Para quem produz citros, 2005 começa com expectativas nada animadoras. Na avaliação dos próprios produtores, o setor passa por um momento delicado. De forma geral, 2004 foi um ano de dificuldades e de muito trabalho. O grande vilão no campo foi o greening, que está cada vez mais presente nos pomares e exigindo maiores investimentos no seu combate. Por outro lado, o preço da laranja no mercado é um dos mais baixos dos últimos anos. Custo de produção elevado e retorno financeiro no limite das contas. Fatores que estão levando muitos citricultores a buscar outras alternativas para garantir a renda no final da safra. A palavra-chave do setor para este ano é cautela.

“Já passei por todo o tipo de dificuldade. Mas o cenário que vejo hoje me entristece muito”, diz o produtor Sebastião Blanco Machado, que tem cerca de mil hectares plantados em fazendas nos municípios de Olímpia, Nova Granada e Palestina, interior de São Paulo. São mais de 40 anos dedicados à laranja, sendo a primeira vez que o produtor pensa em reduzir seu pomar. “Devo diminuir pelo menos 200 ha na safra 2005/2006.” Apesar da redução, ele não pensa em abandonar a citricultura.

“Não temos perspectivas. A fase é péssima, mas acredito que a laranja é um mercado que nunca vai acabar, por isso continuo acreditando.”

O que mais preocupa produtores como Machado, da região norte de São Paulo, é a morte-súbita. “A doença vem do sul de Minas e para enfrentá-la temos de trocar o porta-enxerto”, explica. Mas não é tão simples. Trocar o porta-enxerto de limão-cravo por outro, como cleópatra ou swingle, significa reduzir a resistência do pomar à seca. “Nesse caso, é necessário irrigar toda a área. É preciso investir em equipamento, o que encarece a produção”, destaca. Ele acredita que hoje seria necessário um investimento de US\$ 1.200,00 a 1.300,00 por hectare. “Sem contar a energia elétrica, mão-de-obra e outros elementos.”

Ao mesmo tempo que aumentam os gastos e os investimentos nos pomares, o preço da laranja no mercado oscilou bastante durante toda esta safra, registrando alguns índices considerados os mais baixos dos últimos anos. Depois de passar por um período animador – os preços da fruta de 2001 a 2003 estiveram entre US\$ 2,80 e US\$ 3,50 a caixa –, a média de preço caiu para a faixa de US\$ 2,50 a US\$ 3,00. “As indústrias



Há 40 anos, Sebastião Machado dedica-se à produção de laranjas em grandes áreas, mas as dificuldades dos últimos anos fizeram com que repensasse a produção na próxima safra



se retraíram devido à expectativa de aumento significativo na produção da safra 2004/2005”, explica o engenheiro agrônomo e consultor da FNP Consultoria, Maurício Mendes.

Mas, na opinião de Mendes, os novos números de produção nos Estados Unidos e no Brasil, anunciados no início de dezembro pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), podem animar o mercado brasileiro. O relatório prevê uma safra menor para 2005, o que pode melhorar o preço da fruta mundialmente. A safra 2004/2005 da Flórida deve ser de 168 milhões de caixas, bem abaixo da safra 2003/2004,

GPS Para agricultura de precisão

OUTBACK

Pulverização
Distribuição de calcário, urêa e adubo

GPS GARMIN

Sistema de posicionamento por satélite

Cálculo de área
Determinação de produtividade
Mapeamento da lavoura
Cálculo de distância

Menu e manual em português
Garantia de 1 ano

ALL COMP

Equipamentos de Precisão

endereço@allcomp.com.br — www.allcompgps.com.br
Av. Pernambuco, 1207 — Fone: (51) 3024 7100
Porto Alegre - RS

CURSOS E TREINAMENTO

Divulgação

quando foram colhidos 242 milhões de caixas. No Brasil, a previsão também é de uma redução em torno de 10% na produção para a safra 2005/2006. “O reflexo não é instantâneo, deve demorar um pouco para chegar ao produtor. Mas acredito que em 2005 deve ser melhor.”

Desafio — O presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos (Abecitrus), Ademerval Garcia, diz que ainda é cedo para fazer alguma estimativa para a próxima safra. “Só a partir de fevereiro poderemos fazer alguma previsão.” Segundo ele, a safra 2004/2005 deve fechar de acordo com as expectativas e bem melhor se comparada à safra 2003/2004, que foi muito abaixo do esperado, devido ao clima. E, apesar da queda de área plantada, cerca de 12% nos últimos 10 anos, a produção aumentou. “Nos últimos anos, a produção de citros no Brasil cresceu 30% e as propriedades continuam bem cuidadas”, acredita Garcia. “Na realidade, essa choradeira dos produtores é um fator histórico.” Há dez anos, destaca, a área irrigada de citros, por exemplo, era de 1%. Hoje, já chega a 12%. “Isso significa que o produtor está investindo em tecnologia e o negócio está bom. O citricultor é muito competente. Reclamar faz parte.”

Para Garcia, a citricultura está encontrando novas formas de planejamento e trabalho para se adaptar às exigências do mercado e continuar competitiva. “É nesta fase de transição que os produtores precisam se unir e buscar apoio de entidades como o Instituto de Economia Agrícola, a Embrapa e também as universidades, para saber como tornar o seu negócio produtivo”, diz. Na sua opinião, a citricultura é um exemplo dentro do agronegócio brasileiro de que o papel da iniciativa privada vem mudando. “Os empresários não esperam apenas auxílio do governo para fazer a transferência tecnológica ou a defesa fitossanitária. Eles estão se organizando e buscando investimentos para se tornarem competitivos.”

O grande desafio do setor atualmente é o greening, doença que se tornou conhecida em 2004 e que vai

provocar novas mudanças no campo. De acordo com o levantamento realizado em todo o parque citrícola pelo Fundo de Defesa da Citricultura de São Paulo (Fundecitrus), a doença já foi confirmada em 46 municípios, no centro, norte e sul do Estado de São Paulo, maior produtor de citros do País. A partir das pesquisas que vêm sendo realizadas, os produtores começam a entender a necessidade de iniciar novas formas de manejo do pomar.

A recomendação dos pesquisadores é de que as plantas doentes sejam eliminadas, que haja controle do inseto vetor, inspeção constante para identificação de árvores com sintomas e plantio de mudas sadias. Tudo isso, inclusive, é um impulso à geração de empregos no setor. “A curto prazo, essas medidas são um novo investimento, mas a longo prazo serão apenas uma nova forma de fazer o negócio se tornar mais competitivo, já que novas tecnologias serão utilizadas com esse objetivo”, avalia Garcia.

Saia justa — No campo, o produtor não está tão confiante. “A questão do preço baixo e do aumento nos custos de produção é um entrave que ainda não sabemos como vai se desenrolar”, diz Sebastião Machado, que vende toda sua produção, 55 mil toneladas na safra 2004/2005, para a indústria. A queda do dólar nos últimos meses, lembra o produtor, é outro fator que preocupa os produtores de laranja. “Os insumos foram comprados lá atrás, com o dólar a até R\$ 3,20.



Nos últimos dez anos, a área plantada com citros foi reduzida em 12%, mas a produção apresentou expansão de 30%

Hoje, vendemos o produto com o dólar a um preço de R\$ 2,80, no máximo R\$ 3,00. Estamos numa saia justa. É uma pressão de cima para baixo.”

E Machado vê as fazendas vizinhas, que já foram totalmente dedicadas à citricultura, mudarem o perfil e o cenário da região. “Hoje em dia, tem muito pomar sendo erradicado.” A instalação de usinas na região está surgindo como uma saída para os produtores. “Tem muita gente trocando o citros pela cana-de-açúcar. É a opção no momento. Tinha 300 ha de cana e vou aumentar para 800 ha.” Ele lembra com saudosismo os bons tempos da citricultura. “Na década de 80, a gente viu o suco de laranja ser vendido a US\$ 1.500,00 a tonelada.” E também de outras fases críticas do setor. “Mas nenhuma tão pessimista como a atual.” ■

ANÚNCIO

ORGANIZAÇÃO



Adilson Sampaio, produtor de couve-flor, destaca a importância da pesquisa para o desenvolvimento da olericultura

Divulgação

Setor que cresce em média 4% ao ano, cada vez mais a olericultura vem sendo contemplada com pesquisa e financiamento, especialmente para quem produz em pequenas áreas. A busca agora é pelo associativismo

Filho de agricultor, Adilson Sampaio começou a trabalhar cedo na lavoura, aos 7 anos. Hoje, com 60, sua propriedade em Sorocaba, interior de São Paulo, de 75 ha, produz cerca de 1,2 milhão de pés de couve-flor ao ano. Na agricultura, passar o amor pela terra de pai para filho ainda é muito comum, principalmente em áreas como a horticultura, formada basicamente por pequenos produtores e agricultores familiares.

O pai de Sampaio começou o trabalho no campo com a lavoura de arroz, milho e cebola, na década de 50 – culturas de produção familiar bastante comuns na região. Depois da morte do pai, Adilson e os irmãos assumiram o trabalho com a terra. Em 1963, ele arrendou novas terras e passou a plantar couve-flor. Recentemente, aposentou-se, mas não pensa em parar de trabalhar. “Tenho vontade de trabalhar mais e princi-

palmente planejar mais. Isso era uma coisa impossível de se fazer anos atrás.”

Sem crédito — Longe dos créditos rurais, Sampaio diz que preferir não usar dinheiro emprestado para manter sua produção. “Tenho muita experiência, já usei bastante os créditos do governo, mas agora consigo me manter.” A expectativa de lucro, segundo o produtor, normalmente é o dobro do que foi gasto na

para todos

produção. Em média, exemplifica, o custo de produção é de R\$ 6 mil por hectare. Com as temperaturas mais elevadas, porém, esse número é um pouco menor. Por isso, no alto verão, o agricultor, que é um dos grandes produtores de couve-flor de São Paulo, cultiva a variedade verona, que é bem resistente a altas temperaturas.

Para melhorar essas condições, Adilson acredita na importância das pesquisas no campo. “Se não tivéssemos pesquisa, não chegaríamos aonde chegamos. Acredito que a agricultura é como a medicina, sempre há novos desafios e a concorrência estimula isso”, diz.

Por ser uma cultura que exige basicamente todo o manejo manual, o produtor diz que, para obter maior

lucro, passou a cultivar em menor espaço para diminuir a pulverização e a irrigação. Para ele, a melhor fase foi durante a virada do real, em 1994. “Com o dólar equivalente ao real era mais fácil trabalhar”, explica.

Para o agricultor, no entanto, a grande dificuldade em melhorar o setor é hoje a falta de organização dos produtores. “O associativismo seria uma boa saída. Assim, todos falaríamos a mesma linguagem, usaríamos a mesma tecnologia e dividiríamos experiência.” Apesar de achar que uma das bandeiras do governo atual é a agricultura, Sampaio diz ainda não ter visto resultados. “Não uso financiamento, mas ouço muita gente falando que as verbas foram cortadas”, conta. Mesmo assim, ele acredita que a agricultura tem

andado bem. “Somos eficientes no que fazemos. O governo tem mesmo de apoiar o bom filho.”

Do café à cenoura — Bisneto de cafeicultores, Cláudio Ottoni, de 41 anos, também cresceu no campo. Em 1997, resolveu mudar de cultura e começou a produzir cenoura, em Uberaba/MG. “Apesar de o café ser mais seguro, a safra é anual. Já com a cenoura, temos trabalho o ano inteiro”, diz. Dependendo da variedade da verdura, os ciclos variam entre 95 e 130 dias. Ele também trabalha com recursos próprios, sem crédito rural. “Isso diminui o risco.” Assim como Sampaio, Ottoni entende que, para quem precisa de financiamento, a situação está complicada. “Só faltam nos pedir exame de sangue”, brinca.

Para o agricultor, a olericultura ainda precisa de mais apoio à pesquisa. “Cada agricultor tem seu tipo de manejo. Muitas vezes temos que gastar nosso dinheiro para descobrir se dá certo ou errado. Não há muitos dados estatísticos no mercado,

Saboreie o que a Serra Gaúcha tem de melhor

Uvas de Castas nobres, cultivadas em vinhedos próprios em altitudes superiores a 700 metros. Criteriosa condução e cultivo dos frutos até a maturação final. O resultado é um produto singular, refinado, especial. Leve para sua adega o que a serra gaúcha tem de melhor. Os vinhos Don Giovanni.

A Vinícola Don Giovanni tem uma tradição de elaboração dos seus vinhos, que remonta às técnicas trazidas pelos primeiros imigrantes italianos e alemães que vieram para a região da Serra Gaúcha. Hoje, na 4ª geração produzindo vinhos, aliou as técnicas enológicas herdadas a um processo de modernização de toda a tecnologia empregada pela vinícola. O resultado da fusão entre tradição e modernidade vem gerando vinhos e espumantes de altíssima qualidade, referência do que de melhor é produzido no Rio Grande do Sul.



Km 12, estrada de Pinto Bandeira/RS – Indústria Brasileira
Caixa Postal 552 – CEP 95700-000 – Bento Gonçalves
dongiovanni@dongiovanni.com.br – www.dongiovanni.com.br
Tel.: (054) 451.4129

como há para o café e a soja, por exemplo.” Para 2005, a expectativa do produtor é de que os preços no mercado de hortifrutigranjeiros melhorem. “Em 2003 tivemos cinco meses de preços negativos. Só voltou a se equilibrar no fim de 2004”, lembra. “No verão, os preços tendem a ser melhores.”

O agrônomo e presidente da Câmara Setorial de Hortaliças de Mogi das Cruzes/SP, Thomas Nitzsche, diz que na área de hortaliças é muito difícil falar em números. “Há produção 365 dias por ano, 7 dias por semana. Tem muita rotatividade por ser um produto altamente perecível”, explica. Os 3.500 produtores de Mogi das Cruzes colhem cerca de 1.200 toneladas diárias de hortaliças, flores e frutas. Em todo o País, estima-se que 800 mil hectares produzam 16 milhões de toneladas de hortaliças, gerando 2,4 milhões de empregos diretos.

Produtor de hortaliças, cenoura, beterraba, berinjela e brócolis em Sororro, interior de São Paulo, Carlos Rodrigues de Moraes, de 60 anos, também tem muita experiência no campo. Trabalha desde os 10 anos

com a terra, que diz ser sua grande paixão. Com 5 ha próprios e alguma terra arrendada, ele conta com a ajuda de uma filha, da esposa e de um filho casado. Mas não é tão otimista no que diz respeito à agricultura familiar, que acredita estar fadada à extinção. “É tudo muito difícil, os lucros são pequenos e os gastos são altos. Para o grande produtor, é mais fácil equilibrar o orçamento.”

Adepto da agricultura orgânica, Moraes diz que o sistema é trabalhoso e que o amor à terra precisa ser redobrado. “Sei, no entanto, que estou fazendo bem ao meio ambiente, à minha saúde e à dos outros.” Poucas vezes a pesquisa o ajudou no manejo. “A gente aprende na prática”, analisa.

A produção de produtos orgânicos ainda é pequena, mas muito valorizada no mercado. Tanto é que Moraes reclama do preço nos supermercados. “Nas gôndolas, chega a ser até 200% maior do que vendemos, o que muitas vezes inibe o consumo.” E o pior, diz, sem o uso de agrotóxicos e com menos custos de produção, o produto deveria chegar ainda mais barato ao consumidor fi-

nal. Vale lembrar que a agricultura familiar é responsável por 70% da produção de produtos orgânicos no Brasil. O produtor usa o crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). “Esses programas ajudam muito quando passamos por uma época ruim, mas é melhor viver sem eles”, acredita.

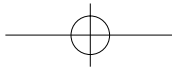
Também produtor de orgânico, Ricardo José Schiavinato, de 37 anos, diz que o financiamento para esse tipo de agricultura é difícil. “As linhas de crédito são as mesmas da agricultura convencional, mas nosso tempo de retorno é maior”, explica. “O apoio do governo é maior para produtos de exportação”, reclama.

Por isso, para conseguir um lucro melhor e maior rotatividade de seus produtos, Schiavinato deve focar sua produção em 2005 para pequenas lojas e feiras de orgânicos. “A expectativa para 2005 não é muito boa para quem pretende produzir para grandes mercados”, acredita. O agricultor diz que 2004 foi um ano atípico. “O produto orgânico estava no foco de muitas discussões, por causa da terra e da qualidade.” ■



A Granja

Em todo o Brasil estima-se que sejam cultivados 800 mil hectares com hortigranjeiros, gerando uma produção de 16 milhões de toneladas



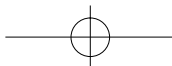
lonaleve®

Só Lonaleve é da Alpargatas.
Não aceite imitações.

Lew Lara

**A lona tem que ser muito boa
para você colocar todo
o seu investimento embaixo dela.**

AMC - Atendimento Master ao Consumidor: 3167-7277 (DDD 11) ou 0800 7070 566 (outros locais) - www.lonasalpargatas.com.br





Divulgação

A vez dos grãos ESPECIAIS

A produção de cafés especiais vem ganhando mais espaço no Brasil. No Sul de Minas Gerais, uma das principais regiões produtoras, a conquista de prêmios nacionais em categorias de grãos selecionados tem despertado o interesse de compradores de todo o mundo. Tal façanha está incentivando o plantio por novos produtores. Entre as vantagens, está o maior valor agregado: o café especial custa até 30% a mais do que o tradicional

Quem sorve um gole de café especial da marca Cristina está saboreando uma tradição de 60 anos. Daltro Noronha Barros herdou a experiência do sogro, Sebastião Alves Pereira, e deu prosseguimento à vocação da família, aprimorando o processo ao longo do tempo. Hoje, o produtor comemora os números. Foi da fazenda Transwal, no Sul de Minas Gerais, que saiu o café com a maior cotação mundial. Barros vendeu 60 kg de café orgânico pelo preço de R\$ 80.010,10.

O lance foi pago por um grupo de torrefadores durante o 12º Encafé (Encontro Nacional da Indústria de Café), depois de ter sido o vencedor do 1º Concurso Nacional ABIC de Qualidade do Café da Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic). O recorde anterior pertencia a um produtor da Guatemala, que no ano passado obteve o preço de US\$ 2.006,00 por saca.

O momento, agora, é de amadurecimento de todo o processo. “Queremos criar mais raízes e aproveitar as condições naturais para investir em cafés finos”, afirma Barros. Esta tem sido uma tendência natural da região do Sul de Minas, e cada vez mais produtores aderem ao cultivo de grãos especiais. Foi o que fez Cláudio Pinto, que resolveu destinar os pouco mais de 80 ha da Fazenda Grota de São Pedro, em Carmo de Minas/MG, ao plantio de café orgânico. “A colheita que terminou foi muito boa”, comemora o agricultor. Para obter estes resultados, Cláudio Pinto investiu pesado. E reconhece: o trabalho é maior.

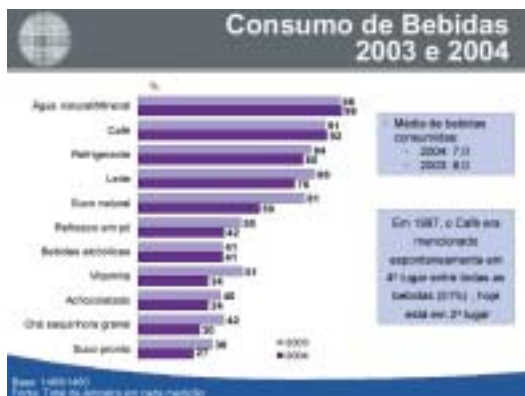
Todo o processo é natural, o que exige mais dedicação. “A planta tratada sem química tem um sabor diferente”, destaca ele. A terra é tratada apenas com adubo orgânico e o controle é feito sem o uso de agrotóxicos. A colheita é seletiva, e são retirados do pé apenas os grãos maduros. A mesma atenção é dispensada durante a secagem, feita por aquecimento solar. Apesar de

já estar cultivando café orgânico há quatro anos, esta vai ser a primeira safra comercializada com esta denominação. A expectativa, diz o produtor, é obter um preço de 30% a 50% maior do que o pago pelo café convencional, cotado em R\$ 280,00/saca no final de

2004.

Cláudio Pinto conta que houve uma melhora nos valores, mas afirma que o adequado seria uma estabilização. “Um preço constante seria o ideal”, argumenta ele.

A comercialização fica a cargo da Cooperativa de Cafeicultura do Vale do Rio Verde, que centraliza a produção local. “Essa estrutura ajuda muito na hora de vender os grãos”, diz. Agora, Cláudio Pinto quer credenciar o café de sua propriedade para ser recebido pela cooperativa na categoria de orgânico. O retorno obtido até agora demonstra que o agricultor está no caminho certo. Seu café foi o terceiro colocado na categoria cereja descascado do 1º Concurso Nacional Abic de Qualidade do Café da Abic.



Qualidade destaca Minas Gerais —

As premiações conquistadas pelos cafeicultores de MG têm despertado a atenção dos compradores. Paulo Sérgio de Almeida, engenheiro agrônomo que presta consultoria na região, explica que o clima, a altitude e a fertilidade do solo do Sul de Minas são condições favoráveis para o cultivo de café fino. Não foi à toa que o governo mineiro resolveu investir no Agrominas Café, projeto que busca agregar valor ao produto e diversificar o café produzido na região. A meta é ampliar a industrialização de grãos de qualidade e, com isso, aumentar a remuneração de toda a cadeia produtiva.

O processo ganha corpo, e produtores que apostavam apenas nos grãos convencionais decidiram destinar parte da terra para o plantio dos especiais. Assim ocorreu na Transwal, onde Almeida presta consultoria. Além dos 500 mil pés de café tradicional, foram plantados 100 mil pés de café orgânico. O processo vem sendo melhorado a cada ano. “Estamos colhendo cerca de 400 sacas de café orgânico na Transwal”, conta Almeida. Segundo ele, depois de três anos difíceis para a cultura do café, a situação começa a melhorar. “O produtor que investe em café especial está tendo retorno. É mais trabalhoso, mas o investimento é compensador”, afirma ele. A luta de Daltro Barros, agora, é pelo reconhecimento do seu produto como café de origem.



Barros (à esquerda) produz café há 60 anos e tanto aprimoramento lhe rendeu o prêmio Abic de Qualidade. Almeida (à direita) destaca as qualidades da região para a produção de cafés finos

Divulgação



A Granja

A iniciativa leva em conta todo o processo de produção, praticamente artesanal. São necessárias cinco pessoas para cuidar 5 mil pés de café, o que aumenta os investimentos na lavoura. “É tudo mais caro, do plantio à colheita”, diz Barros. Não é apenas nesta etapa que as estratégias são diferentes. A comercialização também exige cuidados especiais. Enquanto o café convencional pode ficar estocado por cinco anos, o orgânico é armazenado por um ano. “Isso significa mais rapidez nas negociações”, reconhece Barros.

Hoje, quase a totalidade da produção de cafés finos é exportada. No entanto, os agricultores acreditam que o mercado interno tem potencial para absorver boa parte do que é colhido no Brasil. “Em 2004, parte da produção já foi vendida aqui mesmo, isso é um ótimo indicativo”, acredita Barros. Os números da Abic dão conta de que o Brasil, maior produtor mundial, caminha para se tornar também o principal consumidor da bebida. Os brasileiros consumiram 14,3 milhões de sacas entre outubro de 2003 e setembro de 2004. Pelas estimativas apresentadas durante o 12º Encafé, esse número poderá passar para 16 milhões de sacas em 2006 e chegar à marca de 20 milhões de sacas até o ano de

2010. Se as previsões se confirmarem, o Brasil deverá ultrapassar os Estados Unidos e assumir o primeiro lugar no ranking do consumo.

Boas perspectivas para 2005 —

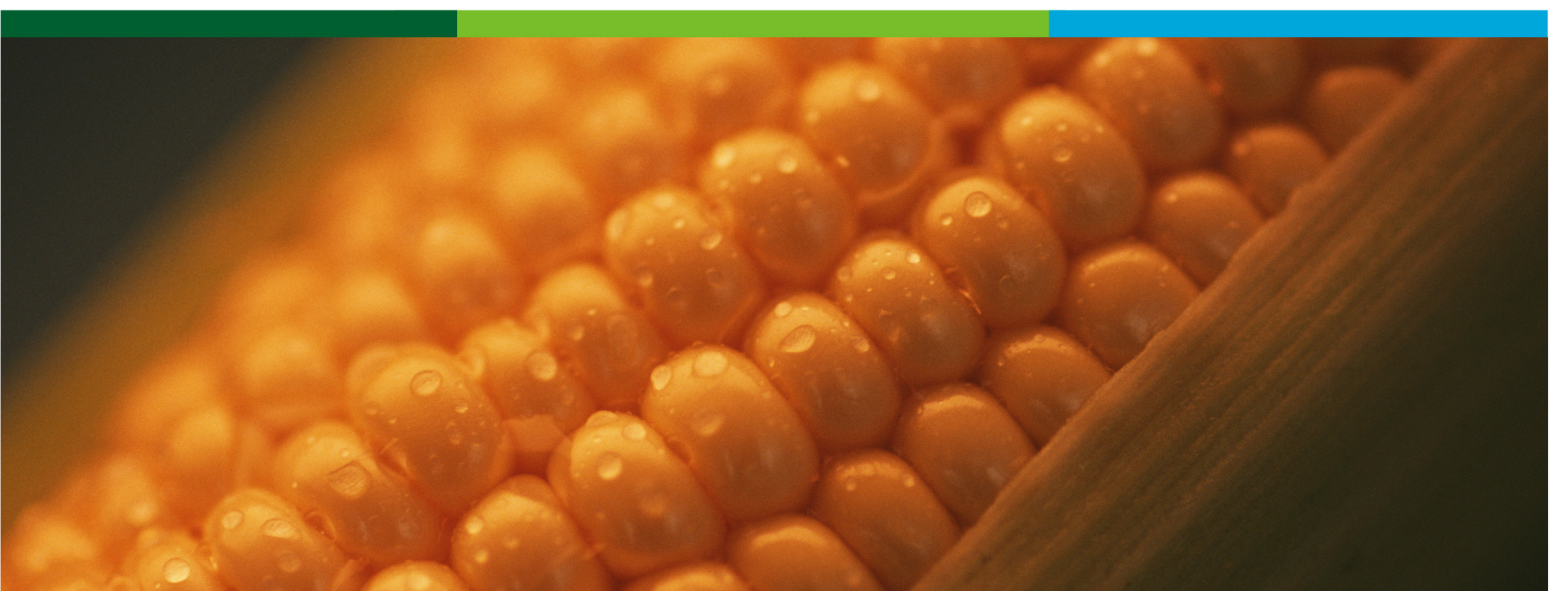
O ano de 2004 foi classificado como uma “lufada de ar puro” para a cafeicultura brasileira. “No ano anterior, o setor sofreu com a descapitalização, desânimo e falta de perspectiva”, afirma Celso Luís Rodrigues Vegro, pesquisador científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA). O último semestre do ano passado foi o mais importante em termos de retomada de preços, o que dá a expectativa de um 2005 de boas oportunidades para quem planta. “Desde 2003 há uma queda na oferta, o que faz com que o produto fique mais valorizado”, explica ele.

O primeiro levantamento da safra para 2005/2006, divulgado em dezembro pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), reforça esta tendência. De acordo com as estimativas, a produção brasileira ficará entre 30,7 e 33,0 milhões de sacas de 60 kg. Os números são 14,5% inferiores aos apurados na safra passada, quando foram colhidos 38,6 milhões de sacas — uma queda de cerca de 5,6 milhões de sacas. O motivo apontado pelos técnicos da Conab é a alternância total da

produção a cada ano. Outra explicação é a redução da área plantada. A pesquisa da Conab dá conta de que o café arábica apresenta queda de 24,6% na comparação com a safra anterior — passando de 31,1 milhões para 23,5 milhões de sacas. Já o robusta apresentou crescimento de 26,4% (de 7,6 para 9,6 milhões de sacas).

A queda da produção do café arábica é uma tendência mundial, explica Vegro. Aliado a este fator, pesa na valorização do café o reconhecimento dos torrefadores à qualidade dos grãos cultivados no Brasil. “Os produtores estão resgatando uma imagem positiva no exterior com a conquista de prêmios importantes”, diz o especialista. Prova disso foram os contratos fechados durante o 12º Encafé, no final de 2004. No encontro, organizado pela Abic e Agência de Promoção às Exportações Brasil (Apex-Brasil), foram movimentados US\$ 4,3 milhões em negócios. Também contribuem neste cenário a revitalização da imagem da bebida. “O café virou moda e, junto com isso, foram divulgadas as novas descobertas dos benefícios que ele traz à saúde”, afirma Vegro. Bons motivos não faltam para a valorização do café brasileiro. ■

Onde tem vida



Tem Adubos Trevo



Produzindo fertilizantes alimentamos as plantas, que por sua vez alimentam a população. Assim, nosso trabalho se reflete nas pessoas.

Há mais de 70 anos produzimos vida e esta é a nossa parcela de contribuição social, pois a qualidade da planta resulta na vida de quem a consome.

Qualidade de vida...este é o nosso produto final !!

ADUBOS  **TREVO**



ANÚNCIO

ANÚNCIO

Em busca de novos CAMINHOS

O setor de transportes precisa de investimentos com urgência.

A má condição das estradas é uma reclamação comum dos produtores de todo o País, que têm dificuldades em escoar a produção de um modo ágil e com menos custo. O sistema portuário também passa por problemas, enquanto o ferroviário praticamente não é utilizado no País

Não é preciso ir muito longe para perceber que a situação das estradas brasileiras é complicada. Basta percorrer alguns quilômetros nas rodovias para ver de perto a falta de condições de tráfego e a dificuldade de acesso. Os produtores, que enfrentam problemas na hora de escoar a produção, apontam a infraestrutura como um dos maiores gargalos do agronegócio. E alertam: a ne-

cessidade de investimentos é urgente. “Do contrário, não teremos como evitar a ocorrência de uma crise de proporções gravíssimas no escoamento da safra e da indústria”, adverte José Ribamar Dias, vice-presidente da Associação Nacional dos Usuários de Transporte de Carga (Anut).

O principal temor é de que a malha rodoviária, principal base de sustentação do escoamento, possa entrar em

colapso a qualquer momento, por falta de manutenção e ação das chuvas. O apagão logístico é iminente, afirmam os especialistas. Para evitar a total incapacidade de transportar o que foi produzido, a Anut calcula que o governo precisaria investir R\$ 1,83 bilhão do orçamento de 2004 e mais R\$ 6 bilhões em 2005.

Uma das alternativas apontada pela Anut é ativar o modal ferroviário, con-



Divulgação Kepler Weber

siderado o mais indicado para fazer chegar aos portos a produção que tem como destino o mercado externo. “As ferrovias seriam como elemento indutor do reequilíbrio da matriz de transportes”, acredita Dias. O mesmo acontece com relação ao transporte marítimo e fluvial, subutilizados no País. De acordo com a entidade, é justamente essa escassez de infra-estrutura de armazenagem e a repartição inadequada da movimentação de carga entre os diversos modais de transporte que mais preocupam hoje no Brasil. Para que a situação mude, o governo precisa investir para mudar ambos os sistemas, que estão defasados. É com base nestes argumentos que a Anut propõe ao governo federal uma agenda de investimento, para o período 2004-2010.

A idéia é recuperar as rodovias até 2005 para evitar um colapso logístico. De 2006 a 2007, os investimentos seriam destinados a portos, hidrovias, rodovias e ferrovias para ampliar a capacidade da malha existente, inclusive por meio do aperfeiçoamento do equilíbrio da distribuição modal. Por último, no biênio 2008-2010, a Anut sugere a ampliação física da malha viária, cuja discussão deve ter início em 2005.

Estrutura precisa ser revista —

Os problemas enfrentados com a logística acabam prejudicando as condições excepcionais do Brasil para se tornar o celeiro do mundo. “Temos a natureza como aliada para produzir, do-



Divulgação

Dias, da Anut: “necessidade de investimento é urgente, do contrário teremos crise de proporção gravíssima”

minamos tecnologias de ponta e também o processo de gestão, mas da porteira para fora, os problemas se agravam”, afirma Luiz Antonio Fayet, consultor para logística de transportes da Confederação Nacional da Agricultura (CNA). Segundo ele, o momento requer que dois pontos fundamentais sejam revistos: a questão do investimento estatal e a gestão do que já existe no País.

Para Fayet, é preciso que o governo deixe de dar prioridade ao setor financeiro e passe a prestigiar a produção. Ele cita como exemplo os recursos da Contribuição de Intervenção no

**DE UM LADO,
A QUALIDADE QUE
VEM DO CAMPO.**

**DE OUTRO, A TECNOLOGIA
QUE TRANSFORMA
TRIGO, CENTEIO, CEVADA
E TRITICALE EM FARINHAS
DE ALTA QUALIDADE.**

Sistema de moagem
para produção
alimentícia de trigo,
MODELO AGSB-10B/2002



A CBM - Companhia Brasileira
de Moagem está agregando
mais valor ao seu produto utilizando
a tecnologia revolucionária de
moagem da Agrex.

- Linha de moagem integrada em plano horizontal, com sistema de limpeza, de germinação e cilindros.
- Sistema modular e flexível permite desenvolvimento de projetos sob medida para cada tipo de exigência.



Rua Olavo Berruto Viana, 104/502
CEP 90570-070 - Bairro Moinhos de Vento
Porto Alegre - RS - Fone: 55 51 3222 2777
Fax: 55 51 3222 1390 - Cel.: 55 51 8115 8120
www.agrex.com - carlos_bonilla@agrex.com.br

COMPANHIA BRASILEIRA DE MOAGEM

Domínio Econômico (Cide). “Por determinação constitucional, os valores devem ser aplicados em infra-estrutura de transportes, mas vêm sendo retidos irregularmente na forma de contingenciamento orçamentário”, afirma. Isso significa que o governo não está aplicando no setor de transportes cerca de R\$ 10 bilhões. Segundo Fayet, menos da metade desse montante seria suficiente para dar uma solução geral ao sistema rodoviário brasileiro.

Outro esforço da CNA é para obter a intervenção federal no Porto de Paranaguá. Pelos cálculos da entidade, o agronegócio sofreu prejuízos superior a US\$ 1 bilhão em 2004 em função da administração. “Houve um desmonte do sistema operacional e muitos desmandos de uma administração incompetente e despreparada”, critica o consultor. Em função disso, a Comissão Portos, criada pela Ação Empresarial, pediu ao governo federal que intervenha em Paranaguá. A CNA também entende como solução emergencial para a logística a liberação imediata da autorização de investimento privado nos portos. “Em 12 meses, poderiam ser implantadas todas essas soluções”, acredita Fayet.

A confederação também luta para conquistar definições de políticas para diversos segmentos de transportes. A medida mais urgente, segundo o consultor da CNA, seria consolidar novos corredores de exportação, especialmen-



Manteli, da ABTP: setor portuário reivindica regras claras para dar segurança aos investidores

Divulgação

PROPOSTA DE INVESTIMENTO		
Período	Valor	Destino
2005	R\$ 4,5 bilhões	Obras emergenciais nas rodovias
2005	R\$ 2,0 bilhões	Eliminação de gargalos nas ferrovias
2005	R\$ 0,7 bilhão	Retomada de obras nas hidrovias
2005	R\$ 0,8 bilhão	Recuperação dos portos
2006/2007	R\$ 3,5 bilhões	Investimentos complementares

Fonte: Anut

te os de São Luiz (que atenderia Maranhão, Piauí, Tocantins e Goiás), de Santarém (Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) e do Rio Madeira (Roraima e Mato Grosso). “Se isso acontecer, teremos a grande abertura da década, e o Brasil estaria capacitado a ocupar fatias importantes do mercado internacional”, acredita Fayet.

Política portuária preocupa — A questão portuária é um dos principais entraves de logística no Brasil. O que mais prejudica o setor, de acordo com a Associação Brasileira de Terminais Portuários (ABTP), não é a falta de investidores, mas sim a inexistência de regras claras para que a iniciativa privada tenha segurança para aplicar recursos nos portos. “Precisamos definir uma política nacional”, defende Wilen Manteli, diretor-presidente da ABTP. O objetivo, explica ele, é estabelecer normas que permitam atingir os efeitos desejados no sistema portuário brasileiro, formado por 35 portos organizados e 150 instalações portuárias, que juntos movimentam, em média, 550 milhões de toneladas. “Temos uma boa legislação, o que precisamos é sinalizar com um marco regulatório que dê segurança aos investidores”, defende Manteli, ao se referir à Lei 8630/93. O problema, acredita, é que tudo fica na teoria.

O executivo diz que a lei não foi aplicada na totalidade justamente pela falta de orientação do governo para sua execução. “Os 70% que estão na prática geraram bons resultados. Os portos que fizeram investimentos viram sua produtividade triplicar”, argumenta. A qualidade dos serviços aumentou, fato que para Manteli reforça os bons parâmetros estabelecidos pela lei. O próximo passo defendido pela ABTP é de reestruturação das administrações portuárias, acabando com a burocracia. Quanto mais tempo um navio fica parado, aguardando liberações, maior é o seu custo. Um dia parado no porto cus-

ta, em média, de US\$ 30 mil a US\$ 50 mil por navio.

Outra preocupação dos empresários do setor é quanto ao papel das Companhias Docas, controladas pelo governo federal. “O formato jurídico é inadequado”, critica Manteli. Para ele, o fundamental é ter uma administração portuária que entenda o porto como uma atividade comercial. Por isso, ele defende que o governo dê espaço para administrações que tenham uma visão empresarial. “Precisamos nos liberar da forte influência político-partidária e, assim, dar continuidade aos projetos”, alega.

Além do fim da burocracia, a ABTP pede ao governo federal que sejam adotadas medidas eficazes na área de dragagem. “Precisamos ter acessos facilitados, como se fosse uma rodovia”, exemplifica Manteli. Segundo ele, o calado tem impacto grande nas exportações, já que os navios não conseguem sair com a totalidade que poderiam carregar, o chamado “frete morto”. Outra alternativa para melhorar a situação do setor é que os terminais que fazem investimentos possam compensá-los nas tarifas pagas às docas.

Para o presidente da ABTP, este conjunto de medidas serviria de estímulo para que os investidores privados voltassem a apostar no sistema portuário. “A primeira tarefa seria licitar as áreas ociosas, mas falta vontade e ousadia de tomar essas resoluções”, argumenta. De acordo com Manteli, as hidrovias são muito pouco aproveitadas, apesar de apresentarem grande potencial. “Essa boa utilização vai depender da integração com outros modos de transporte”, afirma. Se o governo levar adiante as propostas do setor, a expectativa é de grandes avanços nos próximos dois anos. A idéia é dar fôlego ao setor em curto prazo, aumentando a capacidade de movimentação de cargas. ■

ANÚNCIO



A Granja

SILÓ: **estrutura** **fundamental no** **campo**

Na última década, a procura por equipamentos de armazenagem cresceu 1,75% ao ano. Nos últimos três anos, a média na movimentação de negócios se expandiu para 10%, graças aos investimentos feitos por grandes grupos e cooperativas

Equipamentos de armazenagem não são privilégio de grandes propriedades rurais. Hoje é comum encontrar coletores e unidades de estocagem em pequenas e médias fazendas por todo o Brasil. É que o produtor brasileiro está se dando conta que, cada vez mais, as-

segurar a qualidade dos produtos significa obter melhores preços no mercado, já que é possível controlar a época de venda e comercializar no momento em que a cotação for mais favorável. Além disso, a perspectiva de uma supercolheita faz aumentar a necessidade de equipamentos no País.

Para o ciclo 2004/2005, a previsão da safra é de 131 milhões de toneladas, apesar de muitos dirigentes rurais considerarem uma estimativa um pouco em descompasso com a atual realidade no campo. Segundo André Pessoa, sócio-diretor do Agroconsult, 2005 será um ano difícil, pois o Brasil não dispõe de unidades suficientes de armazenagem. A dinâmica da produção brasileira é de extrema intensidade o ano inteiro, por oferecer colheitas de cultivares de verão e de inverno. Dessa forma, não existe margem para armazéns inativos. Assim, muitas vezes, há problema da falta de novos depósitos para a estocagem de grãos.

Investir em estruturas de armazém para grãos requer capital significativo até mesmo na situação de variáveis quanto ao volume que o produtor vai colher. Além do espaço físico

planejado, demandará de outros requisitos, como a aquisição de esteiras, elevadores, equipamentos para expurgos, entre outros. Por isso o produtor rural precisa delinear bem a sua meta de produção e optar entre o que é mais válido e vantajoso para ele na hora de resolver terceirizar o serviço de armazenagem ou investir na sua própria infra-estrutura.

O Brasil está servido satisfatoriamente de bons armazéns, tanto para uso individual, quanto na utilização terceirizada ou ainda em relação às empresas fornecedoras de silos que, em geral, mantêm um padrão de qualidade na execução de projetos na propriedade. A armazenagem é um recurso muito bem empregado quando se quer ter estoques estratégicos para esperar a ocasião ideal para vender a safra com melhores preços. Em síntese, o setor continuará reagindo de acordo com o comportamento de mercado.

Crescimento médio do setor —

Segundo o consultor André Pessoa, no que diz respeito aos investimentos individuais ou coletivos, o setor de armazenagem tem demonstrado um crescimento médio de 1,75% ao ano em negócios, considerando o

período da última década. Agora, se forem comparados apenas os últimos três anos, a média está acima dos 10%. “Esse desempenho verificado nos últimos três anos tem ocorrido em função dos investimentos feitos pelas grandes empresas, pelas cooperativas e pelos empresários rurais, que são os principais tomadores de recursos junto aos bancos para a renovação ou ampliação da sua capacidade instalada de armazenagem”, diz Pessoa.

Ele explica que, nesse triênio, o estímulo aos investimentos na área foi decorrente do próprio excedente de produção registrado nas sucessivas safras, além da concretização do acesso ao crédito agrícola e a capacidade de pagamento do produtor. Este, por meio do lucro obtido na lavoura, pôde direcionar mais investimentos e teve mais condições para a amortização das parcelas do financiamento. Quanto à liberação de crédito ao produtor, o consultor analisa que as linhas de financiamento melhoraram, mas ainda são insuficientes. “Os investimentos são para longo prazo, a amortização é demorada e a taxa de juros é elevada”, explica.

Segundo Pessoa, os recursos são

Parceria perfeita

A Comil Silos é parceira ideal quando você busca tecnologia e segurança para armazenar a sua Safra.

Sua safra em boas mãos

BR 277 • Km 598 • Caixa Postal: 35 • CEP: 85.804-200
Cascavel / PR / Brasil • Fone/Fax: (45) 228-5000

www.comil.com.br

 **COMIL**
Sua safra em boas mãos



A Granja

Tudo indica que 2005 será um ano difícil, pois o Brasil não dispõe de unidades armazenadoras suficientes para estocar a safra agrícola

captados via Programa de Incentivo à Irrigação e à Armazenagem (Moderinfra), com taxa de 8,75% ao ano, mais 3% para a instituição financeira para empreendimentos até R\$ 400 mil. Já para as opções de empreendimentos de até R\$ 600 mil, a taxa cobrada é de 10,75% ao ano, mais 3% ao ano, incluídos para o banco credenciado. Para os empreendimentos coletivos, o teto pode chegar até R\$ 1,8 milhão e, em todos os casos, com opção para o financiamento integral. Na análise de Pessoa, haverá este ano diminuição quanto à margem da lucratividade do produtor rural, o que também reduzirá a sua capacidade para assumir novos compromissos de financiamento.

Novas tecnologias e qualificação — Na opinião de Daniel Marçal de Queiroz, coordenador técnico do Centro Nacional de Treinamento em Armazenagem (Centreinar), também o setor de pós-colheita precisa receber maior incentivo das agências financiadoras de pesquisa no Brasil.

“Gasta-se muito recurso para se produzir bem, mas não se sabe direito como conservar a qualidade e a quantidade do que foi produzido”, diz.

Ele também destaca a importância das empresas que estão preocupadas em investir em normas para o melhor controle da qualidade de produtos agrícolas e, principalmente, para aqueles que são exportados. Na concepção de Queiroz, a tendência é de os compradores internacionais aumentarem suas exigências com relação à qualidade dos produtos que estão comprando. “E qualidade não se obtém da noite para o dia, é um

processo longo e demorado. É importante estarmos preparados para essas mudanças, antes que elas ocorram de modo a deixar o Brasil de fora”, analisa.

Na questão do aprimoramento ou mesmo na formação de mão-de-obra, Queiroz adianta que a demanda por profissionalização é crescente e a curva tende a continuar este ano. Outro ponto destacado por ele é em relação à criação de alternativas de armazenagem

para o produtor rural. “Na área de testes de equipamentos, estaremos trabalhando por demanda principalmente da indústria. Estamos pron-



Divulgação

Pessoa: desempenho do setor nos últimos três anos é reflexo dos recordes de produção

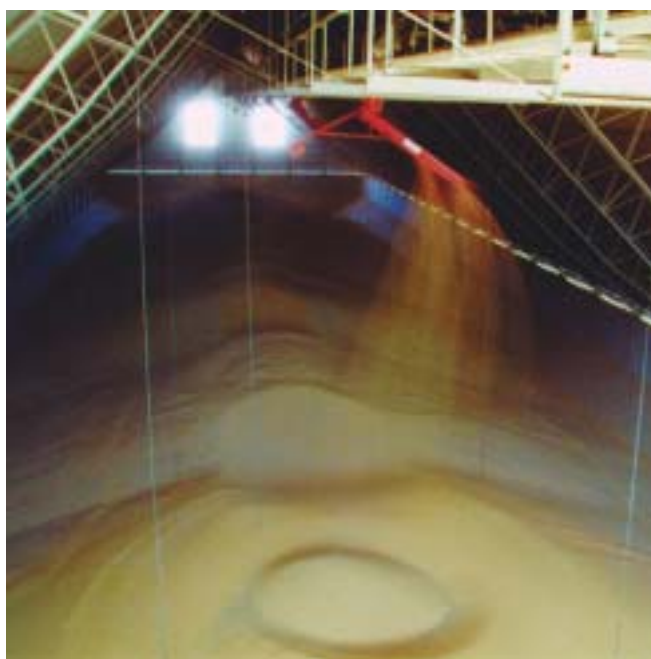
tos para atender às necessidades do setor”, conta. Segundo ele, é grande o número de pessoas que operam equipamentos em unidades armazenadoras sem qualquer tipo de preparo. O resultado é o aumento nas perdas e a redução da qualidade do produto final. “Sem falar, é claro, na segurança do trabalho. Se o operador não tiver devidamente treinado, as operações executadas em uma unidade armazenadora são de alto risco”, adverte.

Capacidade estática — Conforme um levantamento feito pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a atual situação dos armazéns instalados hoje no Brasil aponta uma capacidade estagnada de armazéns para atender os estoques estratégicos. Em geral, eles são utilizados para minimizar o risco do desabastecimento. Existem 13,7 mil unidades de armazenamento no País, segundo o levantamento, com volume total para suportar 94 milhões de toneladas. A cada ano, porém, a produção agrícola registra cresci-

mento.

Tal situação implica em novos investimentos na área de infraestrutura e recursos para melhorar a logística no escoamento da safra agrícola, que estão entre os principais gargalos do setor. Essa estagnação requer ainda a modernização das estruturas de armazenagem, a melhoria na qualificação nos processos operacionais, o aprimoramento da mão-de-obra, entre outros fatores que acabam influenciando na qualidade do produto final. Além de gerar perdas ou des-

perdícios significativos, chegando a cifra de R\$ 1 bilhão por ano. ■



Divulgação

País tem condições de armazenar até 94 milhões de toneladas de grãos, segundo a Conab



**O CINCO ESTRELAS ONDE
TODO GRÃO DEVE ESTAR.**

EMA. Pensando além da armazenagem.

Rua Alberto Parenti, 1382 - Erechim - RS - Brasil
www.ema.ind.br - vendas@ema.ind.br - (54) 520 8701

Engenharia de Movimentação
e Armazenagem



EXPORTAÇÕES em alta

O aumento de insumos estratégicos, como aço e pneumáticos, aliado à queda do dólar, foi o grande vilão da indústria de máquinas e equipamentos agrícolas em 2004. Só o aço encareceu 56% no ano passado. Para 2005 as projeções da indústria não são lá muito animadoras. A expectativa é de que o volume de produção se mantenha nos mesmos níveis, enquanto a comercialização pode apresentar uma queda de 10,5% em relação ao ano passado.

O fato de as principais *commodities* terem saído de um período de cotações acima da média histórica fez com que o produtor puxasse o freio de mão para novos investimentos. O preço da soja voltou a patamares

mais aproximados da realidade brasileira, o que culminou em maior cautela na tomada de financiamentos. A exceção foi constatada no setor sucroalcooleiro, onde a curva de vendas foi ascendente.

Em 2004, quem liderou o ranking de compras foi o Estado de São Paulo, graças à forte demanda por tratores pelas usinas de cana-de-açúcar. Segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA), essa movimentação deverá manter São Paulo na dianteira das vendas de tratores e colheitadeiras até 2007, em função de diversos projetos de implantação de usinas no interior do Estado.

Produção cresceu 12% — A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) re-

gistrou um aumento de 12% na produção de máquinas agrícolas em 2004, onde o setor fechou o ano com 66 mil unidades fabricadas. Segundo o vice-presidente da Anfavea, Pêrsio Pastre, do total produzido, 38 mil máquinas foram comercializadas no mercado interno, praticamente o mesmo volume de 2003.

Em relação às exportações, o setor negociou US\$ 8 bilhões, dos quais US\$ 1,6 bilhão em máquinas que atenderam os mercados da Argentina, dos Estados Unidos, da Índia e da África do Sul. Entre janeiro e novembro de 2004, foram exportados 28,1 mil unidades, número que pode alcançar 30 mil unidades quando os cálculos da Anfavea relativos a 2004 forem consolidados. “Essa

Em 2004 as exportações foram a vedete do setor de máquinas agrícolas, com crescimento de quase 50% em unidades vendidas. Já o mercado interno foi marcado pela estagnação: ferrugem asiática, preços em baixa e quebra de safra dificultaram o crescimento das vendas



performance representa um aumento médio de 47% nas exportações de máquinas agrícolas neste ano”, comemora o vice-presidente. Para este ano, a Anfavea acredita em uma leve expansão dos embarques, com índice positivo em torno de 7%.

Para a Anfavea, o desempenho do setor no mercado interno em 2004 foi razoável. “Vários fatores conspi-

raram contra, como a quebra de safra em algumas regiões, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além do problema da ferrugem asiática nas lavouras de soja e também a queda de preços de *commodities* da soja e do milho”, exemplificou Pastre. Conforme análise do Instituto de Economia Agrícola, as montadoras estão reticentes quanto ao comporta-

Tem jeito mais fácil de controlar a armazenagem de grãos.

Conheça a INGRAIN 100:
a solução em silo-bag ideal para você.

Principais vantagens:

- Você escolhe o local da estocagem e o momento da comercialização dos grãos, ganhando em preço por saca e frete;
- Muito mais prática e econômica em relação aos silos convencionais.
- Permite a armazenagem de grande variedade de grãos, como soja, milho, trigo, aveia, cevada, sorgo e girassol.
- Segurança agrônômica total para os grãos.



Av. Frederico A. Ritter, 6740
Cachoeirinha - RS - Brasil
(51) 438.5815 - vendas@markbrasil.com.br



mento do mercado que se poderá ter em 2005.

Moderfrota — Quanto a liberações de linha de crédito via Moderfrota, por exemplo, o vice-presidente da Anfavea destaca ter ocorrido uma pequena demora na liberação de contratos de financiamentos entre julho e agosto e cujo impacto não foi tão danoso aos produtores. As liberações de financiamento agrícola para renovação de frota emperraram num período muito curto de tempo, não comprometendo a colheita da safra. “O sistema atual de operação e levantamento de dados do Moderfrota está mais simples e desburocratizado. O esquema operacional tem avançado para a integralidade, via sistema eletrônico, o que vai agilizar todas as solicitações e análises de créditos”, afirma Pastre.

Se a prestação de serviço na tria-

gem e aprovação de crédito ganhou nova dinâmica para facilitar a vida do produtor, o mesmo não aconteceu com a faixa limite de financiamento, pelo contrário. Houve uma piora das condições, isso porque o teto máximo, que antes permitia ao agricultor financiar até 90% do valor do bem, pela nova regra, passou a determinar um teto de até 80% do valor do financiamento.

O chamado novo Moderfrota é uma novidade anunciada pelos técnicos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a safra 2004/2005. O programa, que foi absorvido pelo Finame especial, a partir de agora determina que o agente financeiro recolha taxa de 4% ao BNDES, a título de cobertura de possíveis perdas do banco na operação do financiamento. Na prática os agentes financiadores, como os bancos das montadoras, terão

de pagar essa taxa de 4% sem repasse para o custo final da máquina fabricada.

Algumas mudanças no tipo de equipamento financiado vêm sendo percebidas: de um lado houve um acréscimo na aquisição de máquinas de maior potência, acima de 100 CV. “Tratores de maior potência estão sendo adquiridos em função das áreas de plantio direto e da ampliação de áreas onde é preciso maquinário mais potente, que dê condições de se alcançar maior produtividade”, interpreta Pastre. Também se detectou o crescimento dos cultivadores motorizados de menor potência. Em 2002 houve a venda de 1.050 unidades, no ano seguinte, a comercialização saltou para 1.585 unidades, registrando um aumento de 51% nos negócios. E em 2004, considerando o período de janeiro a novembro, já havia registrado uma expansão de 4,2% diante de 2003. ■



Em 2004 houve um crescimento de 12% na produção de máquinas agrícolas

Divulgação

MONTANA E REVISTA A GRANJA

Uma parceria de grandes resultados.



A amizade não tem preço, mas quando é a base de uma grande parceria traz sempre os melhores resultados. A Montana não poderia deixar de prestar uma merecida homenagem a seus amigos dessa revista, que salva a lavoura no mercado editorial agrícola. E desejar que em 2005 possamos, juntos, mais uma vez, colher os frutos desta amizade. Feliz aniversário, feliz 60 anos.



INSUMOS

Adubo e semente: gangorra de



PREÇOS

Enquanto o setor de adubos registrou aumento de até 40% nos preços de alguns produtos, no ramo sementeiro a previsão para 2005 é de queda de 20% nos custos

A alta dos preços deve frear as vendas de insumos em 2005. Pelo menos no que diz respeito ao mercado de adubos, onde o setor vinha registrando ganho médio de 8% ao ano na última década. Apesar de previsões mais otimistas que apontam um incremento de 4% ainda em 2004, o resultado do ano deve ser próximo ao patamar de 2003, quando foram processados 22,8 milhões de toneladas. A estimativa da cadeia é obter faturamento de R\$ 15,3 bilhões, cerca de 1% do Produto Interno Bruto (PIB), receita que deverá se repetir em 2005. “Isso é reflexo da alta dos preços do adubo que foi motivada pelo reajuste do preço do petróleo”, destaca o diretor executivo da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), Eduardo Daher.

Entre os principais fatores elencados pela indústria para o reajuste dos produtos – que em alguns casos chega a 40% – também está a combinação de um mercado mundial com oferta limitada e demanda crescente e da elevação dos fretes marítimos. Além dos fertilizantes, os fungicidas entram na lista dos vilões da lavoura, tendo em vista que o aumento da ferrugem na soja e sua disseminação no Hemisfério Norte elevaram a demanda pelo produto.

No caso específico dos adubos, de janeiro até outubro de 2004, foram comercializados 18,8 milhões de toneladas, quantidade muito próxima à do ano anterior. O grande destaque foi o mês de outubro, quando se registrou o recorde histórico de 3,11 milhões de toneladas, considerando-se o início das estatísticas do setor, em 1986. A concentração das entregas de adubos tem acontecido sempre nesse mês nos últimos dez anos.

A estabilidade da demanda também deve intervir nos investimentos no setor de matérias-primas da indústria de fertilizantes, até então previstos em US\$ 370 milhões para os próximos cinco anos. Segundo levantamento apresentado durante o Fórum Brasileiro de Fertilizantes, estima-se que o mercado de adubos nitrogenados acumule um déficit de 1,8 milhão de toneladas ao ano. Já os fosfatados têm considerável capacidade de aumento de produção e, desde que recebam investimentos da ordem de R\$ 1,2 bilhão, poderão atingir 1 milhão de toneladas em 2011.

Pelo fim da dependência — Novos projetos são vitais para reduzir a dependência internacional, que impõe à indústria uma insegurança para atender ao consumo de aproximadamente 9,4 milhões de toneladas. Além disso, sujeita o País a preços internacionais exorbitantes diretamente relacionados com o volume colhido pelos grandes

produtores mundiais de grãos. É o caso do cloreto, que chegou a custar US\$ 130,00 a tonelada e subiu a US\$ 205,00, com a entrada da China nas compras. Para incentivar a indústria nacional, a cadeia ainda reivindica isonomia tributária com o insumo importado e padronização de qualidade.

Essa injeção de recursos no setor é importante tendo em vista que a demanda por insumos tem crescido mais rapidamente do que a capacidade imediata da oferta nacional, elevando ao quadrado a dependência das variações de preços do mercado internacional, das taxas de câmbio, dos fretes internacionais e dos problemas de logística dos portos brasileiros. Outros fatores que se constituem em obstáculos para maior expansão do setor de insumos são a morosidade e a insuficiência de crédito e financiamento que têm sido destinados à agropecuária.

Segundo o diretor executivo da



Boelter e você, apaixonados pela terra.



Demonstre sua paixão pela terra. Use os Silos Móveis Boelter.

VANTAGENS

- alta capacidade de armazenamento durante a colheita;
- funciona como depósito intermediário;
- estacionário quando carregado;
- transportável para qualquer ponto estratégico da lavoura quando vazio.



Capacidade: 32 / 40 mil litros
Vel. de descarga: 3,2 / 5 mil litros

Conheça na sua revenda mais próxima toda a linha de colheita Boelter.

BOELTER
Paixão pela terra.

www.boelter-agro.com.br • vendas@boelter-agro.com.br

O custo das sementes em queda

O preço das sementes no mercado brasileiro deverá ter uma queda de cerca de 20% em 2005. A expectativa é do presidente da Associação Brasileira de Sementes e Mudanças (Abasem), Ywao Miyamoto. A redução é relativa à baixa do preço internacional dos grãos em 2004. Os baixos preços deverão motivar os agricultores a investir no insumo, o que deve render ao setor um faturamento de R\$ 5 bilhões a 5,5 bilhões em 2005. “As sementes representam cerca de 7% dos custos da lavoura, enquanto os adubos chegam a 28%. O preço está tão bom que não compensa guardar sementes de um ano para o outro”, reforça o dirigente, que também é presidente da Federação Latino-americana das Associações de Sementes.

E tudo indica que, nos últimos cinco anos, o produtor está realmente mais consciente sobre as vantagens de uma safra certificada. “O setor será o vetor da tecnologia, da alta da produtividade da agricultura nacional”,

diz confiante. O Brasil já tem uma boa gama de investidores. Só na soja, cerca de 85% das lavouras são cultivadas com variedades apropriadas. A exceção fica por conta do Rio Grande do Sul, onde o cultivo transgênico está disseminado e a certificação se limita a 20% da área plantada. Foi exatamente a difusão do mercado de sementes piratas que levou à expansão não-autorizada do plantio de OGMs no País.

O Brasil produz cerca de 1,5 milhão de toneladas de sementes certificadas ao ano, sendo que 60% delas são de soja, 15% de trigo e 13% de milho. Um dos setores que vêm despertando o interesse dos produtores é a semente de pastagem. Voltada para alimentação animal, ela ainda auxilia na criação de massa para a safra seguinte em sistema de plantio direto. “Essa integração entre pecuária e agricultura vem sendo muito desenvolvida no Centro-Oeste”, argumenta Miyamoto.

Segundo a Abasem, guardar sementes de uma safra para a outra pode pa-

recer uma economia, mas a longo prazo o investimento na compra de variedades leva a uma maior produtividade. Isso é evidente ao comparar os ganhos médios dos dois Estados que mais utilizam sementes certificadas (Paraná e Mato Grosso) com o resultado das regiões brasileiras que menos utilizam esse sistema (Rio Grande do Sul e Minas Gerais). “A produtividade média é 30% maior nos Estados com sementes certificadas”, informa. Esse ganho é motivado pela redução de invasoras na lavoura. “Com as sementes também ficam guardadas pragas que podem ser disseminadas na lavoura. E, em geral, o produtor não se dá conta disso. “Além da questão de sanidade, sementes adequadas ainda reduzem o uso de herbicidas, tendo em vista a menor infestação das áreas. “Não adianta o produtor usar grande tecnologia e alta mecanização se a semente cultivada não for apropriada”, conclui.

Anda, 2005 terá algumas peculiaridades. Com os casos de ferrugem diagnosticados nas lavouras norte-americanas, deve haver queda na produção mundial de soja e conseqüente alta dos preços e capitalização dos produtores. Neste ano, porém, vence o período de carência de créditos do Moderfrota, o que ajuda a elevar as contas dos agricultores. Daher espera que o governo federal assuma ações mais ousadas na política de incentivo e crédito ao cultivo e pré-cultivo. “Se o produtor está descapitalizado, fica com receio de investir. E esse temor aumenta quando ele vê o preço final de seu produto cair como aconteceu em 2004 com a soja”, salienta.

Mas tudo indica que a próxima safra deve surpreender na oferta de recursos, o que, sem dúvida, facilita a vida do produtor rural. “A safra 2005/2006 será o que estamos chamando de safra da reeleição”, alfineta o dirigente, se referindo à intenção do presidente Lula em concorrer à eleição presidencial de 2006.

Os negócios envolvendo insumos agrícolas também sentirão reflexos diretos do arrefecimento da relação entre o dólar e o real, reduzindo o custo dos importados, que constituem 70% do

consumo dos formulados de nitrogênio, fósforo e potássio. Outro indicador que favorece 2005 é a leve redução do barril do petróleo.

Mais produtividade — O Brasil ainda tem muito para crescer para conquistar produtividade. Nos Estados Unidos — grande consumidor mundial de adubo —, a produtividade média de um hectare de milho chega a 10 toneladas, o que no Brasil é de apenas 3 toneladas, embora se tenha registro de alta produtividade em lavouras do Paraná. Isso comprova que a produção de adubos ainda tem muito a crescer. Se for avaliada a produção nos últimos três anos, nota-se uma elevação de 37,3% em volume ofertado, ou seja,



Divulgação Embrapa

entre 2001 e 2003, as entregas nacionais subiram de 16,6 milhões de toneladas para 22,8 milhões de toneladas. Mas será que o Brasil está preparado para isso? Eduardo Daher acredita que não. Apesar do processamento crescente, o País ainda tem grandes gargalos logísticos que impedem o crescimento econômico. ■

ANÚNCIO

Cenário de preços



*Depois de passar
por um processo inflacionário
em 2004, os preços das terras devem cair em diversas
regiões do País. Tudo vai depender do comportamento da cotação
das principais commodities, tanto em nível interno
como no mercado internacional. Nas zonas de fronteira agrícola,
os valores estarão diretamente ligados à rentabilidade
prevista para a próxima safra*

mais ATRATIVOS



A Granja

O ano de 2005 deverá ser propício para quem se preparou para ampliar a área plantada. O preço da terra tende a cair em diversas regiões do País, após período de alta registrado no ano passado. A estimativa é que o mercado fundiário acompanhe a queda prevista nos valores pagos pela soja, milho, trigo e algodão, tanto no mercado doméstico quanto no internacional. “Na atual conjuntura, os preços são determinados mais pelo papel de ativo produtivo do que pelo componente especulativo, como reserva de valor”, explica Guilherme Soria Bastos Filho, economista da Agroconsult Consultoria & Marketing.

As terras em regiões já consolidadas tenderão a acompanhar muito mais a evolução da rentabilidade dos principais grãos do que as terras de fronteiras. Nas zonas de fronteira, a queda vai ser muito influenciada pela rentabilidade que os produtores conseguirão na próxima safra. A valorização também depende muito

de outros fatores, como abertura de estradas, construção de armazéns e a chegada de novos produtores ao local. São justamente essas regiões que deverão apresentar preços mais baratos, atraindo a atenção dos produtores.

Mas não são apenas as *commodities* que interferem no preço da terra. Diferentes estudos sobre o tema mostram que os valores são reflexo de uma série de fenômenos complexos e específicos de cada momento. “As séries históricas expressam bem o comportamento diante das profundas mudanças econômicas ocorridas tanto na política setorial (crédito, preços agrícolas), como na política macroeconômica (inflação)”, completa o economista. Ao se observar a série real de preços de terra no Brasil, é possível verificar um padrão de correlação entre o movimento dos valores e os vários planos de estabilização. “Às vésperas dos Planos Cruzado, Verão e Collor (com exceção do Plano Bresser), os preços da terra registraram acentuada expansão, caindo nos semestres seguintes”, lembra Bastos.

Foi no ano 2000 que os preços começaram a reagir, registrando elevação sob a influência da queda dos juros, recuperação da economia e evolução positiva das cotações de soja e rentabilidade dos produtores. “O mercado ainda é muito pouco dinâmico”, afirma Bastos. Ele aponta a questão da titulação das terras e regularização fundiária como grandes obstáculos para a dinamização deste mercado, agravado também pela garantia do direito de propriedade, constantemente ameaçada por invasões e desapropriações.

Para mudar esse quadro, Bastos defende a revisão do Estatuto da Terra. Segundo ele, os critérios para desapropriação da terra estão distorcidos, e a resposta do governo de desapropriar tem levado em conta a pressão de grupos de movimentos sociais. “Isso instaura um clima de insegurança no campo. É pre-

ciso criar um sistema nacional de cadastro e registro das terras”, defende o economista. Para Bastos, o despreparo das instituições para lidar com assuntos técnicos e legais de registro de terra acaba resultando em múltiplos títulos para a mesma parcela da terra (grilagem), além da imprecisão na especificação dos limites de cada propriedade. “Temos que dar um gás no desenvolvimento deste mercado, promover um mecanismo para o uso mais racional da terra e aumentar a geração de emprego no campo. Com a remoção destes obstáculos, poderemos ter um mercado mais dinâmico”, acredita o especialista.

Soja interfere no mercado — A comercialização de terras está diretamente ligada às atividades agrícolas. Quando uma cultura ganha impulso e gera boa remuneração ao produtor, acaba intensificando também o mercado fundiário. “Nestes últimos anos, a soja proporcionou rendimentos positivos aos agricultores, interferindo significativamente no setor”, diz José Humberto Guimarães, coordenador nacional da Bolsa de Parcerias e Arrendamento de Terras. Grande parte dos ganhos foi aplicada na



Divulgação

Bastos, da Agroconsult: critérios para desapropriações estão distorcidos

ampliação da área plantada, tanto em compra quanto em arrendamento. “O ritmo determinado pela soja acabou por inflacionar os valores das terras, uma supervalorização incompatível com o negócio agrícola”, argumenta Guimarães.

O mercado de terras cresceu em praticamente todas as principais regiões produtoras do País, em função da excelente rentabilidade que os sojicultores vinham recebendo nos últimos três anos. “No primeiro trimestre, a explosão dos preços da soja criou a falsa expectativa que o ano seria ainda melhor, portanto, os preços de terra no primeiro semestre de 2004 subiram fortemente”, completa Bastos, da Agroconsult. No segundo semestre, os preços em diversas regiões começaram a cair. “Foi o reflexo da queda das cotações de soja e de outras commodities no mercado internacional, além da perspectiva de rentabilidades mais baixas em 2005 em algumas regiões produtoras”, afirma o economista.

Para Guimarães, não há razões consistentes para a supervalorização da terra, fora as boas expectativas com relação à cultura da soja. “A terra, na realidade, deve valer pelo fluxo de renda que ela pode proporcionar a quem a utiliza na produção”, afirma. É justamente aí que começa a polêmica. Guimarães, que acompanha este mercado há muitos anos, diz que grande parte da terra, no Brasil, está degradada pelo uso contínuo com a pecuária, deficiente na produção de carne e leite. “Essas terras necessitam de investimentos para sua revitalização, qualquer que seja a sua finalidade: pecuária ou agricultura”, alega.

A reversão das expectativas otimistas quanto à próxima safra de soja acabou causando uma estagnação nos negócios de compra, venda e arrendamento de terras agrícolas. Segundo Guima-



A Grunja

Preços das terras em áreas de fronteira agrícola

US\$/acre	2001	2002	2003(a)	1º sem./ 2004(b)	2º sem./ 2004(c)	% (c/a)
Paranatinga/MT	12,04	14,25	29,43	63,77	56,30	91,3%
Nova Ubiratã/MT	172,05	192,21	233,81	332,62	277,89	18,9%
Brasnorte/MT	96,86	93,41	121,62	208,35	176,41	45,0%
Cristalina/GO	111,83	94,52	158,65	241,46	241,29	52,1%
Dianópolis/TO	92,90	83,58	145,50	149,48	136,73	-6,0%
Redenção/PA	27,53	36,95	54,29	69,36	66,49	22,5%
Uruaçu/PI	34,41	41,38	64,15	117,32	91,56	42,7%
Cerejeiras/RO	75,36	84,83	115,48	262,85	242,77	110,2%
Boa Vista/RR	21,51	18,54	30,18	52,08	61,66	104,3%
São Gabriel D'Oeste/MS	86,02	75,28	110,15	204,80	237,00	115,2%

Fonte: FNP e Agroconsult

raes, pode haver alguma exceção em regiões tradicionalmente agrícolas, onde o custo de produção é mais baixo do que nas zonas de fronteiras. O preço da terra também pode ser valorizado conforme sua aptidão para atividades agrícolas mecanizáveis e sua localização. Nesse caso, conta-se a propriedade estiver bem posicionada em relação à obtenção de insumos e à distribuição da produção. “A terra precisa ser agricultável e estar localizada em região que tenha logística”, resume Guimarães.

Vantagens do arrendamento

Aqueles que decidirem ampliar as escalas produtivas em 2005 terão uma boa alternativa no arrendamento de terras, afirma o coordenador da Bolsa de Parcerias e Arrendamento de Terras. Dessa forma, explica, os agropecuaristas poderão dire-

cionar seus recursos financeiros para compra de máquinas, equipamentos e outros insumos indispensáveis aos negócios, ficando menos dependentes de capital de terceiros. “Não é momento de imobilizar capital na compra de terras”, acredita Guimarães, diz que, num País como o Brasil, com vasta extensão territorial, o que mais falta é dinheiro

para promover a produção. “Ao optar pelos contratos de arrendamento, o produtor não assume ônus de imobilização em aquisição de imóvel. Mesmo com os preços de terra em declínio, capital ainda é o fator de produção mais escasso”, completa Bastos.

É praticamente impossível estabelecer preço médio da terra no Brasil em função da grande extensão territorial e da diversidade das regiões quanto à aptidão cultural e à logística. Por isso, quem está disposto a investir na aquisição ou no arrendamento deve estabelecer a finalidade da área a ser explorada. “No caso da agricultura tecnificada e comercial de grãos, há no País regiões com aptidão e logística de apoio, mas que estão com a maior parte das terras ocupada com a pecuária. Nesse caso, é possível adquirir e arrendar glebas a preços mais acessíveis do que em zonas agrícolas tradicionais”, exemplifica Guimarães.

Os desafios que esperam o agronegócio nos próximos anos vão atingir em cheio o mercado de terras. “No entanto, pode-se tirar de tudo isso muitas e boas lições. Uma delas, a principal, é a de que no Brasil, dos insumos necessários para a execução de empreendimentos agropecuários, o mais abundante é a terra e que, em razão desta fartura, seus preços devem ser mais baixos e proporcionais aos resultados produtivos que oferece”, aponta Guimarães. ■



Divulgação

Guimarães: não há razões para a supervalorização das terras

ANÚNCIO

ÁGUA que faz dobrar a produção

Baixa remuneração obtida em 2004 desacelerou os negócios e novos investimentos em irrigação no País

O setor da irrigação, como os demais segmentos do agro negócio, viveu um momento de ouro em 2003, em função de o

preço da soja puxar para cima a remuneração do produtor rural. “O ano de 2003 talvez tenha sido o melhor para a agricultura irrigada, mas efe-

tivamente 2004 não foi tanto assim”, analisa Fernando Braz Tangerino Hernandez, coordenador da área de Hidráulica e Irrigação da Unesp de

Ilha Solteira/SP. A valorização de commodities agrícolas trouxe, em 2003, um momento de euforia, estimulando os produtores às compras. Segundo Hernandez, no entanto, em 2004 a realidade já foi bem diferente e os números endossam esse quadro: o preço da soja caiu 31%; o milho 16%; a cotação do trigo teve retração de 19%, e a do algodão, 40%. Dessa forma, as empresas precisaram baixar suas margens, o que, conseqüentemente, também refletiu nas vendas de 2004. Tradicionalmente, o setor de irrigação vive à base de financiamento. E se o ano não foi tão bom como se imaginava, pelo menos na área de liberação de crédito haviam recursos disponíveis.

Seguro da produtividade — A irrigação funciona como um seguro da produtividade, pois é um recurso onde o produtor consegue contornar o problema da falta de chuvas, trabalhando com produto de maior valor agregado para atender mercados mais exigentes em termos de qualidade. Além de obter condições para colher na hora programada e no melhor momento para a comercialização. “O agricultor que faz plantio irrigado consegue, em geral, potencializar a sua produção, permitindo ainda que ele possa colher um pouco antes e vender seus produtos por um preço melhor”, endossa Hernandez.

Ao avaliar a performance de investimentos destinados durante o ano para a citricultura paulista, em especial os produtores de laranja, o coordenador da Unesp diz que esse foi um dos segmentos que mais colaborou para o bom resultado alcançado entre as empresas. Além disso,

os produtores de grãos obtiveram alguns resultados, um pouco mais tímidos, mas suficientes para dar movimentação aos negócios. “No cenário atual, porém, a irrigação no setor de grãos é um pouco mais preocupante. Já para os produtores de laranja, a situação está melhor”, analisa Hernandez. Desde 2000 está em vigor no Brasil uma linha de crédito específica para o setor de irrigação. A retomada dos investimentos nesta área foi resultado da mobilização das empresas junto ao governo federal e hoje as demandas são atendidas através do Programa de Incentivo à Irrigação e Armazenagem (Moderinfra).

Rentável quando bem aplicada — O coordenador da área de Hidráulica e Irrigação da Unesp cita a experiência bem-sucedida de produtores de laranja. Em sistema de sequeiro, eles colhem em média duas caixas por laranjeira, mas quando é feito no sistema por irrigação essa média de produção salta para quatro caixas por laranjeira. Em 2003 a caixa de laranja chegou a ser cotada a US\$ 3,50, mas no ano passado, depois de março, voltou ao patamar dos US\$ 2,50 por caixa. O custo de produção sai em torno de US\$ 1,20 a caixa e mais US\$ 0,50 o custo de

entrega, perfazendo um total de US\$ 1,70 de custo por caixa, contra os US\$ 2,50 para a venda.

“Ao considerar que a produção é de duas caixas por laranjeira em sis-

tema de sequeiro, e com a irrigação, essa produção dobra, esse é o momento onde o produtor vai sentir a diferença a seu favor. Mesmo com margens estreitas, com o uso da irrigação ele terá mais rendimento e uma melhora em sua margem de lucro. A média de custo por laranjeira tem uma variável entre R\$ 12,00 e R\$ 15,00 por planta irrigada”, diz Her-

nandez. No caso da soja, o produtor terá uma variável de custo mínimo de R\$ 3 mil e máximo de R\$ 4 mil por hectare. As áreas de algodão irrigado também vinham sendo um bom filão de mercado, mas em 2004 sofreu com o impacto da queda de commodities.

Outorga pelo uso da água — A questão ambiental é um ponto sempre muito discutido quando o assunto é o uso da água para a irrigação agrícola. A lei diz que toda a propriedade que utiliza esse sistema de produção precisa de um licenciamento ambiental, ou seja, de uma autorização para a outorga do uso da água, concedida pela Agência Nacional da Água (ANA).

Ocorre que, de três anos para cá, surgiu uma dúvida entre os produtores, por causa da medida provisória 2.166/67, de 24 de agosto de 2001, que em seu parágrafo 3º do artigo 4º diz que, para os empreendimentos de baixo impacto ambiental, a outorga pelo uso da água deve ser concedida pelos Estados. “Acontece que esse é o grande problema: ninguém sabe dizer propriamente o que é um baixo impacto ambiental”, diz Hernandez.

Ele explica que devido à essa confusão o pedido de outorga/licença em muitos casos começou a



Divulgação

Hernandez: “quem faz cultivo irrigado consegue potencializar a produção”



A Granja

Preço baixo das commodities em 2004 resultou na estagnação dos investimentos em equipamentos de irrigação

sofrer atrasos excessivos. “Quem não tem a outorga não pode, por exemplo, operar o conjunto de moto-bomba a ser instalado na propriedade. Houve casos de produtores que esperaram por até quatro meses. Isso significa uma safra e o produtor acaba perdendo muito com essa morosidade no processo. Considero essa legislação de licenciamento e outorga da água um dos gargalos que ainda persistem no setor”, completou.

O tamanho da irrigação — Atualmente, a agricultura irrigada ocupa no Brasil uma área de 3,2 milhões de hectares. Segundo estimativa da Abid, o território agrícola irrigado representa em torno de 16% da colheita nacional. O Rio Grande do Sul é o maior usuário da agricultura irrigada, em função das lavouras de arroz, enquanto São Paulo é outra referência ao se destacar na citricultura com uso importante da irrigação em pomares de laranja.

A irrigação é um setor rentável e estratégico que vem impulsionando dentro do seu ritmo a economia desde as décadas de 70 e 80, quando o governo daquela época desenvolveu vários incentivos para a proliferação de diversos projetos na área. Houve até mesmo a criação de um ministério para atender especificamente a esse propósito: promover o incremento da agricultura irrigada no País. De lá para cá várias mudanças aconteceram no âmbito político e socioeconômico-ambiental. Agora, segundo os especialistas, o

momento exige saber contornar a vulnerabilidade de mercado, vislumbrar oportunidades e impulsionar novos investimentos. ■



A Granja

UM VEÍCULO MOVIDO À TERRA

A Forma D fica feliz em ver um veículo movido à terra fazer história no Brasil. Tanto sucesso nos dá ainda mais inspiração para continuarmos produzindo boas idéias no terreno do agronegócio, gerando bons resultados para nossos clientes: Agrofel, Boelter, Bristol, Central de Peças, GTS do Brasil, Metasa, Plásticos Pampa, Plástisul, Sinon e Sulinox.

Parabéns à toda equipe da Revista A Granja pelos 60 anos de chão.

Forma 
Design & Comunicação
Terra de idéias férteis

(51) 3312.4950
www.formadpropaganda.com.br

É hora de PRODUZIR

Agricultura nacional vive um novo momento quanto às relações ambientais. Passada a fase de divulgação e conhecimento das novas técnicas de produção sustentável, é hora de ingressar na era do ambientalismo de soluções. Ou seja, o produtor está consciente da necessidade de promover melhorias contínuas nos padrões tecnológicos e de manejo, não só no sentido de garantir qualidade de produtos e segurança alimentar à população e de produzir grãos, fibras, óleos, mas tam-

bém água limpa, biodiversidade e amenidades climáticas.

“Vivemos um momento interessante da história nacional no que tange à relação agricultura e meio ambiente. Logramos a fase do ambientalismo de denúncia, quando diagnosticávamos os problemas e buscávamos convencer a sociedade e os produtores rurais que havia impactos negativos importantes que deviam ser minimizados, e que a base tecnológica utilizada na agricultura precisava mudar”, constata o chefe de pesqui-

sa e desenvolvimento da Embrapa Meio Ambiente, Geraldo Stachetti Rodrigues. E tudo indica que no futuro o produtor consciente tende a ganhar muito com isso.

O cultivo ecológico já começa a trazer os primeiros resultados aos grupos de agricultores que investiram no chamado cultivo orgânico. “Não há dúvida de que existem os desconformes, que têm olhos somente para sua vantagem pessoal, em prejuízo de todos os outros. Mas esses terão sempre maiores dificul-



sem destruir

Normas de desmatamento geram conflito entre produzir para alimentar a crescente demanda mundial ou preservar a natureza

indica avanço no desmatamento, na poluição, na pressão ambiental em geral. Prova disso foi a redução das taxas de desmatamento em anos recentes, como indicador da recessão econômica. A própria evolução econômica do País também é afetada por questões ambientais. “Isso ocorre na construção de estradas, na ampliação de portos. O meio ambiente constitui um entrave para o crescimento”, acrescenta João de Almeida Sampaio Filho, presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB).

Mas não basta evitar problemas futuros. Também é importante convencer o produtor a resgatar o passivo ambiental, recuperar aquilo que já foi perdido. “Com essa visão positiva, estou convencido que é possível conter os impactos negativos do presente e resgatar os do passado”, salienta Rodrigues. Enfim, o que o produtor deve fazer para proteger o meio ambiente? Diversificação, integração, intensificação produtiva. Estas são as palavras de ordem para a agricultura tropical, principalmente no que diz respeito aos produtores familiares, que assim podem ampliar seu diferencial de produtividade, firmando o espaço que lhes cabe no cenário agrícola do País. Além disso, uma boa adequação tecnológica e aderência aos zoneamentos agroecológicos ajudam a reduzir os riscos e as perdas.

Contudo, nem sempre o produtor é totalmente recompensado pela ação ecológica correta. Enquanto na Eu-

ropa e nos Estados Unidos os subsídios agrícolas protegem os produtores, favorecendo a manutenção de serviços ambientais, a agricultura brasileira é obrigada a buscar competitividade externa para garantir a balança comercial. Ou seja, o setor primário é responsável pelo equilíbrio de preços internos via cesta básica e ainda alimentar, como todos os outros setores da economia, a carga tributária que busca cobrir os serviços da dívida do Estado. “Aquilo que hoje vem sendo considerado como restrição ambiental, na verdade, é uma condição de caráter mais geral de inserção do setor agrícola e seu papel na economia nacional”, alerta Rodrigues.

A grande recompensa ao agricultor por essa preocupação virá com o tempo. Seja através de oportunidades de diversificação produtiva, com o turismo rural, seja por compensação pela produção de água limpa, seqüestro de carbono, recursos genéticos da biodiversidade, conservação de solos férteis para as gerações futuras. Mais do que cuidar apenas da saúde e do meio ambiente para seus parentes, amigos e vizinhos, o produtor brasileiro tem a missão de preservar o bem-estar da humanidade. Afinal, é a agricultura brasileira que deverá alimentar a população mundial, que cresce a passo de um quarto de milhão de pessoas ao dia.

“Esse ritmo é, em si, absolutamente insustentável. O papel da agricultura brasileira é fundamental nesse cenário, pri-

dades, com a legislação e a fiscalização. Primeiro pela própria seleção dos consumidores e, em segundo, dos produtores conscientes, que exigirão postura positiva para evitar que todo o setor sofra com a imagem de perdulário degradador ambiental.”

Essa mudança é ainda mais importante em época de crescimento econômico. O aumento desenfreado da produção agrícola brasileira, como forma de garantir ganhos tanto na balança comercial quanto no bolso do produtor,

Divulgação

meiramente para podermos alimentar e vestir esse contingente populacional em expansão”, acredita Rodrigues. Isso só poderá ser alcançado com uma gestão ambiental da agricultura, empregando tecnologia, práticas e formas de manejo que permitam a obtenção dos melhores resultados nos territórios aptos à produção, garantindo a conservação daqueles mais bem designados à conservação e aos serviços ambientais.

Nesse contexto, também é importante destacar que a gestão ambiental brasileira precisa deixar de lado sua aparência punitiva para ganhar destaque como uma postura positiva no tocante à gestão ambiental dos territórios rurais. Por exemplo, enquanto nos Estados Unidos a lei que regula a qualidade da água denomina-se Lei da Água Limpa (“Clean water act”), uma referência positiva para conformidade, no Brasil temos a “Lei de Crimes Ambientais”, o que implica postura punitiva e negativa.

Lei ambiental — A lei ambiental brasileira é um ponto polêmico na relação entre meio ambiente e agricultura. Há os que argumentam que o Código Florestal impõe margens de áreas protegidas além da capacidade de alguns produtores. Segundo o presidente da SRB, a questão florestal deverá ganhar destaque no ano de 2005. Sampaio Filho explica que, em São Paulo, produtor que não tenha um mínimo de 20% da área com reservas florestais não recebe crédito. Normas como essa prejudicam a produção e são inviáveis principalmente em áreas de pequenas propriedades, o que também ocorre no Rio



Rodrigues: “áreas de reserva são essenciais na conservação do meio ambiente”

Divulgação



A. Granja

Queimadas são o exemplo típico do descuido com o meio ambiente em áreas preservadas

Grande do Sul e no Paraná. “O governo de São Paulo queria implementar essa norma em 2004, mas como não houve tempo, foi deixado para 2005. Tememos que o tema volte à discussão”, alerta Sampaio Filho.

Os limites impostos à área agricultável são chamados de Reserva Legal. Essas áreas devem estar presentes em todos os estabelecimentos rurais e com formação florestal em extensões que variam de 20% nas regiões de Mata Atlântica até 80% nas regiões da Floresta Amazônica. “Essas terras cumprem papel fundamental na conservação do meio ambiente, pois são designadas a prover serviços nas propriedades, podendo receber muitos usos de interesse dos produtores”, informa.

Nessa idéia de proteger regiões intactas, Rodrigues, da Embrapa, destaca que as Áreas de Preservação Permanente (APPs) têm importância comprovada cientificamente ao meio ambiente. “Quando registramos falta de água para abastecimento nos centros urbanos, ou observamos os rios enlameados, isso é resultado da ausência de matas ciliares e de encostas, que são APPs”, salienta. O próprio assédio de pragas na agricultura é parcialmente causado pela eliminação desses habitats naturais, que servem para a reprodução de animais, figurando como inimigos naturais dessas pragas, o que resulta no aumento de necessidade do uso de agrotóxicos para controle das pragas nas lavouras.

A questão do desmatamento já traz

preocupações de maior alcance. Em 2004, calcula-se que a área desmatada no País tenha alcançado 25 mil quilômetros quadrados, a despeito de propostas de programas governamentais interministeriais de combate a essa ação. “Se considerarmos que cerca de 50% dos 110 milhões de hectares de pastagens no País estão em estágios de degradação, e que a integração agricultura-pecuária em plantio direto, e com incorporação do silvopastoreio, pode ampliar a produtividade e ainda produzir madeira, temos a capacidade de multiplicar a produção sem necessidade de desmatar mais um único hectare”, sugere Rodrigues. Todavia, isso só seria possível com uma política que valorizasse a eficiência produtiva, não com ações de comando e controle, que são ineficazes e de difícil implementação e fiscalização.

Segundo o presidente da SRB, acima de tudo é necessário bom senso para definir essas questões. “É preciso olhar a lei ambiental com um olhar menos ideológico e ter mais bom senso”, diz. É o que a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, chama de transversalidade. Ou seja, é certo que o País precisa preservar o meio ambiente, mas esses cuidados não devem chegar a um extremo que limitem o crescimento econômico. Um exemplo é o caso de projetos para construção de hidrelétricas que acabam sendo suspensos por questões ambientais, em um momento que se sabe que o País terá necessidade de maior geração de energia para fomentar seu crescimento econômico. ■

COM A VOTORANTIM É ASSIM : VOCÊ PLANTA EUCALIPTO E COLHE RESULTADOS.

Você tem a terra, a força do trabalho e a vontade de ganhar dinheiro. A Votorantim tem as mudas de eucalipto e mudas nativas, o conhecimento técnico e o compromisso em ajudar o Rio Grande do Sul a crescer. O que falta é você investir conosco e começar o quanto antes o plantio de eucalipto através da Poup. Florestal. O financiamento para o plantio e o preço da madeira serão acertados previamente e corrigidos pelo mesmo índice. Você sabe quanto vai receber no final da colheita e não precisa dar sua terra como garantia. O contrato que você vai assinar com a Votorantim é a certeza de que nosso negócio é bom para todo mundo.



SEGURANÇA

Você não precisa colocar sua terra como garantia.

PREÇO JUSTO

A Votorantim garante a compra da madeira, com preço previamente acertado.

DINHEIRO DESDE JÁ

Você recebe adiantamentos para financiar o plantio desde o primeiro ano.

RESPEITO AO MEIO AMBIENTE

Preservação do solo, reflorestamento e o mais profundo respeito às leis ambientais.

RENDA EXTRA

Você garante uma renda complementar para sua família por pelo menos 14 anos.

APOIO TOTAL

A Votorantim fornece apoio técnico, inclusive mudas de eucalipto e mata nativa.

TRABALHO E DESENVOLVIMENTO

Mais empregos para as famílias: ninguém precisa deixar a terra.

CONFIANÇA

Você se torna um fornecedor da Votorantim, um dos maiores Grupos privados do Brasil.

ANÚNCIO

ANÚNCIO

Por um crédito de **TODOS**

A agricultura familiar em 2005 enfrentará rigorosas provações pelo atual cenário que se desenha no setor primário no Brasil. Mas, ao contrário da agricultura empresarial, terá boas chances de navegar em águas menos turbulentas em razão de uma de suas características: a diversificação

O ano de 2005 será bom para a agricultura familiar? A inquietação procede, afinal os ventos para a agricultura como um todo não deverão ser muito favoráveis neste ano. O aumento de custos de produção é uma realidade que também atingiu as lavouras dos familiares, assim como eles igualmente serão afetados pela decepcionante realidade das cotações ladeira abaixo. Além disso, nos recentes anos de “vacas gordas”, nem todos conseguiram se capitalizar como os produtores empresariais, assim como investir em tecnologia para tornar as propriedades mais qualificadas e rentáveis. Em contrapartida, porém, por maiores que sejam as dificuldades, a agricultura familiar poderá ser preservada dos tempos sombrios por uma de suas principais características: a diversificação. Se uma cultura ou criação estiver dando prejuízo, outra poderá segurar as pontas na propriedade.

A facilitação do acesso ao crédito é um dos principais anseios para 2005 de quem vive na agricultura familiar. Não se contesta que o Programa Nacional de Fortalecimento da

Agricultura Familiar (Pronaf) é uma iniciativa interessante. O volume de recursos (R\$ 7 bilhões no ano-safra 2004/2005) está aquém do que as lideranças do segmento reivindicam, mas não é um valor desprezível, e as suas taxas de juro são baixíssimas se comparadas às demais linhas de financiamento disponibilizadas à sociedade. No entanto, apenas um em cada três agricultores familiares se beneficia do Pronaf. Os demais costumam ser barrados pelas exigências bancárias – leia-se a burocracia. Na safra passada, por exemplo, 1,4 milhão de famílias de um universo de 4,1 milhões foi beneficiada pela linha de financiamento. Por isso, R\$ 900 milhões ofertados pelo governo não deixaram as agências bancárias.

“Faltam condições estruturais para acessar um banco”, analisa Marcos Antônio de Oliveira, técnico de cadeias produtivas do Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais (Deser), do Paraná. Ele diz que as linhas de crédito muitas vezes restringem necessidades dos agricultores, como a aquisição de insumos para a agricultura orgânica – um nicho que tem atraído muitos produto-

res familiares. “A grande dificuldade no Banco do Brasil ao conceder financiamento é aceitar colocar outros insumos que não os tradicionais, os químicos”, avalia Oliveira. Mas admite que os juros do Pronaf são os mais baratos do mercado. E espera que, na safra 2004/2005, o número de agricultores beneficiados realmente atinja 1,8 milhão, meta do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). Caso isso ocorra, represen-



ao alcance



Lutz Fernando Boaz

tará exatamente o dobro da média de quatro anos-safras anteriores ao recorde de 2003/2004. Um avanço, sem dúvida.

O sistema cooperativista, uma espécie de grande guarda-chuva que ampara boa parte dos agricultores familiares, sugere mudanças para facilitar o acesso ao crédito. Para Neiavor Canton, presidente da Organização das Cooperativas de Santa Catarina (Ocesc), seria mais prático que

os bancos cooperativos fossem responsáveis por um volume maior de recursos. Segundo ele, a rede de cooperativas de crédito espalhada pelo País não tem recebido a mesma atenção na hora do rateio do dinheiro. O Banco do Brasil monopoliza 70% do Pronaf. “O governo tem vacilado nas linhas de crédito cooperativas”, analisa. “Por que manter o crédito atrelado a um banco? O produtor não se sente em casa”, argu-

menta. “O agricultor familiar ainda entende que existe excesso de burocracia para o crédito”, complementa. Além disso, segundo o dirigente, o Pronaf precisa estar disponível por 12 meses, já que há iniciativas familiares que são atemporais. “Qualquer projeto tem que esperar o ano inteiro”, critica.

O titular da Secretaria da Agricultura Familiar, vinculada ao MDA, Walter Bianchini, defende que se

“avançou muito no processo de simplificação” das linhas de custeio para o agricultor familiar. No entanto, admite que realmente são criteriosas as exigências de garantia para os créditos de investimentos, por implicarem empréstimo de quantias mais vultosas e prazos mais longos.

Nesse caso, reconhece, os bancos são mais rigorosos. Mas Bianchini cita uma série de alterações que facilitaram a aproximação do agricultor aos recursos. Lista a renovação automática do empréstimo na safra seguinte, a possibilidade de o agricultor se beneficiar das linhas para a agricultura empresarial e não ser desqualificado para o Pronaf, a oferta do microcrédito (linha de R\$ 1.000,00, com 25% de subsídio) e assim por diante. “O crédito no Nordeste mais que dobrou”, argumenta, e lembra que o Pronaf foi acessado em quase 5 mil municípios.

Além de produzir, comercializar bem — Ter em mãos todas as condições para produzir, a começar pelo crédito, é fundamental. Mas o processo produtivo tem outros estágios, como um dos que mais “derrubam” o agricultor familiar: a comercialização. Afinal, historicamente, ele foi preparado para gerar o produto e não para vendê-lo. Até por isso a Federação dos Trabalhadores na Agricultura



Bianchini: “há muitas exigências de garantia de crédito para investimento”

Divulgação

Para Pinheiro, o agricultor familiar não se organiza na hora da comercialização e cabe a organizações como a Fetag oferecer essa orientação. Da mesma forma, Pinheiro lembra que o agricultor não pode ver no vizinho um concorrente, mas sim um aliado, um parceiro. Por isso, a união de pequenos constitui-se numa arma poderosa no competitivo mercado.

Preço justo é preço regulado — O produtor familiar de hortigranjeiros Ivo Scheunmann, de Monte Bonito, em Pelotas/RS, espera mais apoio das diferentes esferas públicas e, ao mesmo tempo, mostra-se apreensivo com algumas mudanças locais e com uma alteração da legislação. Scheunmann, que também é o presidente da cooperativa de comercialização Sul Ecológica – organização que envolve 200 agricultores familiares ecológicos dos mais diversos produtos –, avalia que o governo federal deveria regular o mercado para assegurar um preço justo. “Trabalhamos com produtos

no Rio Grande do Sul (Fetag/RS) priorizará em 2005 justamente a organização da comercialização. “O agricultor precisa de escala. Como um shopping. Produzir sozinho não vai resolver”, afirma Ezídio Pinheiro, presidente da entidade, referindo-se às agroindústrias familiares.

perecíveis. Tem altos e baixos. A oferta e a procura regulam o mercado. Não temos garantias”, analisa. A Sul Ecológica fornece ao programa Fome Zero, com o qual firmou contrato de um ano, e também à merenda escolar local. O problema é que, com a troca do comando político municipal, não há um indicativo se os contratos para a rede escolar (que variam entre três e seis meses) serão renovados.

Mas Scheunmann não esconde uma expectativa em especial em relação a 2005: mudanças na lei da certificação orgânica. No início deste ano deverá ser regulamentada uma nova legislação para a concessão do selo de produto orgânico ou ecológico, uma exigência cada vez



Pinheiro: em 2005 a Fetag vai priorizar a organização da comercialização

Divulgação

maior do mercado. Poderá ser aprovada a chamada certificação solidária, implementada nos três Estados sulistas pela Rede Ecovida, pela qual o selo que atesta ser o produto um legítimo orgânico será outorgado em conjunto por técnicos e pelos próprios produtores – que se organizarão em núcleos. O custo vai ficar significativamente reduzido. Afinal, não será feito por uma certificadora convencional tradicional, que cobra preços de mercado. Atualmente, a Sul Ecológica não certifica os produtos de seus associados, mas passará a fazê-lo assim que a nova legislação estiver em vigor. “Para nós será uma garantia”, revela. ■

O tamanho da agricultura familiar

➤ São mais de 4,1 milhões de estabelecimentos familiares, o equivalente a 84% dos imóveis rurais do País.

➤ Quase 40% do Valor Bruto da Produção Agropecuária nacional vem da agricultura familiar. São aproximadamente R\$ 60 bilhões anuais.

➤ Sete de cada dez trabalhadores do campo estão ocupados em atividades familiares.

➤ Do total de alimentos consumidos no País, a agricultura familiar produz:

- 84% da mandioca
- 67% do feijão
- 58% da produção de suínos
- 54% da bovinocultura de leite
- 49% do milho
- 40% de aves e ovos



EXPODIRETO **COTRIJAL** 2005

De 7 a 11 de março de 2005
Não-Me-Toque
Rio Grande do Sul - Brasil

Você é nosso convidado!
Participe de mais uma edição do evento que
é referência para o agronegócio brasileiro.

Promoção:

Apoio:

Patrocínio:

COTRIJAL

REVISTA
**PLANTIO
DIRETO**



BANCO DO BRASIL

FAZMEC

MONSANTO
imagine

syngenta

Stara Sui

Mais RECURSOS no bolso do produtor

O agricultor brasileiro já é expert em driblar as adversidades. Mas, com a ajuda do governo, essa tarefa ficaria bem mais fácil. Enfrentar as intempéries climáticas, as pragas e as cotações na hora da comercialização são tarefas complicadas, mas seriam amenizadas caso o produtor tivesse a segurança do acesso fácil ao crédito rural. Esta é uma das principais lutas do setor, que vê no aumento da liberação de recursos e no fim do endividamento dois grandes estímulos para enfrentar os desafios de 2005

Agricultura brasileira é muito diversificada, mas o produtor, independente da região, tem uma característica comum: não desistir em meio a tantas dificuldades. Não se trata apenas da dependência

do clima, do ataque de doenças ou da comercialização dos produtos. O agricultor sofre diretamente com a falta de crédito rural, que está longe da realidade dos países desenvolvidos. Basta uma comparação rápida para

ver que as diferenças são gritantes. No Primeiro Mundo, um percentual da receita proveniente da produção volta para o agricultor em forma de auxílio financeiro, o chamado subsídio. Em diversos casos, o apoio che-



ga a 40% da receita. Para o arroz, o subsídio injetado gira em torno de 80%. O índice é de 50% para o açúcar e 48% para o leite, levando-se em conta, em todos os exemplos, a média praticada nessas nações.

Nada parecido com o que ocorre em território nacional. “Apesar de o Plano Safra ter apresentado um volume relativamente bom de recursos, as falhas acabaram prejudicando sua aplicação”, afirma Glauco Carvalho, economista da MB Associados. Enquanto a programação de recursos para custeio e comercialização cresceu 34% na safra 2004/2005 na comparação com a anterior, no mesmo período, os juros controlados aumentaram 8%, enquanto que os juros livres tiveram um salto assustador, chegando a 130%. “Com taxas de mercado, o produtor acaba inviabilizado, porque as margens são cada vez mais baixas e os juros mais altos”, argumenta Carvalho.

Apesar de o volume de crédito ao produtor ter se mantido nos mesmos patamares da safra passada, o aumento do custo dos insumos, que ficou em 20% na média, acaba reduzindo o potencial para a área plantada, o que significa uma queda real no plantio. “É preciso haver incentivo, especialmente quanto à capital de giro”, alega o economista. Outra medida importante é o fim da burocracia na liberação de recursos. “Se a autorização de crédito fosse mais ágil, uma gama maior de agricultores seria contemplada”, acredita Carvalho. Segundo ele, a avaliação de risco acaba sendo um limitador, o que pode elevar também o endividamento, já que a rentabilidade do

setor primário está pior.

A perspectiva leva em conta o contexto da safra de grãos 2004/2005. O economista cita o aumento significativo dos custos de produção, a queda dos preços agrícolas (especialmente da soja), aumento dos recursos do Plano Safra somente com juros livres (o que significa um custo elevado), gargalos de infra-estrutura e a dificuldade em financiar por meio da soja verde, com a quebra de contratos ocorrida na safra 2003/2004. A fragilidade nos contratos é uma das questões que mais preocupa. “Precisamos avançar muito ainda nesta parte”, garante ele.

Setor quer juros pré-fixados — O agricultor tem um aliado de peso na luta por uma definição quanto ao crédito rural. A Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) desenvolve uma série de ações para melhorar a situação do produtor. O presidente da Comissão Nacional de Crédito Rural da entidade, Carlos Sperotto, lembra que há 11 anos o setor passou por um momento de endividamento crescente, a ponto de inviabilizar os produtores. “Nos últimos três anos, estamos convivendo com o total desmonte das linhas com juros pré-fixados”, reclama o dirigente.



Carvalho: “falhas prejudicaram a aplicação dos recursos do Plano Safra”

Um dos fatores que mais preocupa é que o dinheiro que deveria ser destinado para quem está no cabo da enxada acaba sendo desvirtuado e vai para outros segmentos. “Os poucos recursos da agricultura estão sendo delapidados, e justamente do setor que é integralmente responsável pelo superávit da balança comercial”, adverte. De janeiro a outubro de 2004, a balança do agronegócio atingiu um superávit de US\$ 29,02

bilhões, resultado de exportações de US\$ 33,054 bilhões e importações de US\$ 4,025 bilhões. “Com o fechamento dos números, o setor deverá ser o principal responsável pela sustentação do saldo positivo do conjunto da balança comercial brasileira, estimado em US\$ 33 bilhões pelo Banco Central para 2004”, destaca Sperotto.

Para a CNA, uma das boas notícias de 2004 foi a implantação do seguro rural, com a regulamentação da Lei 10.823/03. Segundo a confederação, o seguro rural começa a ser operado na safra 2004/2005, atendendo às culturas de milho, maçã e soja, com alocação de R\$ 18,8 milhões, mas apenas R\$ 2 milhões sendo efetivamente aplicados. A entidade luta para mudar o volume de recursos colocados à disposição pelo governo. O presidente da Comissão de Crédito Rural destaca que, enquanto a necessidade do setor é de R\$ 100 bilhões por ano, o governo anunciou a liberação de R\$ 17,8 bilhões. “Nosso maior temor é que, em 2005, o crédito seja extinto”, dispara Sperotto.

Cautela com os investimentos — Diante de um cenário de incertezas, a recomendação da CNA é de cautela nos investimentos. “O produtor, mais do que nunca, precisa administrar suas planilhas de custo”, aconselha Sperotto. Isso não significa parar de crescer ou de produzir. “Vamos até aumentar a produção, mas ▶



Inadimplência: queda dos preços das commodities influencia na tomada de crédito

Desvendando o crédito rural

Objetivos

Estimular os investimentos rurais feitos pelos produtores ou pelas cooperativas rurais; favorecer o custeio, a produção e a comercialização de produtos agropecuários; fortalecer o setor rural, notadamente no que se refere a pequenos e médios produtores; incentivar a introdução de métodos racionais no sistema de produção.

Atividades financiadas

Custeio das despesas normais de cada ciclo produtivo; investimento em bens ou serviços cujo aproveitamento se estenda por vários ciclos produtivos; comercialização da produção.

Quem utiliza

O produtor rural (pessoa física ou jurídica); cooperativa de produtores rurais; e a pessoa física ou jurídica que, mesmo não sendo produtor rural, se dedique a uma das seguintes atividades:

- pesquisa ou produção de mudas ou sementes fiscalizadas ou certificadas;
- pesquisa ou produção de sêmen para inseminação artificial;
- prestação de serviços mecanizados de natureza agropecuária, em imóveis rurais, inclusive para a proteção do solo;
- prestação de serviços de inseminação artificial, em imóveis rurais;
- exploração de pesca, com fins comerciais.

Assistência técnica

Cabe ao produtor decidir a necessidade de assistência técnica para elaboração de projeto e orientação, salvo quando considerados indispensáveis pelo financiador ou



exigidos em operações com recursos oficiais.

Exigências para concessão

Idoneidade do tomador; apresentação de orçamento, plano ou projeto, exceto em operações de desconto de Nota Promissória Rural ou de Duplicata Rural; oportunidade, suficiência e adequação de recursos; observância de cronograma de utilização e de reembolso; fiscalização pelo financiador.

Garantias

As garantias são livremente acerta-

das entre o financiado e o financiador, que devem ajustá-las de acordo com a natureza e o prazo do crédito. Penhor agrícola, pecuário, mercantil ou cédular; alienação fiduciária; hipoteca comum ou cédular; aval ou fiança; outros bens que o Conselho Monetário Nacional admitir.

Despesas

O crédito rural está sujeito à remuneração financeira; imposto sobre operações de crédito, câmbio e seguro, e sobre operações relativas a títulos e valores mobiliários; custo de prestação de serviços; adicional do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro); sanções pecuniárias. Nenhuma outra despesa pode ser exigida do mutuário, salvo o exato valor de gastos efetuados à sua conta pela instituição financeira ou decorrentes de expressas disposições legais.

Taxas de juros

Recursos controlados: 8,75% a.a., exceto no Programa Nacional de Financiamento Agrícola Familiar (Pronaf), que é de 5,75% a.a. para custeio e 4% com rebate de 25% a.a. para investimento; Os financiamentos do Pronaf estão ainda sujeitos à variação de preço mínimo com base na equivalência em produto; recursos não controlados: livremente pactuados entre as partes; recursos das operações oficiais de crédito destinados a investimentos: taxa de juros de longo prazo (TJPL), acrescida de taxa efetiva de juros fixada semestralmente pelo Conselho Monetário Nacional.

Fonte: Portal www.vidaeconomica.com.br

vamos fazer isso com muito cuidado”, reforça o presidente da CNA, Antônio Ernesto de Salvo. As advertências são para evitar ao máximo um novo ciclo de endividamento. Sperotto diz que o setor passou uma falsa imagem de capitalização quando investiu na compra de máquinas, para modernizar o parque de maquinário agrícola. “É preciso lembrar que os contratos têm 20 anos para serem amortizados”, assinala ele. Soma-se a isso o custo elevado da lavoura, o que prejudica a capacidade de pagamento.

Outro fator que influencia neste cenário é a queda dos preços médios das commodities que, segundo a CNA, pode gerar inadimplência no pagamento das parcelas de custeio e de investimento. “Muitos produtores, no final de 2003, empolgados com as boas projeções para a comercialização, fizeram investimentos pesados, mas enfrentaram queda de rentabilidade, o que compromete a capacidade de pagamento. Por este motivo, será preciso adotar políticas de sustentação de preços na nova safra para impedir maiores compro-

metimentos da renda rural”, dizem os técnicos da entidade.

A proposta feita pela CNA no início de 2004 continua valendo para este ano. A confederação quer viabilizar um volume maior de crédito controlado ao setor rural para custeio e comercialização. Todo cuidado é pouco para evitar a queda de renda no setor em 2005 e manter o nível de empregos. De janeiro a outubro de 2004, o setor criou quase 250 mil novos postos de trabalho, contra 191 mil no mesmo período do ano anterior. ■

ANÚNCIO

El Niño determinará RENTABILIDADE em 2005

Após quatro anos, fenômeno climático volta a ser ameaça à produtividade dos campos brasileiros. Por outro lado, o crescimento econômico e a elevação da massa salarial devem motivar um maior consumo no País

O clima será um dos fatores decisivos para os resultados agrícolas em 2005. A previsão de ocorrência do fenômeno El Niño - que provoca seca na região Nordeste do País e chuvas no Sul - deverá afetar a produtividade das lavouras e, conseqüentemente a lucratividade da atividade no mercado interno. “Acredito que teremos um ano muito parecido com o que tivemos em 2004, com exceção do clima, que terá

presença do El Niño depois de quatro anos normais”, diz o diretor do Instituto de Economia Agrícola (IEA) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, Nelson Batista Martin.

O fenômeno pode afetar a expectativa de produção recorde de 134 milhões de toneladas previstas para 2005, um volume 12,5% superior à safra 2004, de 119 milhões de toneladas. Contudo, nem todos os analistas con-

cordam com as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo Martin, o País deve colher entre 115 milhões de toneladas e 125 milhões de toneladas, o que ainda depende dos impactos da ferrugem asiática sobre o cultivo de soja. Mas as chuvas previstas para a época de colheita (março, abril e maio) podem elevar ainda mais a taxa de perda. Os cuidados devem ser redobrados no mês de janeiro nas lavouras de



A Granja

feijão, milho e soja precoce. Em abril, as atenções se voltam para a colheita de soja e de algodão no Centro-Oeste.

Se a meteorologia é um tanto incerta, uma garantia os agricultores podem ter em 2005: a demanda interna do País estará bem mais aquecida, em função do aumento dos rendimentos e do emprego na população brasileira. Depois de momentos delicados da política econômica nacional, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva colhe os primeiros resultados nos índices sociais e fecha o ano de 2004 com um crescimento econômico próximo de 5%. “Os números do IBGE estão indicando um aumento nos gastos das famílias brasileiras depois de muito tempo de redução do salário

médio. As pessoas estão se empregando e isso cria um processo favorável para uma recuperação lenta, porém consistente do mercado interno”, constata o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Ivan Wedekin.

A massa salarial, que teve um crescimento de 4% em 2004, deverá manter essa tendência e subir mais 3% em 2005. Esses dados ganham destaque ao se falar do setor primário, pois, apesar da tendência exportadora do País, 80% do que o agronegócio produz é consumido no mercado interno. “Esse crescimento do consumo é positivo para todas as cadeias, apesar desse desempenho não ter a mesma velocidade da nossa produção”, salienta.

Carência de insumos — Um dos problemas enfrentados pelos agricultores em 2004 e que deve perdurar este ano é a alta dos insumos. O reajuste do aço tornou as máquinas e implementos mais caros, assim como a alta dos combustíveis que elevou o custo do transporte rodoviário, responsável por 80% da locomoção dos grãos de exportação da zona rural para a portuária. É importante destacar os gargalos logísticos que impedem o desenvolvimento de cultivos até mesmo no mercado interno. “Além do custo do combustível também há maior gasto com manutenção da frota de caminhões em função das condições das estradas”, alerta Martin.

Outra queixa freqüente, principalmente entre os tricultores do Sul do País, é a falta de uma política de escoamento eficiente que permita mandar lotes de trigo para mercados como o nordestino. O Programa de Escoamento de Produção (PEP) não tem sido visto pelos produtores como alternativa em função do difícil acesso. “Não adianta se ofertar R\$ 200 mil, R\$ 300 mil quando se precisa de R\$ 3 bilhões. O setor primário traz emprego e receita para o País e é tratado como mendigo. Produtor que não é assentado não tem dinheiro”, reclama Martin, referindo-se às diferenças orçamentárias entre o Ministério da Agricultura e Ministério do Desenvolvimento Agrário em 2005.

Segundo o secretário de política agrícola do Ministério da Agricultura, o governo já encaminhou ao Congres-

so pedido de R\$ 530 milhões e há uma emenda no Senado para uma locação adicional de R\$ 2 bilhões para o orçamento. “Sempre vai faltar dinheiro. Estamos tentando esticar essas verbas. É preciso mobilização do setor para sensibilizar o Congresso Nacional em relação aos pleitos do agronegócio”, defende.

A falta de crédito com apoio do governo federal acaba obrigando o agricultor a optar por formas mais caras de financiar sua lavoura. Afinal, dinheiro barato está escasso no mercado. Uma das estratégias tem sido a compra a prazo, pela qual o produtor acaba pagando juros pesados, o que dificulta ainda mais sua situação financeira.

Destaque da lavoura — Entre as culturas que vão se destacar em 2005 está a cana-de-açúcar, que deverá ter aumento de oferta, motivada pela excelente situação das exportações de álcool. Já o café deverá ter incremento dos preços devido à redução de 20% da produção. Produtos como a batata e o tomate, que já tiveram aumento considerável em 2004, também mantêm tendência de alta em 2005. Isso porque os problemas climáticos podem afetar diretamente a lavoura.

Mas são as carnes que prometem galgar novos mercados. “Há setores que estão voando em céu de brigadeiro. Os preços baixos da soja e do milho vão reduzir custos da avicultura e a suinocultura, permitindo aumento do rebanho e do plantel”, diz Wedekin, alertando que isso pode impactar diretamente no aumento do consumo interno de proteína animal.

A crise de preços de que tanto se fala limita-se aos grãos que concentram cerca de 40% da produção agropecuária do País. Regulados pelo mercado internacional, a soja e o milho tiveram queda na cotação em razão da boa colheita no Hemisfério Norte e se encontram encurralados entre a baixa e a alta dos custos de produção. “Ainda é cedo para saber como ficarão os preços em 2005. Antes é preciso conferir como será a nova safra dos Estados Unidos”, diz Martin. Por isso, o momento é de enxugar os gastos. “O produtor precisa ser eficiente e trabalhar com custo mínimo apesar das altas de 20% dos pesticidas e de 10% da mão-de-obra”, recomenda.



Carolina Jardine

Wedekin: “crescimento do consumo é positivo, embora sem a mesma velocidade da nossa produção”

A rainha dos campos — Apesar desse cenário, dados do IBGE indicam que o maior incremento na safra 2005 ocorrerá na soja, cuja produção crescerá 29%, para 63,2 milhões de toneladas. O crescimento é resultado da falta de opção já que as culturas concorrentes, a exemplo do milho, também estão com cotação em baixa. Entre os produtos que vão apresentar crescimento na safra 2005 também merecem destaque o feijão em grão 1ª safra (11,65%) e o milho em grão 1ª safra (3,35%). As variações negativas vão ser registradas no algodão herbáceo (-2,43%), amendoim em casca 1ª safra (-5,88%) e arroz em casca (-3,17%). E quando se fala de arroz, a situação é mais delicada. Lotes do grão vindos de países do Mercosul estão depreciando os preços e alarmando principalmente os adeptos do cultivo irrigado. No Rio Grande do Sul, maior produtor de arroz do País, a produção para 2005 apresenta uma redução 7,74%, situando-se em 5,847 milhões de toneladas.

Mas o que se pode esperar do governo federal em 2005? Segundo Wedekin, a questão tributária deve ser alvo das atenções, já que a desoneração dos produtos da cesta básica é uma das antigas reivindicações do setor produtivo. “O Brasil é um dos poucos países que ainda tem tributação elevada sob essas mercadorias”, informa. Outro projeto que vem sendo trabalhado pelo Executivo é uma

forma de agilizar o registro de defensivos agrícolas de forma que se permita redução de custo agrícola.

Títulos financeiros

Entre as novidades para o ano também está a criação de cinco novos títulos agrícolas. O Certificado de Depósito Agropecuário (CDA) e o Warrant Agropecuário (WA) têm o objetivo de trazer mais liquidez à comercialização agrícola. O produtor vai colher seu produto, depositar em um armazém e solicitar que o armazenador emita um certificado. Esse será registrado com a autorização do Banco Central e poderá ser negociado eletronicamente. A

grande vantagem dos títulos é que na sua circulação não incidem impostos, principalmente o ICMS que existe quando se faz a comercialização física do produto. Isso vai permitir que os papéis mudem de mão e que novos investidores do mercado financeiro, que não querem receber o grão, possam comprar. “Com isso vamos trazer mais recurso para financiar a comercialização dos produtos agrícolas e derivados”, informa Wedekin.

O governo federal também está implementando três títulos de crédito com lastro em recebíveis do agro-

negócios, ou seja, os CPR, CPRs de gaveta, notas promissórias etc. São eles: a Letra de Crédito do Agronegócio (que será emitida por instituições financeiras, bancos e cooperativas de crédito), o Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio (emitido por empresas do setor) e o Certificado de Recebíveis do Agronegócio (emitido por companhias especiais, sociedades de propósito específicos criadas com a finalidade de adquirir esses recebíveis do mercado). “Na verdade, esse é um sistema de financiamento privado. Uma ponte entre o mercado financeiro e o agronegócio”, constata o secretário.

A taxa de juros das operações será negociada entre as partes envolvidas e, acredita-se que, assim que a Selic começar a cair, a procura por esses papéis será bem maior. “Hoje o pacote de custeio agrícola do governo é de R\$ 36 bilhões enquanto existem R\$ 520 bilhões aplicados em fundos de investimento do mercado financeiro”, ressalta. Pelo sistema, por exemplo, um banco vai poder coletar CPRs que agrupou de 500 produtores e utilizá-las para emitir um título e colocar no mercado financeiro, captando recursos para outros 500 agricultores. A expectativa do Ministério da Agricultura é de que o sistema já ajude a financiar a safra a partir de janeiro. ■



Divulgação

Maior crescimento é esperado na lavoura de soja, que poderá ser de 63,2 milhões de toneladas

ARRANJO PRODUTIVO LOCAL METALMECÂNICO

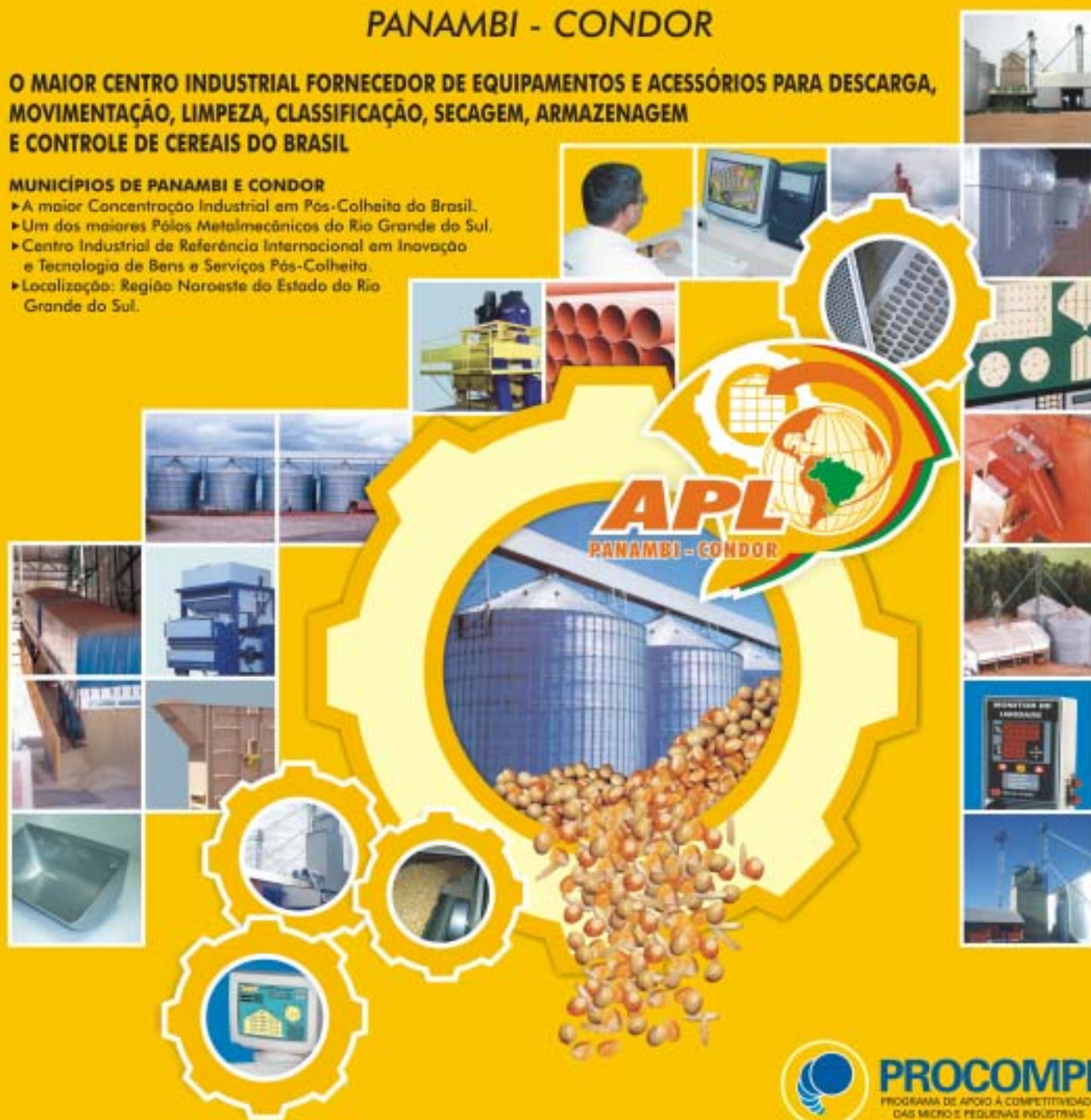
PÓS-COLHEITA

PANAMBI - CONDOR

O MAIOR CENTRO INDUSTRIAL FORNECEDOR DE EQUIPAMENTOS E ACESSÓRIOS PARA DESCARGA, MOVIMENTAÇÃO, LIMPEZA, CLASSIFICAÇÃO, SECAGEM, ARMAZENAGEM E CONTROLE DE CEREAIS DO BRASIL

MUNICÍPIOS DE PANAMBI E CONDOR

- ▶ A maior Concentração Industrial em Pós-Colheita do Brasil.
- ▶ Um dos maiores Pólos Metalmeccânicos do Rio Grande do Sul.
- ▶ Centro Industrial de Referência Internacional em Inovação e Tecnologia de Bens e Serviços Pós-Colheita.
- ▶ Localização: Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.



PROCOMPI
PROGRAMA DE APOIO À COMPETITIVIDADE
DAS MICRO E PEQUENAS INDÚSTRIAS

Revista C. P. 130/01/2006

Arranjo Produtivo Local Metalmeccânico - Panambi e Condor

Av. Konrad Adenauer, 555 - ACI Panambi - CEP 98280-000 - Panambi - RS - Brasil

Fone (55) 3375-9350 - www.aplposcolheita.com.br

Ano decisivo para negociações em BLOCO

Considerado a pedra no sapato do mercado exportador, o Brasil quer avançar nas negociações comerciais. Mercosul, União Européia e Alca estão na mira do governo

O Brasil promete incomodar muito as nações que têm na atividade primária a fonte de superávits na balança comercial. Cada vez mais competitivo, o País inicia 2005 com a certeza de que esse será um ano decisivo para avançar com agressividade nas negociações internacionais contra subsídios e barreiras não tarifárias de forma a garantir colocação para seus produtos nos cinco continentes. Isso porque muitas negociações que deveriam ter sido concluídas em 2004 ficaram pendentes, a exemplo do acordo entre o Mercosul e a União Européia.

“Em 2004, avançamos na Rodada

de Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC), freamos a Alca e o acordo com a União Européia e ainda estamos patinando no processo de consolidação do Mercosul”, destaca Marcos Sawaya Jank, presidente do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icône). Segundo ele, a agenda para 2005 trará desafios importantes para a política comercial do governo Lula, com destaque para a próxima reunião ministerial da OMC, que será realizada em dezembro de 2005 em Hong Kong.

Prova do potencial do setor primário é que ele assumiu a liderança das exportações brasileiras e hoje é respon-

sável por um superávit estimado em US\$ 33 bilhões em 2004, ou seja, 27% a mais que o superávit em 2003, que ficou em US\$ 25,848 bilhões. “O Brasil já é uma pedra no sapato do mercado exportador”, garante o coordenador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (Ceema), Argemiro Luís Brum. Além disso, no ano passado, o Brasil tornou-se o terceiro exportador agrícola mundial, atrás apenas dos Estados Unidos e da União Européia, e ainda é líder no embarque de soja, café, suco de laranja, açúcar, etanol, carne bovina e de aves.

Em breve, a liderança — Segundo Brum, o País cresceu muito nos últimos 15 anos e dentro de cinco a dez anos deverá se tornar líder mundial do agronegócio. Isso porque dispõe de tecnologia de ponta, capacidade produtiva, áreas férteis e abundan-





A Granja

A favor do agronegócio nacional — Os dados comprovam que existe grande possibilidade de crescimento. Principalmente se o Brasil conseguir intervir com mais intensidade nas negociações internacionais envolvendo os blocos econômicos e a relação entre o Mercosul, a União Européia e até mesmo a criação da Alca. Contudo, para isso é preciso fazer com que essas regras internacionais se revertam em prol da produção agrícola brasileira. De nada adianta firmar acordos internacionais se eles apenas garantem a abertura do nosso mercado ao capital estrangeiro sem nenhuma garantia às exportações do setor primário. E é exatamente esse ponto que trava as negociações e que fez com que o ano de 2004 fosse marcado por pouca evolução no intercâmbio comercial. As eleições norte-americanas e questões internas da política brasileiras também ajudaram a travar boa parte das negociações internacionais.

tes e que permitem alta produtividade. Essa situação favorável deve se manter em 2005, apesar da previsão de queda no preço das commodities em função da redução internacional dos produtos agrícolas. “Em geral, continuaremos exportando bem em volume. A receita geral é que deve reduzir um pouco por causa do recuo dos preços da soja e das carnes”, prevê. Segundo ele, isso ocorre porque houve um aumento da oferta internacional devido à produtividade obtida em países como os Estados Unidos. Além disso, não há como negar que embargos como o imposto pela Rússia em 21 de setembro à carne brasileira em função de focos de febre aftosa registrados no município de Careiro da Várzea, no Amazonas, impactaram no preço final do produto. “A redução da possibilidade de venda também afeta os pre-

ços”, completa.

Mas a queda das cotações em 2004 não foi suficiente para deter o avanço da balança comercial do setor. Entre janeiro e novembro de 2004, os embarques renderam US\$ 36,037 bilhões, um recorde histórico para o período. Segundo dados do Ministério da Agricultura, ocorreu um aumento de 29,2% na comparação com os 11 primeiros meses de 2003, quando os embarques de produtos agrícolas somaram US\$ 27,889 bilhões. O agronegócio foi responsável por 41,3% das exportações totais do País no acumulado de 2004. Entre janeiro e novembro, os técnicos do Ministério destacaram o incremento nas vendas de produtos agrícolas para o Mercosul (20,7%), União Européia (22,5%), Ásia, com exceção do Oriente Médio (39,9%), Oriente Médio (38,9%) e África (52,9%).

“As reuniões ocorreram, mas ainda estamos longe de conclusões. Precisamos de acordos em bloco que liberem o comércio internacional e evitem ações protecionistas”, diz Brum.

A reconciliação entre Brasil e Argentina, que travaram disputas acirradas na área de eletrodomésticos em 2004, parece ser imprescindível para manter o Mercosul. No caso da Alca, diz Brum, a questão é mais ideológica. “O bloco é importante, mas o governo precisa negociar acordos que dêem mais competitividade ao setor primário brasileiro”, salienta. Mas é claro que a abertura comercial não deverá ser benéfica para todos o setor. “Não seremos competitivos em tudo, mas precisamos pensar em um todo que nos permita crescer mais”, complementa.

Um exemplo positivo é o mercado de carnes, onde o Brasil é extremamente competitivo. Para 2005, há boas

perspectivas para os embarques de cortes bovinos para a Europa na medida em que os europeus deverão registrar falta do produto. Além disso, o Brasil está abrindo mercados no Norte da África (Argélia, Líbia, Tunísia, Egito e Marrocos), na Malásia e na China, país que pode representar sozinho um acréscimo de mais de

10% nas vendas externas. O Brasil também vem melhorando sua posição no ranking mundial de exportadores de leite, ocupando o sexto lugar entre os maiores produtores do mundo. “Os quatro grandes players do futuro nas exportações mundiais, em um horizonte de 20 anos, serão Nova Zelândia, Austrália, Argentina e Brasil”, acredita a diretora de comunicação do Icone, Maria Helena Tachinardi.

Iniciativa — Apesar da evolução internacional do setor primário brasileiro, muito ainda há para ser feito. Principalmente no que diz respeito à diversificação do setor. É hora de deixar de exportar apenas grãos a granel e investir nos industrializados. Além disso, o agressivo mercado externo exige bons vendedores, o que ainda é pouco desenvolvido no País. “O Brasil não vende seu produto. Ele é comprado”, compara Brum. Para passar da posição de mero atendente da demanda internacional para um grande vendedor, é necessário conhecimento sobre quem são os clientes que se quer abastecer e como isso pode ser viabilizado. Só assim será possível estabelecer relações duradouras e estáveis, sejam elas através de consórcios de exportação ou de participação de feiras e eventos.

Para isso, também é importante produzir o que os novos clientes desejam. Cada vez mais, o produtor brasileiro que tem os olhos voltados para o exterior será obrigado a estabelecer normas de rastreabilidade, seja para o



Jank: “ainda estamos patinando no processo de consolidação do Mercosul”

agrícolas do Mercosul, absorvendo 35% de todos os embarques agrícolas. Apesar disso, os países latino-americanos enfrentam vários tipos de restrições como subsídios domésticos, altas tarifas, cotas tarifárias pequenas, preço mínimo de entrada, salvaguardas especiais e medidas sanitárias. No ponto em que pararam as negociações entre o Mercosul e a União Européia, em outubro de 2004, as ofertas apresentadas foram tímidas de ambos os lados, na avaliação do presidente do Icone. A UE ofereceu ao Mercosul acesso a seu mercado por meio de pequenas cotas para produtos agrícolas, que foram vistas como insuficientes. Da parte do Mercosul, houve resistência da indústria manufatureira e em setores como serviços e compras governamentais.

Jank diz que não se sabe se as negociações serão mais fáceis em 2005, porque nelas deverão atuar fatores como o alargamento da União Européia, com o ingresso de dez novos

gado, seja para frutas e grãos. Infelizmente, o País ainda engatinha nesse quesito. Apenas poucos setores já adotaram o sistema em larga escala e os pecuaristas em geral são relutantes em aderir ao procedimento em função de custos.

A União Européia é o mercado mais importante para as exportações

membros, que poderão pressionar por mais proteção na área agrícola, e a troca de comissários, que tomaram posse recentemente. Já as tratativas da Alca foram esvaziadas pelos seus copresidentes, Brasil e EUA. Aos EUA interessa, preferivelmente, fazer acordos bilaterais de livre comércio, nos quais obtêm mais vantagens do que nas negociações regionais e multilaterais, uma vez que podem forçar pequenos países a abrirem seus mercados para produtos, serviços e investimentos americanos. O Brasil tem resistências na Alca em áreas como propriedade intelectual e investimentos. Para o presidente do Icone, há espaço para concessões e “trade-offs” nas negociações com os EUA em açúcar x etanol e suco de laranja x carnes. As negociações deverão ser retomadas no primeiro trimestre de 2005, mas não se espera conclusões antes de 2007. Provavelmente em março, dirigentes do Mercosul e da União Européia voltarão a se reunir para tentar avançar no acordo birregional.

Mas não é apenas a demanda internacional que vem afetando as exportações do agronegócio brasileiro. A desvalorização do dólar também desestimula os embarques internacionais. A reivindicação do setor é de que a moeda norte-americana (cotada ao redor de R\$ 2,70 no início de dezembro) chegue ao pata-

mar de R\$ 3,15, o que lhe concederia paridade de poder de compra. E tudo indica que isso é bem possível. O governo federal já começou a intervir no mercado comprando dólar com o objetivo de ampliar reservas. Contudo, a movimentação indica intervenção para acomodar a cotação do câmbio ao gosto dos exportadores. “O governo começou a corrigir essa situação e ainda tem que fazer mais”, alerta o coordenador da Ceema. ■



Maria Helena: “Brasil está entre os quatro players do futuro nas exportações mundiais”

Parabéns, A GRANJA!

Quando sonhamos e fazemos projetos, nem sempre nos damos conta de que algum dia, nossos sonhos e nossos projetos tornam-se realidade.

O tempo passa, e então percebemos que aquele sonho do passado construiu uma história que conta um pouco da vida de todos aqueles que acreditaram que seria possível.

Cada dia que passa precisa ser enaltecido, pois passa a somar mais um em que vitórias foram alcançadas ao lado daqueles que colaboraram para o sucesso.

Hoje, olhamos para o passado e contemplamos uma história de trabalho, de obstáculos superados e conquistas.

Que este tenha sido apenas mais um dos muitos e muitos anos em que o Grupo Fockink e a revista A GRANJA serão parceiros.

Revista A GRANJA - 60 anos informando o homem do campo.



0800 701 4328 • cliente@fockink.ind.br • www.fockink.ind.br



Divulgação

O Brasil vem desenvolvendo importantes pesquisas na área da genômica para grãos, citros e cereais, além do melhoramento genético de plantas, proporcionando novas perspectivas à agricultura

As inovações na área agrícola estão entre as mais ativas e em produção permanente no Brasil e no mundo. O avanço na área de genômica ilustra bem esse avanço, onde as pesquisas biotecnológicas não páram de crescer, tocadas principalmente por empresas e universidades. A genômica funcional é uma tecnologia da engenharia genética que permite trabalhar com recombinações de DNA de plantas, animais e microorganismos.

Muitas empresas de biotecnologia já possuem estudos avançados no seqüen-

ciamento de genes da laranja, cana-de-açúcar, eucalipto, uva, soja e, no caso da pecuária, o genoma do boi. Segundo dados da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), só no Brasil existem 114 instituições públicas credenciadas para trabalhos com organismos geneticamente modificados (OGMs), além de 75 empresas do setor privado e duas cooperativas.

Na prática, o seqüenciamento é um mapa detalhado de DNA, que contém códigos genéticos que permitem a modificação dos genes de plantas, por

exemplo, para melhorar a produtividade, obter maior resistência a pragas e doenças ou mesmo para ampliar o teor alimentar com o uso reduzido de agroquímicos. Antonio Paes de Carvalho, presidente da Associação Brasileira das Empresas de Biotecnologia (Abrabi), diz que os negócios com biotecnologia (para uso da indústria agrícola, alimentícia, química ou farmacêutica) estão aumentando rapidamente em todo o planeta num ritmo em que cada progresso representa mais um degrau para a proximidade e alcance do consumidor.

A **SOFISTICAÇÃO** da agricultura

Carvalho destaca que o que se vê em torno desse grande mercado é uma efervescência em todos os setores do bionegócio. Cita ainda a área da saúde, com o uso das células-tronco, a produção de vacinas recombinantes, os fármacos produzidos por plantas e por animais e os mais de 200 medicamentos biotecnológicos em testes no *Food and Drug Administration (FDA)*. “Neste ano veremos esses progressos tomarem corpo e atingirem o nível do consumidor com mais frequência”, avalia Carvalho.

O diretor da Abrabi diz que toda discussão em torno da biotecnologia é sempre saudável e essencial ao processo, mas que não deve ser turvada por obscurantismos e, principalmente, não deve servir de proteção para interesses estabelecidos nem protelação do desenvol-

vimento. “No Brasil existe hoje um esforço consciente por parte dos governos e da sociedade para o progresso da biotecnologia que será a grande alavanca do desenvolvimento e da competitividade”, diz o presidente da Abrabi.

Ele argumenta que a sociedade, ao realizar ações em torno da aprovação da Lei de Biossegurança, a Lei de Inovação e os Estados apoiando decididamente a biotecnologia através de suas Fundações de Apoio a Pesquisa (FAP's), estará proporcionando num curto espaço de tempo uma grande dinamização das atividades de biotecnologia no País. “O maior desafio tem sido operar dentro de um ambiente legal desordenado. Felizmente, o agronegócio tem mantido a lucratividade e isso vai possibilitar o rápido desenvolvimento e adoção de biotecnologias modernas”, interpreta Carvalho.

A expansão do bionegócio — O Centro Nacional de Recursos Genéticos (Cenargen), órgão vinculado à Embrapa, vem desenvolvendo vários projetos na área da engenharia genética na agricultura, com resultados avançados em pesquisas: o isolamento de genes para a resistência a fungos e insetos que estão sendo introduzidos nas culturas do algodão e da soja.

Alguns dos projetos mais avançados começaram a ser testados no campo no ano passado em parceria com outras unidades da Embrapa. Citando alguns exemplos, em área experimental da Embrapa Arroz e Feijão os testes a campo foram realizados com a cultura do feijão para resistência ao mosaico dourado; no campo experimental da Embrapa Hortaliças, os testes realizados foram com a batata para resistência ao vírus Y, res-



Pra dizer tudo que ela representa, nada melhor que o nosso slogan.



ponsável pelo enrugamento das folhas e mosaico e, na unidade da Embrapa Mandioca e Fruticultura, houve testes experimentais com um mamão transgênico resistente à mancha anelar, doença causada por um vírus e que provoca danos nas folhas, ataca toda a planta e compromete a qualidade da fruta.

Outro estudo em andamento está na Embrapa Soja, onde estão sendo desenvolvidas cultivares da oleaginosa tolerantes a herbicidas. A unidade de pesquisa também está isolando e introduzindo genes para tolerância à seca em soja. Plantas transgênicas de soja estão sendo geradas e testadas em parceria com a Universidade de Viçosa e o *Japan International Research Center for Agricultural Sciences (Jircas)*.

Segundo informação do pesquisador Francisco Aragão, da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, há também um grande interesse em transferir genes para tolerância à seca no feijão. Estão em curso ainda estudos que levarão à manipulação do ciclo de vida da planta com o objetivo de encurtar o tempo da cultivar no campo sem reduzir a produtividade e com controle do florescimento.



Aragão: crescem pesquisas que ampliam o valor nutricional das plantas

Divulgação

Conforme destaca o pesquisador, esse tipo de tecnologia pode permitir aumentar o número de safras de algumas culturas. Ele acrescenta dizendo que nos centros de pesquisas das unidades crescem os exemplos de biofortificação, ou seja, da manipulação genética para aumentar o valor nutricional de plantas e o teor de compostos importantes para a nutrição, como vitaminas, ácido fólico, aminoácidos e

redução de fatores antinutricionais.

A Embrapa Algodão anunciou para os próximos anos o lançamento de cinco novas variedades de mamona com características de produção apropriadas para as regiões Centro-Sul e Nordeste e ainda para a região de Roraima, em específico. Outra notícia é o lançamento previsto para abril da variedade do milho caatingueiro, desenvolvida pela Embrapa Tabuleiro Costeiros, híbrido adaptado para as condições de plantio do semi-árido nordestino.

Na área de seqüenciamento genético na agricultura, uma pesquisa anunciada recentemente com a participação de 10 países (Japão, EUA, França, China, Índia, Coreia, Taiwan, Tailândia e Reino Unido), inclusive o Brasil, através do tra-

balho do professor Antonio Costa de Oliveira, da Universidade Federal de Pelotas/RS, revelou a decodificação do genoma do arroz na qual foram identificados cerca de 40 mil genes. Com esse mapa genético em mãos será possível desenvolver genes com funções para maior tolerância a ácidos orgânicos, ao frio e ao encharque e com condições de transferir essas mesmas características para outras culturas, como o trigo, aveia e milho, permitindo o cultivo dessas outras cultivares em áreas prevalentes da orizicultura irrigada.

Cultivares de soja de 3ª geração — Também há excelentes resultados com testes iniciais de genes para tolerância à seca e expressão de proteínas de interesse farmacológico em soja. No segundo caso, são organismos genéticos com propriedades medicinais da chamada terceira geração dos transgênicos.

Em parceria com a Universidade de Campinas, há três anos a Embrapa desenvolve uma variedade de soja que em seu DNA foi inserido um gene humano programado para produzir o HGH ou hormônio de crescimento humano. Uma outra pesquisa com a soja em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) desenvolve uma variedade transgênica com o Fator 9, que induz à coagulação sanguínea e é muito utilizado no tratamento de hemofílicos. O terceiro experimento também em parceria entre UnB e Embrapa é o da soja transgênica para fins farmacológicos com inserção no DNA da cultura de um anticorpo humano chamado CD18, que funciona como um detector de células cancerígenas no organismo.

Atualmente as empresas de biotecnologia direcionam suas pesquisas em três segmentos distintos: os transgênicos de 1ª geração que são os produtos resistentes a doenças, herbicidas e pragas; os transgênicos de 2ª geração, que são as cultivares com genes enriquecidos de fatores nutricionais para a produção de grãos, e os transgênicos de 3ª geração, utilizados para a produção de componentes medicinais direcionados às indústrias farmacêuticas. ■



A Granja

A agricultura é um dos setores mais beneficiados pela biotecnologia: diversas pesquisas com diferentes culturas estão em andamento

O SHOW vai começar



Divulgação

Um dos mais importantes eventos agropecuários do Brasil, o Show Rural Coopavel, mais uma vez promete apresentar ao público visitante as últimas novidades em tecnologia agrícola. Em sua 18ª edição, acontece de 31 de janeiro a 4 de fevereiro, no Centro Tecnológico Coopavel (CTC), em Cascavel/PR. O evento já se consolidou internacionalmente ao receber mais de 140 mil visitantes de todo o Brasil e também do exterior.

Quem visitar o CTC estará entrando num mundo repleto de informações sobre tecnologias de produção agrícola e pecuária, máquinas e insumos. Nesse universo, o saber se funde com a prática, passa por todos os setores da produção rural e objetiva transformar as propriedades em empresas rurais.

Além de milhares de novidades tecnológicas, o ambiente renovado, com novo paisagismo e infra-estrutura disponível para o bom atendimento ao visitante, é mais um adendo para dar a impressão de que se está chegando a um mundo diferente. Ao lado de cada experimento estarão sendo feitas explicações ou minipalestras para explicar a melhor forma de se produzir com menor custo e maior produtividade. O objetivo é fazer com que o visitante conheça novas oportunidades de produção, aumente a sua renda e, consequentemente, tenha melhores condições de vida para toda a família.

Investindo em conforto — Reconhecido como sendo um importante elo entre o setor produtivo e as entidades de pesquisa, o Show Rural Coopavel

2005 acontece ainda mais preocupado com o bem-estar do público visitante. Para atender esse contingente, a organização investiu pesado na reestruturação do CTC. “O público terá uma bela surpresa já na chegada ao evento”, diz o coordenador geral do Show Rural Coopavel, Rogério Rizzardi.

Segundo ele, foi ampliado o número de ruas cobertas — uma das marcas do evento no quesito infra-estrutura, ao mesmo tempo que o local ganhou um novo visual paisagístico com a instalação de portal de entrada, construção de lagos, cascatas e chafarizes. “Nosso objetivo é oferecer sempre o melhor ambiente para os visitantes”, explicou o coordenador.

Mas não é apenas a questão visual que deverá impressionar os visitantes. Muitas novidades já constam na programação em todos os setores, desde pecuária, agricultura, máquinas e implementos e até o transporte da produção do campo. Em pecuária, a bovinocultura de corte ganhou um amplo espaço, com tecnologia dirigida, onde terá demonstrações práticas de manejo do rebanho, transferência de embriões, integração lavoura-pecuária e demais tecnologias de produção com menor custo e maior ganho.

A estréia dos transportes — Pela primeira vez o evento abrirá suas portas aos caminhões e caminhonetes, utilizados pelos produtores no escoamento da produção. Chamando a atenção do público, com suas imensas asas que cobrem o céu sob as imensas lavouras, também estarão os aviões agrícolas utilizados para a aplicação de insumos em grandes áreas. No setor de máquinas e implementos agrícolas, serão inúmeras as opções, satisfazendo do pequeno ao grande produtor.

Em uma área à parte, um tema que ainda gera muitas dúvidas aos agricultores: a tecnologia de aplicação de defensivos. Professores universitários, pesquisadores e empresas estarão presentes para mostrar, na teoria e na prática, as vantagens de uma pulverização bem-sucedida. Diante de tantas novidades, o coordenador Rogério Rizzardi recomenda: “é importante que o agricultor faça um roteiro prévio com a programação das visitas nos estandes de maior interesse particular, para que assim tenha um aproveitamento melhor”. ■

CRÔNICA em dois tempos – 2

Não tive como escapar da divisão desta crônica em duas partes, a primeira das quais foi publicada na edição de **A Granja** do mês passado. Nela, contei de um fazendeiro inglês chamado Robert Bakewell, que viveu no século XVIII em Leicestershire, Inglaterra, e é justamente considerado o Pai da Zootecnia, ciência da produção, da criação, do trato, da domesticação ou do manejo dos animais, na definição de Houaiss, incompleta a meu ver. O leitor está farto de saber que a zootecnia tem preocupação especial com o melhoramento dos animais e seu aproveitamento econômico, conseguindo vacas que produzem 30 toneladas de leite/ano, frangos que pesam 2 kg com pouco mais de um mês de vida e assim por diante.

Falei, também, dos resultados de uma pesquisa do economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, mostrando que a taxa de fertilidade entre adolescentes nas favelas do Rio é cinco vezes maior que a dos bairros onde moram as pessoas de renda mais alta, ou menos baixa, se considerarmos a realidade salarial brasileira. Do estudo, resultou a seguinte manchete de jornal: “Quanto mais pobre, mais filhos”. É claro que o brasileiro, pelo fato de ser pobre, não vai produzir filhos piores que os das classes remediadas. Não cogito da reprodução do pobre ou do rico, mas do miserável, quando se sabe que o Brasil talvez tenha 50 milhões de indigentes, vivendo abaixo da linha da pobreza.

Acontece que o pessoal da espécie *Homo sapiens sapiens* tem um complicador chamado cérebro, que não chega a preocupar quando pensamos nos animais domésticos, salvo quando o animal é doido de hospício: cavalos indomáveis, vacas pegadeiras, cachorros inabordáveis mesmo pelos mais experientes treinadores.

Os neuropediatras estão fartos de saber que a desnutrição da mãe durante a gestação prejudica 15% das células do cérebro do feto humano. Sabem, ainda, que a desnutrição da criança em seu primeiro ano de vida lesa as células do cérebro em mais 15%. Contudo, a soma dos prejuízos não dá 30% e sim 60% das células cerebrais lesadas. Junte-se o ambiente de miséria extrema onde nascem essas crianças, sem roupas, abrigo, creches, hospitais, escolas e perspectivas de vida desce, não raras vezes agravado – como é público e notório – pelo desequilíbrio mental dos pais.

Estima-se que 10% da população mundial sofra de deficiências mentais. O Código de Hamurabi, 2100 a.C., o Papiro Terapêutico de Tebas, que data de 1552 a.C., o Talmude, o Corão e o Novo Testamento ocupam-se das deficiências mentais, complexo sintomático cuja única unidade reside na deficiência intelectual, como ensina Aron Diamant in “Neurologia Infantil”.

Releva notar que em tempos bíblicos, talmúdicos e corânicos, de tribos nômades vivendo em imensos territórios banhados pelo Sol, inexistiam as miseráveis condições de vida de nossas favelas construídas sobre palafitas fincadas nos pântanos, de que são exemplos os manguezais de Cubatão e do Recife, para ficar nestes dois, em que as fezes e o lixo variado se acumulam sob as “casas”. A população da Terra só alcançou os 300 milhões de almas no ano 1350 d.C.

Voltando à vaca fria – *returning to the cold cow*, como diria o Millôr –, que se pode esperar de milhões de brasileirinhos que estão nascendo em condições infra-humanas,

frutos de um processo de pioramento em tudo e por tudo diverso do melhoramento animal intuído pelo genial Robert Bakewell, com a agravante das lesões cerebrais determinada pela desnutrição durante a gestação e o primeiro ano de vida?

Não me venham com a conversa de fascismo, que os fatos e os números aí estão, e o problema acaba sendo nosso. É de nós todos que temos visto o quadro terrível, sem que alguém tome as mais elementares providências para evitá-lo. Digo que o problema é *nosso* e já me arrependo, pois não é meu, que já estou além de Bagdá. Mas o problema é vosso e aí está para ser destrinchado. Egoísta, preocupa-me o Brasil em que vão viver e trabalhar meus filhos e netos, junto com os filhos e netos de pessoas que pensam três vezes antes de botar um filho no mundo e só o fazem quando crêem ter condições de os alimentar, assistir, vestir, educar e encaminhar na vida.

A espécie *Homo sapiens sapiens* deve ter cerca de 180 mil anos, 7.200 gerações através das quais chegou a Shakespeare, Goethe, Cervantes, Mozart, Beethoven, Bach, Leonardo, Michelangelo e – vá lá – Paulo Coelho. Alçados nos matos do Pantanal, afastados dos terreiros das fazendas, suínos de raças melhoradas voltam ao javali ancestral em cinco gerações, mais ou menos dez anos. E nós outros lá vamos voltando a galope para o nível dos primos chimpanzés, através do funk, do rapp, hip-hop e de outros barulhos confundidos com aquilo que nossos avós chamavam de música. ■

Não me venham com a conversa de fascismo, que os fatos e os números aí estão, e o problema acaba sendo nosso. É de nós todos que temos visto o quadro terrível, sem que alguém tome as mais elementares providências para evitá-lo

Vem aí mais um show de tecnologia

Informações:

Fone/fax (45) 225-6885
Cascavel - Paraná

E-mail: showrural@coopavel.com.br
Home page: www.coopavel.com.br



COOPAVEL

31 de janeiro a
4 de fevereiro
de 2005

2005



O MAIOR E MAIS AVANÇADO EVENTO TECNOLÓGICO DA AGRICULTURA BRASILEIRA

Exportações de citros em ALTA

O aumento das exportações de laranjas e tangerinas foi a grande surpresa da campanha atual para a indústria citrícola, mais acostumada a registrar essa tendência no setor do limão, segundo dados do Escritório de Estatísticas de Comércio Exterior do Serviço Nacional de Previdência Alimentaria (Senasa). Em 2004, foram vendidos 129 mil toneladas de laranjas por US\$ 45 milhões, o que representa um crescimento de 68% em volume e de 85% em divisas, comparado com o volume total de 2003 (68 mil toneladas). O notável é que esse volume pode seguir crescendo em 2005, já que os furacões da Flórida destruíram grande parte da produção norte-americana (grande produtor mundial) e fizeram decrescer a colheita daquele país em 29%.

A tangerina foi outra das surpresas: registrou incrementos de 54% em volume de venda e de 72% em divisas, ao vender 67.646 toneladas por mais de US\$ 33 milhões. Isso indica a boa fase geral que está vivendo o setor, já que, segundo dados do



Senasa, entre janeiro e outubro deste ano as exportações de cítricos chegaram a 553.520 toneladas, comercializadas por US\$ 221 milhões, o que representa um incremento de 24% em divisas e de 13% em volume na comparação com 2003. A estrela, porém, segue sendo o limão, com 325 mil toneladas exportadas. O setor frutícola gerou divisas de US\$ 511 milhões.

Os sucos cítricos também estão em crescimento, já que aumentaram suas vendas em 48%, gerando mais 68% de divisas que no ano anterior, com vendas de 11 mil toneladas de sucos de limão, laranja, tangerina e pomelo, totalizando US\$ 9 milhões. Nesse caso, o principal suco exportado foi o de limão, apresentando um aumento em suas vendas de 87%. Além de um crescimento de 136% sobre 2003, segundo dados de 2004 do Senasa.

Trigo

Já se colheu mais de 25% da área cultivada de trigo. Os números são muito superiores aos estimados oportunamente e se espera atingir uma produção final superior aos 15 milhões de toneladas.

Soja

Já foram plantados 70% dos 14,7 milhões de hectares previstos para a safra 2004/2005. O plantio da oleaginosa avança em todo o país e a cultura tem uma excelente umidade para seu desenvolvimento.

Novilho

Durante novembro, o mercado se manteve muito seletivo com preços firmes para negócios envolvendo categorias e qualidades específicas, enquanto se observou demanda calma para outros tipos de operação, o que mostrou um mercado sem uma tendência definida.

Leite

O setor leiteiro encerrou o ano com uma produção de 9,6 a 9,7 milhões de litros e uma projeção de crescimento em 2005 de 10 a 15%, com o qual se superaria o recorde de 1999, que foi de 10,3 milhões de litros. Está-se trabalhando com um nível de rentabilidade aceitável em todos os elos da corrente. O crescimento esperado e os maiores volumes de exportações que se esperam obrigam a pensar em novos investimentos.

Promoção no CHILE

No marco das ações de promoção externa desenvolvidas pelo Instituto de Promoção da Carne Bovina Argentina (IPCVA), foi realizado em Santiago, no Chile, um encontro entre empresários argentinos e chilenos com o objetivo de apresentar a campanha publicitária de promoção que busca o reposicionamento das carnes argentinas naquele país. O IPCVA desenvolveu uma pesquisa de conhecimento e percepção do consumidor chileno.

O encontro contou com a presença de empresários argentinos e importadores, distribuidores, chefs, supermercadistas, gerentes de restaurantes e cadeias de hotéis. As exportações de carne bovina para o Chile tinham sido suspensas em setembro de 2003, depois do surto de febre aftosa na província de Salta. No primeiro semestre de 2003, a Argentina foi um dos principais abastecedores, com 20% da participação do mercado, e tinha exportado mais de 11.500 toneladas por um valor aproximado de US\$ 18 milhões, segundo dados oficiais do Senasa. Para a Argentina, até setembro de 2003, o mercado chileno era o segundo em importância depois da União Européia.

GRÃOS: cenário de queda nas cotações

A queda nos preços de soja, milho, girassol e trigo impactou na rentabilidade do setor agropecuário. Na comparação com o mesmo período de 2003, os valores diminuíram 35% no caso do trigo, 25% da soja, 21% do milho e 5% do girassol. O "dólar agrário", corrigido por retenções e inflação, também caiu. Por outro lado, os custos de es-

trutura seguem em alta, enquanto nos custos diretos, caso da soja, a tendência é de declínio no longo prazo, como consequência da evolução esperada nos preços do glifosato. No momento, os valores da terra não refletem a queda da rentabilidade ocorrida nas explorações agropecuárias e se mantiveram constantes nos últimos meses.



Embrapa Trigo

SPD na pequena propriedade no Estado do PARANÁ

Lutécia Beatriz Canalli — Engenheira agrônoma, M.Sc. Ciência do Solo, Emater/PR, Febrapdp, Ponta Grossa-PR / lutecia@febrapdp.org.br

O Brasil é hoje referência internacional no que diz respeito à agricultura conservacionista, contando com uma área superior a 20 milhões de hectares sob sistema plantio direto (SPD), sendo esta a tecnologia mais importante para a recuperação e preservação dos recursos naturais, permitindo uma exploração agrícola sustentável. Na década de 70, começava no Brasil uma grande revolução no sistema de plantio. O Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária Meridional do Ministério da Agricultura (Ipeame/MA) realizou as primeiras pesquisas com plantio direto em Londrina, no norte do Paraná, e em Ponta Grossa, na Região Centro-Sul do Estado. Na mesma época, a ICI iniciou seus trabalhos de desenvolvimento do plantio direto e apoiou as pesquisas. Também outras instituições iniciavam trabalhos de pesquisa com plantio direto: UFRGS, Fundacep/Fecotriga, Embrapa – CNPTrigo (Sade, 2000).

Apesar de o plantio direto ter começado no Brasil no início da década de 70, o grande incremento em área se deu a partir da década de 90, o que acompanhou também o crescimento da produção agrícola, que hoje atinge 122 milhões de toneladas (safra 2002/2003). A área de plantio direto neste mesmo período aumentou de 1 milhão para 20 milhões de hectares, abrangendo aproximadamente 50% da área de produção de grãos.

Até a década de 90, o sistema plantio direto era privilégio para grandes propriedades que utilizavam mecanização.



Lutécia Canalli

Projeto Grãos abrange 37 municípios de oito regiões do Paraná e conta com 110 unidades demonstrativas

Em 1985, o Instituto Agronômico do Paraná (Iapar) idealizou o primeiro protótipo de uma semeadora de plantio direto tração animal, denominada “Gralha Azul”. Em 1993, esta tecnologia foi testada e validada em campo através de 31 unidades de teste e validação conduzidas pela Emater-PR (Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural), estabelecidas em pequenas propriedades. A partir dos primeiros resultados, a semeadora foi sendo melhorada e estava provada a viabilidade do plantio direto também para a pequena propriedade. O sucesso dessa experiência despertou o interesse de outras indústrias em projetar outras semeadoras e equi-

pamentos, proporcionando, desta maneira, opções aos agricultores.

Levando em consideração as boas perspectivas para a adoção do sistema plantio direto na pequena propriedade, o governo do Estado do Paraná incluiu no Programa Paraná Rural, sucedido depois pelo Programa Paraná 12 Meses, ambos apoiados por recursos do Banco Mundial, o apoio aos pequenos agricultores através de subsídios para a aquisição comunitária do que se convencionou chamar “Kit Plantio Direto” (semeadora, rolo faca e pulverizador). Além disso, investiu fortemente na capacitação de técnicos e produtores. O resultado desta decisão foi um incremento ex-

pressivo na área sob sistema plantio direto tração animal, que de 2.518 hectares em 1994/1995 passou para 137.500 hectares em 2003/2004.

Situa-se o plantio direto em nível de pequena propriedade em duas condições: plantio direto tração animal, normalmente realizado em propriedades com menos de 20 ha, e o plantio direto mecanizado tração baixa potência, para o qual não se tem a área em separado, pois a mesma é pontuada dentro do contexto geral do plantio direto mecanizado, hoje em torno de 5.500.000 hectares no Estado do Paraná. O Programa Paraná 12 Meses considera, para enquadramento de pequena propriedade, área inferior a 50 ha, uso de mão-de-obra familiar ou contratação esporádica, associados a valores estabelecidos de benfeitorias e equipamentos, o que permite uma tipificação dos agricultores.

técnicas realizadas nas comunidades. As unidades demonstrativas e os grupos de discussão e resultados são responsabilidade de 41 técnicos da EMATER-PR, capacitados para este fim. Os produtores de cada grupo de discussão e resultados acompanham todo o processo, avaliando a tecnologia aplicada na unidade de feijão e milho implantada em sua comunidade. Fazem uma comparação com a sua maneira tradicional de produzir e discutem os resultados com outros produtores de seu grupo e com o técnico que acompanha todas as etapas. Dessa maneira vão descobrindo o que podem fazer diferente, a mais, ou melhor para alcançar produtividades mais altas. E assim, de acordo com sua conscientização e possibilidades financeiras, vão melhorando o nível tecnológico de suas lavouras e obtendo produtividades mais altas.

As unidades demonstrativas (cada

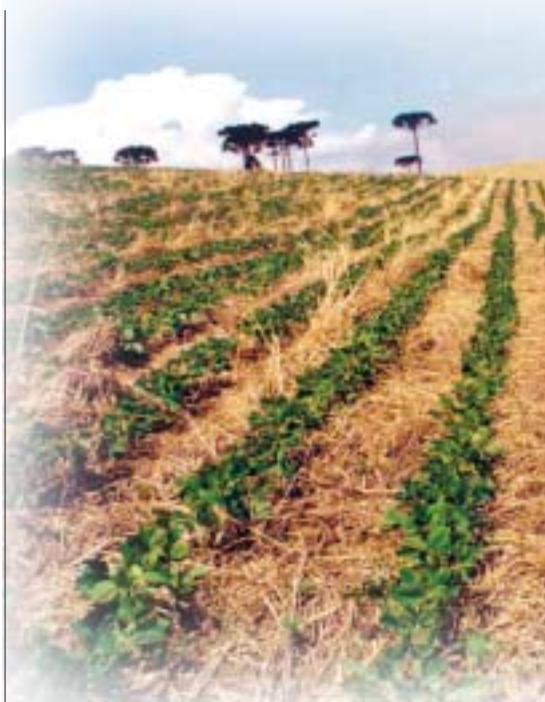
Em 1999 apenas 22,9% dos agricultores utilizavam o PD e, em 2002, o sistema já havia sido adotado por 51,9%

Visando à preservação dos recursos naturais, o aumento da produtividade e renda e a melhoria da qualidade de vida no meio rural, todos os programas e projetos governamentais que envolvem o cultivo de grãos e cereais têm como base o sistema plantio direto. Dentre eles, vale destacar o Projeto Grãos, desenvolvido em macrorregiões distintas, de acordo com a tradição dos agricultores. Na região norte do Estado, envolve principalmente as culturas de soja, milho e trigo. Na região centro-sul, envolve as culturas de feijão e milho e é desenvolvido em parceria pelo governo do Estado do Paraná, através da Emater-PR e pela multinacional Syngenta, tendo o apoio da Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha, do Iapar, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, da Embrapa e da FT Sementes.

O Projeto Grãos – Feijão e Milho abrange 37 municípios situados em 8 regiões do Estado, tendo como base 110 unidades demonstrativas (61 de feijão e 49 de milho), em torno das quais cerca de 20 produtores formam o que chamamos de grupos de discussão/resultados, totalizando aproximadamente 2 mil produtores assistidos de forma mais direta e intensiva, além daqueles que participam em dias de campo e reuniões

uma com um hectare) são conduzidas com base em uma tecnologia mínima, adequada ao sistema predominante, desmistificando que lavoura tecnificada seja um procedimento válido somente para grandes propriedades. Entre as técnicas preconizadas, se destaca a adoção do plantio direto em todas as unidades demonstrativas, como ponto fundamental de sustentação do processo. Quando se iniciou o projeto, em 1999, somente 22,9% dos produtores utilizavam o sistema plantio direto e, em 2002, os adotantes do sistema no projeto eram 51,9%. A produtividade média conseguida nas unidades demonstrativas com feijão chega a 2.219 kg/ha, com alguns produtores alcançando 3.000 kg/ha (safra 2002/2003). No caso do milho, as unidades demonstrativas apresentam uma média de produtividade de 6.971 kg/ha, com algumas chegando a 9.826 kg/ha. No Paraná, a média de produtividade da cultura do feijão é de 1.165 kg/ha e a brasileira de apenas 704 kg/ha (safra 2001/2002). Para o milho, a média estadual é de 3.700 kg/ha e a nacional de 2.800 kg/ha (Relatório Anual Projeto Grãos – Feijão e Milho, 2003).

A maioria das pequenas propriedades situa-se em solos de baixa aptidão agrícola (declividade acentuada, pedre-



gosidade, baixa fertilidade dos solos, áreas marginais). Associado a estes fatores, podemos considerar ainda a baixa capitalização dos pequenos agricultores e a dificuldade de acesso às informações. Os pequenos agricultores normalmente não utilizam adequadamente práticas conservacionistas, rotação de culturas, calcário, fertilizantes, inseticidas, fungicidas e herbicidas.

A partir da adoção do sistema plantio direto, o produtor aprende a monitorar a fertilidade do solo, realizando calagens e adubações de forma adequada e eficiente, muitas vezes baixando o custo de produção. Aprende também a fazer o manejo adequado de plantas daninhas, usando plantas de cobertura, que se manejadas adequadamente, além de favorecer a supressão de invasoras, proporcionam melhorias nas condições físico-químicas e biológicas do solo, melhorando assim sua fertilidade. Os números são realmente significativos e mostram que, além do objetivo de aumento da produtividade, outras metas tão ou mais importantes estão sendo atingidas com sucesso.

O monitoramento do projeto evidenciou ainda um aumento na consciência com relação ao manejo correto de agroquímicos e a utilização de EPIs (equipamento de proteção individual). Mesmo em pequenas propriedades, o uso de agroquímicos tem sido constante, porém poucos são os produtores que têm



Embrapa

orientações consistentes quanto à utilização correta e principalmente quanto à importância do EPI. Nas áreas de feijão, o uso do EPI para a aplicação de veneno aumentou de 28,2% para 54,4% e, nas áreas com milho, de 26,5% para 55,2%. Apesar de longe do ideal, esses números mostram um significativo avanço (Relatório Anual Projeto Grãos – Feijão e Milho, 2003).

Segundo Zandstra et. al. (1981), citados por Darolt (1991), a capacidade de gerar riquezas é função de duas variáveis: recurso natural e capacidade de gerenciamento. Portanto, para solos de baixa aptidão agrícola, característico das pequenas propriedades, onde a variável recurso natural é limitante, necessita-se de maior capacidade de gerenciamento e administração (Darolt, 1991). No atual sistema agropecuário, que é altamente competitivo, o pequeno agricultor não pode arriscar, devendo conduzir sua propriedade como uma pequena empresa e as tecnologias devem ser extremamente dinâmicas, integradas e de fácil adoção.

Um levantamento realizado com pequenos agricultores na região Centro-Sul do Estado do Paraná mostrou que os principais motivos para a adoção do sistema plantio direto foram a economia de mão-de-obra (68%), a redução das perdas de solo (51%) e o aumento da produtividade das culturas (32%), Ribeiro et al., 1997. Ainda segundo os mesmos autores (1998), o sistema plantio direto e o cultivo mínimo proporcionaram maior remuneração da mão-de-obra em relação ao plantio convencional para a cultura do milho, 3,90 R\$/h, 3,60 R\$/h e 2,60 R\$/h, respectivamente. O trabalho menos penoso e a menor utilização de mão-de-obra possibilitam a introdução de outras atividades

na propriedade, com conseqüente aumento de renda.

Segundo agricultores, os fatores limitantes para a adoção do plantio direto em nível de pequena propriedade são, em ordem de prioridade: a falta de recursos financeiros para a aquisição de equipamentos; o embuchamento de semeadoras, devido ao desconhecimento no manejo das culturas de cobertura; o desconhecimento em relação à regulação e operações das semeadoras; ocorrência de roedores; pedregosidade das áreas (Ribeiro et. al., 1998). Assim, quando o objetivo é melhorar a eficiência dos sistemas agrícolas, minimizar a degradação ambiental e melhorar a qualidade de vida das populações rurais, além da geração e difusão de tecnologias, é necessário que a política agrícola seja adequada à realidade da pequena propriedade. Programas de política agrícola devem estabelecer facilidades de acesso a recursos e crédito por parte dos pequenos agricultores. Processos participativos de pesquisa e extensão também são fundamentais. É importante ouvir o agricultor, discutir com ele suas apreensões e dúvidas, e capacitá-lo para que se torne um agente ativo dentro do processo de desenvolvimento. Para isto é preciso que a pesquisa e a extensão rural oficiais sejam bem estruturadas. ■

METAL BUSCH

POWER JET®



PULVERIZADOR

**POWER JET
AUTOMOTRIZ**

BARRAS FRONTAIS



www.metalbusch.com.br
(54) 330-2350 - Carazinho/RS

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Tendências de mercado para 2005

No mercado internacional de açúcar, acredita-se que a China deverá produzir 10,5 milhões de toneladas para um consumo de 11,5 milhões de toneladas. Na Rússia, apesar da diminuição de 7% da área plantada, a produção de beterraba aumentou, fazendo com que suas importações se reduzissem em 33,6% (2,4 milhões de toneladas) no período de janeiro a novembro de 2004. Nas Bolsas internacionais (Nova York e Londres), o primeiro vencimento (março/2005) teve uma alta de 3,72% e 1,88%, respectivamente, no período de um mês. Na BM&F, os preços do açúcar para os vencimentos mais curtos, que refletem a entressafra, subiram (fevereiro/2005, 3,11%; abril/2005, 1,01%). Já o vencimento julho (nova safra) foi o que apresentou uma variação negativa.

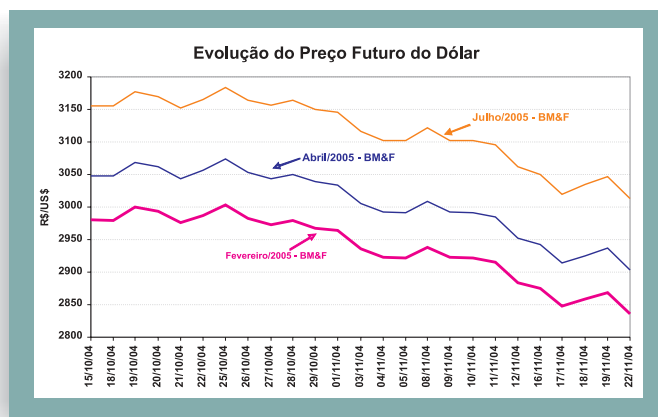
Outro componente que também vem influenciando as cotações do açúcar é a valorização do real diante

do dólar. Dados da Única indicam que o consumo mensal de álcool no Centro-Sul aumentou em torno de 500 milhões de litros nos últimos meses, devido ao aumento do percentual de adição à gasolina. Dados da Secex mostram que as exportações de álcool em 2004 alcançaram a marca de 1,4 milhão de metros cúbicos, sendo o nosso maior importador os países asiáticos, com 44% do total exportado até outubro.

Apesar da queda ocorrida no mês de outubro (157 mil metros cúbicos), analistas desse mercado acreditam que nesse ano-safra as

exportações de álcool devem chegar a mais 2,2 milhões de metros cúbicos.

No mercado futuro de álcool anidro da BM&F, após os preços apresentarem forte alta em outubro, o mercado vem experimentando um movimento de realização de lucros em praticamente todos os vencimentos.



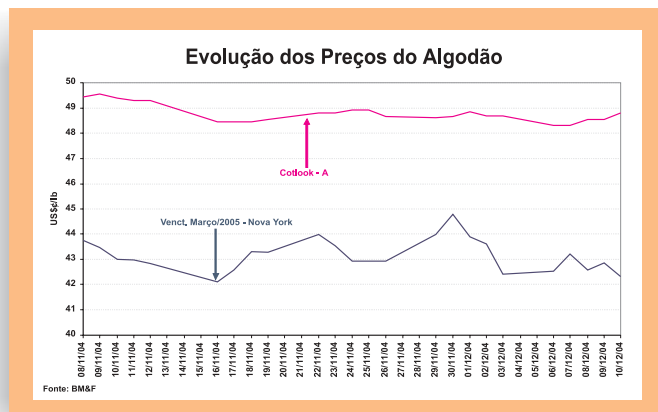
ALGODÃO

Mercado de poucos negócios

Nos leilões de Prêmio para Escoamento de Produto (PEP) realizados pela Conab nos dias 23 e 30 de novembro e 7 de dezembro, da oferta de subvenção para 30 mil toneladas, foram arrematados prêmios para 12.912 toneladas ao preço médio de R\$ 0,40/kg, ficando o dispêndio da União em R\$ 5.144.540,00. Os corretores de algodão da BM&F arremataram 8.457 toneladas ou 65,5% do total. Embora a quantidade contemplada pelo PEP até o momento não seja significativa em relação aos estoques em mãos do setor produtivo, que segundo fontes são em torno de 250 mil toneladas, os leilões têm sido considerados como demonstração de sensibilidade às dificuldades de comercialização, por parte das autoridades governamentais. No momento, o mercado está com poucos negócios, pois várias fábricas concederam férias coletivas no período de 20 de dezembro até 10 de janeiro. Não existe consenso en-

tre os agentes do mercado com relação aos estoques em mãos da indústria no retorno às operações em janeiro, dado da maior importância para a formação de preço naquele momento. No mercado de fios, os negócios estão sendo realizados para entrega em janeiro/2005, e a maioria das malharias não está coberta para este mês. O fio 30/1 cardado está cotado em torno de R\$ 9,80/kg, estável há cerca de dois meses. O preço do algodão tipo 41-4, posto fábrica, está em torno de R\$ 1,20/lp para entrega imediata e R\$ 1,25/lp para entrega em janeiro. Nos últimos dias, no mer-

cado externo só tem havido procura por algodão brasileiro de muito boa qualidade, como o tipo 31-3, cujo preço está em torno de US\$ 43,00/lp FOB Paranaguá. O índice A da Cotlook foi fixado em US\$ 48,80 no dia 10/12/2004 e o contrato para março/2005, na Bolsa de Nova York, fechou a US\$ 42,31.



SOJA

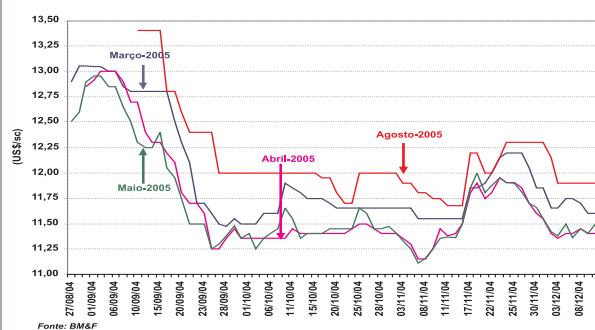
USDA mantém volume de produção

O relatório de dezembro de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 10 de dezembro, basicamente repetiu os números do relatório de novembro. Confirmou-se o tamanho da safra de soja norte-americana em 85,7 milhões de toneladas, com expectativa de recuperação de seus estoques finais para 12,5 milhões de toneladas. Mantiveram-se também os volumes de produção do Brasil e da Argentina em 64 e 39 milhões de toneladas, respectivamente. Os números da China apresentaram alterações pontuais na produção e no processamento, o que não muda o sentimento do mercado de oferta suficiente para abastecer a demanda. Diante do cenário de estabilidade, corroborado pelo relatório, os preços futuros têm se comportado com reduzida volatilidade. No Brasil, os trabalhos de semeadura, que tiveram início em meados de setembro, já estão praticamente encerra-

dos. Segundo entendimentos do mercado, deverão ser produzidos entre 60 e 62 milhões de toneladas, abaixo da estimativa do USDA. O mercado à vista já estava em clima de final de ano, com poucos negócios reportados. Em 10 de dezembro, os preços em Paranaguá/PR giravam ao redor de R\$ 35,00/sc; em Uberlândia/MG, a R\$ 32,00/sc; em Rio Verde/GO, a R\$ 30,00/sc; e em Sorriso/MT, a R\$ 28,00/sc. O mercado futuro de soja na BM&F, com entrega em Paranaguá, vem registrando crescimento na participação de agentes com uma média

de negócios diários de 3.028 toneladas/dia, com os preços negociados no dia 10 de dezembro, para março/2005, a US\$ 11,60/sc; para abril/2005, a US\$ 11,40/sc; para maio/2005, a US\$ 11,50/sc; para junho/2005, a US\$ 11,60/sc; para julho/2005, a US\$ 11,60/sc; e para agosto/2005, US\$ 11,90/sc.

Evolução dos Preços Futuros da Soja BM&F (contrato novo, 27 t)



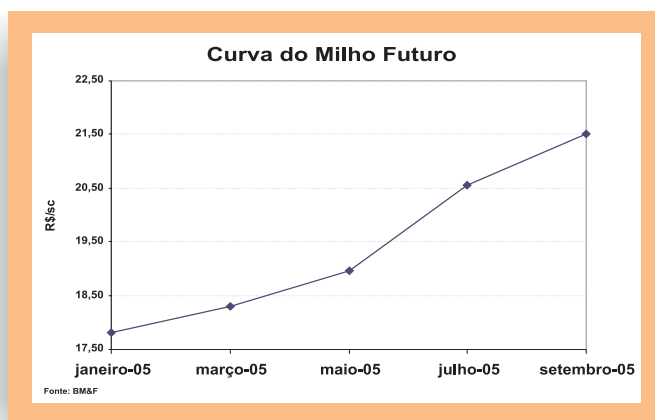
MILHO

Mercado físico e futuro

Os preços do milho no mercado físico permanecem pouco superiores à paridade de exportação e dessa forma a margem de lucro dos produtores nesse instante é reduzida. A apreciação do real diante do dólar é uma das explicações dos preços estarem bastante deprimidos, pois retraem as exportações, 75,5% no mês de outubro, e as vendas são direcionadas ao mercado interno. O produtor sente-se pressionado em fazer caixa para cobrir suas despesas e vende o milho trazendo o preço para baixo. Outros fatores que contribuem para essa baixa são a proximidade da safra de verão brasileira, os grandes estoques nos armazéns, que deverão ser comercializados para darem lugar a safra que será colhida a partir de janeiro de 2005, além da enorme produção norte-americana e chinesa – em torno de 298 milhões de toneladas e 121,6 milhões de toneladas respectivamente. Na Argentina, o plantio de milho está adiantado: já se plantou 67% da safra

2004/2005, diante de 57% da safra passada no mesmo período do ano passado, e a expectativa de uma boa safra também poderá influenciar os preços brasileiros. Novamente a safra de inverno (safrinha) será o fiel da balança, já que a safra de verão está delineada. Os estoques de passagem e os estoques finais do ano de 2005 devem manter-se iguais. Na BM&F, as cotações dos contratos futuros encerraram-se no dia 9 de dezembro, em R\$ 17,80/sc, para o vencimento janeiro/2005; R\$ 18,30/sc, para março/2005; R\$ 18,97/sc, para maio/2005; R\$ 20,55/sc, para julho/2005; e R\$

21,50/sc, para o vencimento setembro/2005. As cotações do contrato futuro de milho recuaram no mês de novembro, acompanhando o mercado físico, e demonstrando um cenário mais à frente de relativa tranquilidade, em face de uma safra consistente que atende ao consumo interno e externo do primeiro semestre de 2005.



CAFÉ

Vencimentos futuros registram alta

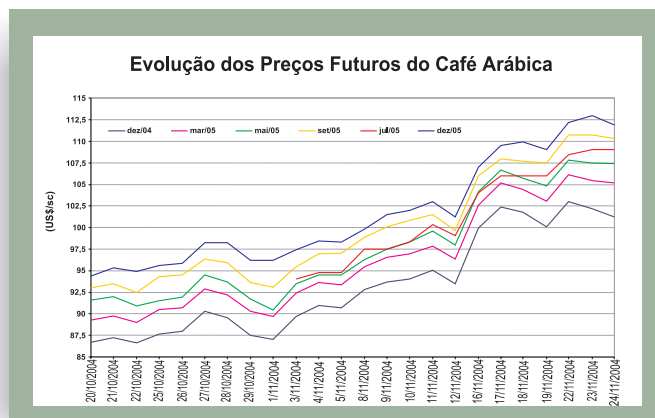
O terremoto ocorrido na Colômbia em meados de novembro fez os preços do café, em Nova York e na BM&F, dispararem. Segundo as notícias que decorreram após o evento, não houve prejuízo às lavouras do café, pois o epicentro do terremoto ocorreu próximo ao litoral, na fronteira com o Panamá. A dúvida que permaneceu entre os participantes da cadeia do café depositou-se sobre as dificuldades nas estruturas de transportes do produto.

Um fato relevante refere-se à boa safra 2004/2005 de 38,2 milhões de sacas, que deverá abastecer o consumo interno de 15 milhões de sacas e exportações em média de 23 milhões de sacas de café. O volume exportado de café arábica até o final de outubro era de 17,7 milhões de sacas, 9% superior a igual período de 2003. Nesse mesmo período, a receita cambial foi de US\$ 1,3 bilhão, equivalendo a um aumento de 37% da receita em relação ao ano passado. Na BM&F, as

cotações dos contratos futuros encerraram-se, no dia 24 de novembro, em US\$ 101,20/sc, para dezembro/2004; US\$ 105,20/sc, para março/2005; US\$ 107,40/sc, para maio/2005; US\$ 110,30/sc, para setembro/2005; e US\$ 111,90/sc, para o vencimento dezembro/2005. Quando se comparam essas cotações com as do mês anterior, nota-se que sofreram altas, em média de 18%, para todos os vencimentos futuros.

Na Bolsa de Nova York, as cotações de fechamento de 24 de novembro foram: US\$ 88,90/lp, para dezembro/2004; US\$ 91,95/lp, para março/2005; US\$ 93,70/lp

para maio/2005, US\$ 95,40/lp, para julho/2005; e US\$ 97,10/lp, para o vencimento setembro/2005. A volatilidade diária do contrato futuro de vencimento dezembro/2004, negociado na BM&F, situou-se entre o mínimo de 0,93% ao dia, em 11 de novembro, e o máximo de 3,56% ao dia em 19 de novembro.



ARROZ

Produtores querem suspensão da importação do Mercosul

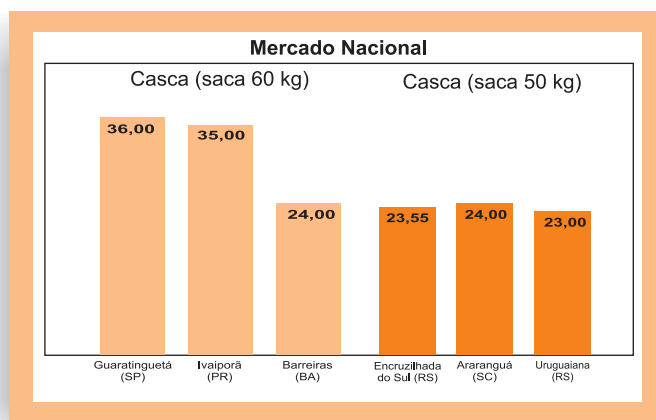
Produtores rurais da região de Cachoeira do Sul/RS querem a suspensão imediata da importação de arroz da Argentina e do Uruguai. O alto custo de produção e o baixo valor de venda do produto brasileiro fazem com que o arroz gaúcho perca competitividade em relação aos grãos argentinos e uruguaios. Para se ter uma idéia do desequilíbrio nos valores de produção e venda, uma saca de 60 kg de arroz custa R\$ 30,00, mas é negociada no mercado nacional a R\$ 24,00, em média – prejuízo de R\$ 6,00 por saca. A situação agrava-se com a concorrência dos grãos argentinos e uruguaios, que entram no País a preços mais baixos. Agropecuaristas da região querem que o governo federal suspenda imediatamente a importação dos produtos dos países vizinhos.

Em todo o País, a área plantada de arroz para a safra 2004/2005 deve sofrer um recuo de 1,56% em comparação com a temporada passada,

atingindo 3,71 milhões de hectares. A previsão faz parte do relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que estima uma produção de 12,7 milhões de toneladas, o que representa queda de 4,73% em relação à safra 2003/2004, que chegou a 12,8 milhões de toneladas.

A queda deve ocorrer em razão dos baixos preços do produto, pelos aspectos de ordem climática (carência de chuvas) e pelo baixo nível dos reservatórios de água que abastecem as lavouras desta cultura. Esses três aspectos influenciaram na decisão dos produtores no mo-

mento do plantio. Em Mato Grosso, segundo maior produtor de arroz, a falta de chuvas em algumas regiões pode levar muitos produtores a desistir da cultura a fim de evitar possíveis prejuízos com o replantio. O IBGE estima recuo de 2,68% na área plantada neste Estado e de 4,2% na produção.



TRIGO

Preço permanece em baixa

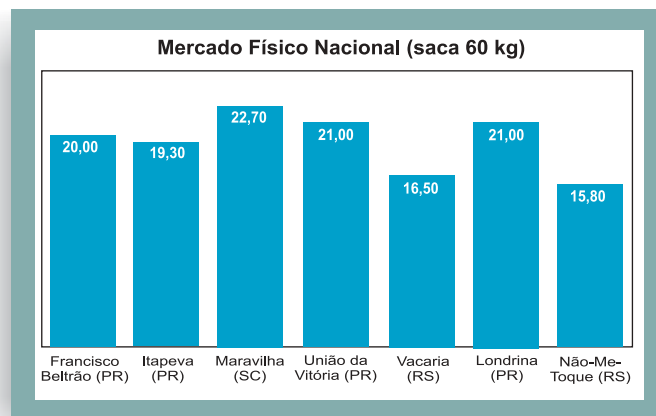
Ausência de trigo de qualidade superior no mercado interno não colaborou para que os preços tivessem alta no último mês. No Paraná, maior produtor do País, os negócios foram fechados entre R\$ 350 e R\$ 370 por tonelada. No Rio Grande do Sul, que ocupa a segunda colocação, os preços passaram de R\$ 330 para R\$ 300 a tonelada, enquanto na safra passada a cotação chegou a R\$ 460. A diferença nos preços entre os dois Estados ocorre em razão da qualidade dos grãos produzidos em cada um. O preço mínimo estipulado pelo governo federal para a tonelada é de R\$ 400.

Para esta safra, a Argentina deve colher cerca de 14 milhões de toneladas. Mesmo com a qualidade inferior, o produto argentino deverá ter prioridade no mercado brasileiro em relação ao trigo importado de outros países como os Estados Unidos e o Canadá, que funcionam como alternati-

va. O motivo é o preço mais baixo. Enquanto o trigo argentino é comercializado a uma média de US\$ 137 por tonelada, o norte-americano e o canadense chegam a um valor de US\$ 217. As importações brasileiras devem atingir 7 milhões de toneladas este ano para um consumo estimado de 10 milhões de toneladas.

Uma solução que poderia alavancar os preços do trigo no mercado interno seria a retomada das exportações, como ocorreu na safra passada, quando o setor comercializou 1,3 milhão de toneladas de uma safra de

5,8 milhões de toneladas, sendo a maior parte do Rio Grande do Sul. Porém, a atual faixa de preços no mercado internacional, em consequência da maior oferta mundial, e a desvalorização do dólar não estão contribuindo para um preço mais atrativo.



Montana inaugura filial em MATO GROSSO

O Centro-Oeste já está consolidado como um dos principais pólos de desenvolvimento agrícola brasileiro. E, por essa razão, tem atraído investimentos de várias empresas. Visando incrementar a agilidade no atendimento das necessidades dos clientes desta região, a Montana Indústria de Máquinas, fabricante de pulverizadores, inaugurou em dezembro uma filial em Rondonópolis/MT. Segundo o presidente da companhia, Gilberto Junqueira Zancopé, a instalação desta nova unidade faz parte dos planos da Montana de investir no seu pós-venda. “Queremos facilitar o acesso por parte dos nossos clientes, aos serviços pós-vendas prestados pela empresa”, afirma. O executivo explica que fo-



Divulgação

ram investidos nesta filial cerca de R\$ 2,5 milhões, aplicados na construção do prédio, contratação de pessoal e montagem de toda a infra-estrutura. Segundo Zancopé, não será uma unidade fabril e atenderá principalmente os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e sul da Bahia. “A nossa filial irá centralizar a distribuição de peças de reposição para nossos revendedores, assistência técnica e treinamento”, completa.

Basf e Dow AgroSciences anunciam PARCERIA

A Basf e a Dow AgroSciences anunciaram uma parceria para o desenvolvimento do Sistema de Produção Clearfield® por meio da produção de novos híbridos tolerantes ao herbicida OnDuty®, favorecendo, assim, toda a cadeia produtiva do milho. O acordo concede a Dow AgroSciences no Brasil os direitos de comercialização de híbridos contendo o atributo que confere a tolerância ao OnDuty®.

O acordo é fruto da experiência da Basf em culturas com tolerância a herbicidas e da Dow AgroSciences com suas habilidades no desenvolvimento de híbridos altamente rentáveis. A ampla distribuição desta

poderosa linha de produtos beneficiará agricultores, proporcionando um aumento nas opções de produção.

“Estamos empolgados com os avanços desta parceria”, explica José Arana, diretor de Sementes e Biotecnologia da Dow AgroSciences no Brasil. “Este é um passo significativo rumo ao nosso plano de fornecer uma extensa gama de produtos inovadores para a cultura do milho. “Este acordo ampliará substancialmente a utilização da tecnologia Clearfield® com híbridos de milho geneticamente avançados”, explica Airtton Leites, gerente de Produtos da Basf Agro.

Semeato é empresa INOVADORA

A Semeato conquistou um honroso terceiro lugar no ranking das 50 empresas que mais inovam no sul do País, sétimo lugar entre as 50 mais inovadoras do Brasil e o primeiro lugar no segmento de máquinas agrí-

colas, segundo o ranking divulgado pela Revista Amanhã (edição de novembro/2004). O levantamento foi feito a partir de dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi), que classificou as empresas brasileiras que

mais reivindicaram patentes para seus produtos e processos entre 1993 e 2003.

A Semeato depositou 85 patentes no Inpi, o que mostra a busca pela diferenciação, sendo a empresa do segmento que mais investe em pes-

quisa e tecnologia, desenvolvendo ao longo dos anos produtos de acordo com a necessidade do agricultor. São 40 anos dedicados ao plantio direto e a soluções voltadas ao agricultor e à preservação do ambiente.

Bunge PREMIA produtores

A Bunge Brasil, que reúne as atividades da Bunge Alimentos e Bunge Fertilizantes, líderes no agronegócio brasileiro, concedeu a 14 produtores o prêmio Destaque Bunge Agricultor Brasileiro do ano passado, instituído em 2004 pela empresa. Utilizando o mesmo mote da campanha publicitária da Bunge, “Agricultor brasileiro, quem conhece reconhece”, o prêmio contemplou cinco importantes atividades ligadas ao agronegócio: Meio Ambiente, Responsa-

bilidade Social, Tecnificação, Parceria e Produtividade – sendo que esta última contemplou, em 2004, produtores de soja, milho, trigo, algodão, café e cana-de-açúcar.

“Nosso objetivo é homenagear os agricultores de diversas regiões, cuja contribuição tem sido fundamental para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro”, ressalta o presidente da Bunge Alimentos, Sérgio Waldrich. Outra característica do prêmio é a sua amplitude, pois homenageia

produtores dos mais diversos portes, tanto os pequenos como os grandes agricultores. Na foto, Mário Barbosa, presidente da Bun-

ge Fertilizantes (à esquerda), Oscar Luiz Servi (no centro), homenageado na Categoria Parceria, e Sérgio Waldrich.



Divulgação

Farsul **PREVÊ** dificuldades em 2005



Luiz Avila

Anunciada crise que o agronegócio brasileiro deverá enfrentar em 2005 foi o principal assunto da tradicional coletiva de final de ano do presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Carlos Sperotto (foto), em dezembro. As

cotações em baixa, o dólar caindo e os custos dos insumos e do maquinário em alta foram situações abordadas com preocupação por Sperotto. Segundo cálculos apresentados por ele, no ano passado o preço das máquinas aumentou 70%, enquanto os insumos, 30%. Já a cotação da soja, por exemplo, teve um pico que depois despencou pela metade, no mesmo ano. “Temos que trazer o agronegócio à realidade. Não podemos repetir o endividamento de 11 anos atrás. Na época, muitos companheiros saíram da atividade”, advertiu. Por isso, previu um 2005 com resultados vermelhos.

Agrolinkfito ajuda produtor a ganhar **RENTABILIDADE**

Com a alta nos preços dos insumos agrícolas e maquinários, é fundamental que o produtor consiga otimizar os custos de produção. Para isso, o Portal Agrolink (www.agrolink.com.br) oferece o sistema Agrolinkfito que possibilita acesso a todos os agroquímicos comercializados no País. Uma das vantagens que o sistema oferece, através das bulas fornecidas pelas próprias empresas, é a quantidade recomendada para que o produtor economize na hora de aplicar determinado agrotóxico. O Agrolinkfito contém 780 produtos cadastrados e registrados no Ministério da Agricultura, Anvisa e Ibama. Disponível on-line no endereço do Portal, o banco de dados é atualizado diariamente.

Agrosystem com novo **SITE**

Agrosystem está comemorando 15 anos e lançando um novo site, muito mais moderno e interativo. Nele, todas as linhas de produtos (agrícola, meteorologia, analítica, biotecnologia e gerenciamento de frotas) têm espaço especial. No site, inclusive, o internauta terá em tempo real as condições climáticas fornecidas pela Estação Meteorológica Vantage Pro, comercializada pela Agrosystem. O endereço é www.agrosystem.com.br

Fetag RS: um 2004 bem **COMPLICADO**

O ano de 2004 foi de provações para a agricultura familiar. A avaliação é do presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag), Ezídio Pinheiro. Ele lembrou que o ano começou com uma forte seca, que acabou mobilizando a entidade em busca de apoio ao segmento. Depois, as cotações dos produtos despencaram, enquanto os custos aumentaram. O dirigente lembrou a diferença de preços por saca recebidos pelo agricultor em dezembro de 2004 numa comparação à mesma época do ano anterior: soja – R\$ 28,00 a R\$ 45,00; trigo – R\$ 17,50 a R\$ 24,00; milho – R\$ 16,00 a R\$ 22,00. “Em Canguçu, o milho está R\$ 14,00 à saca. Não dá um almoço!”, lamentou. Para 2005, o foco da Fetag é a organização da produção. “Estamos produzindo e não estamos conseguindo comercializar. A prioridade é organizar a produção”, anunciou Pinheiro.

Nissan reforça área de **MARKETING**

Desde outubro de 2004, Fernando Luna de Camargo passou a exercer a função de gerente de Marketing da Nissan do Brasil Automóveis Ltda. A mudança tem como objetivo principal alinhar ao marketing a visão da área de vendas, tendo em vista o trabalho desenvolvido pelo profissional desde julho de 2003 junto à rede de concessionárias Nissan.

ANOTE AÍ

De 8 a 10 de março acontece em Araçatuba/SP a Feicana 2005 – Feira de Negócios da Agroindústria Sucroalcooleira. O evento contemplará além de equipamentos, assuntos relacionados ao mercado interno e externo de açúcar e álcool, com informações e novidades do setor. A Feicana objetiva aumentar a interatividade entre os agentes atuantes no mercado agroindustrial sucroalcooleiro. Informações (18) 3624-9655.

De 5 a 9 de abril acontece, em Rio Verde/GO, a Agrishow Comigo 2005, promovida pela Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (Comigo). O evento busca proporcionar à região o uso equilibrado de tecnologias no agronegócio, priorizando o plantio direto e a preservação do meio ambiente, além de estabelecer uma referência de pesquisa para todo o País. Informações (64) 611-1525.

A Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha realiza entre os dias 18 a 20 de maio, em Foz de Iguaçu/PR, simpósio sobre Plantio Direto e Meio Ambiente – Seqüestro de Carbono e Qualidade de Água. O objetivo é subsidiar pesquisadores, profissionais e produtores com informações sobre seqüestro de carbono e qualidade da água via sistema plantio direto. Informações (42) 223-9107 ou febrapdp@uol.com.br

Variedades de ALFACE E COUVE chinesa chegam ao mercado



Divulgação

A Agristar coloca no mercado variedades de alface crespa e de couve chinesa. A alface crespa Jullie apresenta grande porte, as-

pecto vigoroso e uniforme, com folhas grandes e crespas de coloração verde-clara. O plantio pode ser feito durante o ano todo, especialmente no verão, já que possui boa tolerância a altas temperaturas. A couve chinesa híbrida Seijin F1 apresenta cabeça compacta e tem

alta resistência à hérnia, alternaria, míldio e ao pendramento precoce, com bons resultados em plantio de primavera-verão.

Algodão Bt apresenta REDUÇÃO DE CUSTO

A adoção do algodão Bt, variedade resistente a insetos, apresenta redução de custo e também de intoxicação. É o que mostra o estudo "Algodão geneticamente modificado e a saúde dos agricultores na China", publicado no *Journal for Occupational and Environmental Health*. Durante três anos, a pesquisa ouviu 400 produtores das províncias de Hebei e Shandong, no norte da China. Os resultados mostram uma queda de 57% no uso de pesticidas no

país, o que proporcionou também uma redução no número de casos de intoxicações pelo uso de agroquímicos em comparação com os cotonicultores que plantaram variedades convencionais. O estudo revela ainda que, desde a liberação comercial do algodão Bt em 1997 na China, apenas 5% dos produtores que adotaram o produto foram vítimas de intoxicação, percentual que chega a 22% no caso do algodão convencional.

Milho TOLERANTE a insetos e glifosato

O mercado norte-americano vai comercializar neste ano o milho Yieldgard Plus, associado ao Roundup Ready 2, da Monsanto. Esta é a primeira variedade do milho transgênico que alia três características introduzidas por meio da biotecnologia: resistência a pragas que atacam tanto a raiz quanto a parte aérea da planta e tolerância ao herbicida glifosato.

Novo clone de CAJUEIRO-ANÃO precoce



Divulgação

Depois de sete anos de estudos, será lançado neste ano um novo clone de cajueiro-anão precoce. O BRS Bahia 12 foi desenvolvido pela Embrapa Agroindústria Tropical e a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA). O maior vigor da planta, a alta produtividade das castanhas e as características desejáveis da amêndoa para a agroin-

dústria apontaram o BRS Bahia 12 como o mais indicado para a Mesorregião de Ribeira do Pombal, no nordeste baiano, e para outras áreas que apresentam condições edafoclimáticas semelhantes, como baixa pluviosidade (entre 600 e 800 mm), umidade relativa do ar em torno de 50% e temperatura média anual de 28°C.

Projeto viabiliza produção de café no AMAPÁ

Dentro de cinco anos, o Estado do Amapá poderá deixar de importar café e assumir uma posição de destaque no cultivo do produto na região amazônica. Trata-se de um projeto de seleção de materiais para futuras cultivares de café robusta.

De acordo com a Embrapa Amapá, este café é rústico e se adapta bem à região. O projeto começou em 2001 e desde lá testou 41 progênies em unidades de observação. Os materiais vieram de Rondônia e são parte de um projeto de melhoramento gené-

tico desenvolvido pela Embrapa. Até agora, oito desses materiais apresentaram bom desenvolvimento da planta em condições de baixa fertilidade. O cronograma do projeto prevê, para julho de 2005, a primeira avaliação de produto.



Divulgação

NIVELADORA de solo para plantio direto

A Boelter apresenta uma nova versão da niveladora de solo, produto consagrado no mercado gaúcho e nacional. A niveladora possui estrutura reforçada para enfrentar o trabalho de nivelamento de terrenos de campo bruto, permitindo a correção de áreas de lavoura de todos os tipos de culturas, como arroz, soja, milho, algodão, etc. Essa versão apresenta três lâminas frontais que, somadas à lâmina intermediária, realizam um trabalho de corte de terra com grande eficiência devi-



Divulgação

do ao ângulo de ataque das navalhas.

Boelter Agro Industrial Ltda. — Rodovia BR 290, Trevo de Gravataí, Gravataí/RS. Fone (51) 484-3112. Site: www.boelter-agro.com.br

Novo conceito no tratamento da FRUTICULTURA



Divulgação

A Frutisan traz mais uma grande novidade para a linha de pulverizadores. Trata-se do pulverizador – nebulizador W-200 TR, indicado para pequenos e

médios agricultores, bomba 35 LPM, composto de chassi todo de aço reforçado; tanque em polipropileno, com capacidade de 200 litros, e equipado com seis saídas de nebulizadores com comandos individuais. O novo modelo oferece um enrolador com 100 metros de mangueira. O sistema possui pistola de aplicação para locais de difícil acesso.

Wirti Indústria e Comércio de Máquinas Ltda. — BR 386, CEP 98400-000, Frederico Westphalen/RS. Fones (55) 3744-5061 e (55) 9945-1114.

Novidade na aplicação de INSUMOS

A Incomagri lança a Sembra 3200 litros, a mais nova inovação de distribuição de fertilizantes e sementes. Aplicando com precisão em faixas de 12 a 24 metros de largura, com modernos componentes, como: agitador horizontal de baixa rotação que não danifica adubo e sementes, proporcionando melhor e inigualável uniformidade na distribuição; conjunto comando-dosador graduado de acio-



Divulgação

namento individual, facilitando o correto ajuste na faixa de aplicação; chassi moderno e robusto e reservatório em polietileno com capacidade de 3.200 litros e facilmente removível para limpeza e manutenção.

Incomagri Ind. e Com. de Máquinas Agrícolas Ltda. — Rodovia Estadual SP 147, Km 41,9, Caixa Postal 41, CEP 13970-970, Itapira/SP. Fone: (19) 3843-9900. E-mail: vendas@incomagri.com.br

DISTRIBUIDOR de fertilizante orgânico

Equipamento desenvolvido para se obter uma ótima distribuição, em área total, de fertilizante composto, esterco de confinamento de gado, cama de frango, torta de filtro de usinas e similares. A quantidade de distribuição de fertilizantes está entre 4 a 40 toneladas/hectare, dependendo da densidade do produto. A quantidade distribuída é regulada através da abertura hidráulica da comporta traseira da máquina. O DFT é equipado com pneus de alta flutuação 400/55 - 22.5, e tracionado pela barra de tração e acoplado na tomada de potência de tratores entre 70 e 90cv.

Civemasa Implementos Agrícolas Ltda. — Rodovia Anhangüera, s/n, Km 163, Caixa Postal 541, CEP 13600-970. Fone (19) 3543-2100. Site: www.civemasa.com.br



Divulgação

ATOMIZADOR para citricultura

O atomizador KO-A-4000-CI-JET Plus é o resultado de uma constante evolução tecnológica onde cada novo conceito e inovações apresentadas foram projetados para fazer desse equipamento a solução perfeita para os novos desafios da citricultura brasileira. Destaca-se pelo seu design arrojado, turbina de 900 mm com volute regulável, exclusivo sistema de transmissão por caixa multiplicadora e eixo cardan que garantem alta performance, com menor consumo de potência e combustível.

K.O. Máquinas Agrícolas Ltda. — Av. Major Hilário T. Pinheiro, 2.300, Caixa Postal 181, CEP 14871-700, Jaboticabal/SP. Fone (16) 3209-1625.



Divulgação



A Granja

Hugo Hoffmann

Diretor-presidente da Revista A Granja

A revista mais antiga do Brasil é também a mais INOVADORA

Desde o primeiro número surgido em janeiro de 1945, a ordem foi melhorar. Sempre. O segundo número tinha de ser melhor que o primeiro.

São páginas e páginas escritas e produzidas dia e noite, feriados e domingos, tudo para levar ao leitor a informação tecnicamente certa, inovadora, correta.

Essa filosofia nasceu com o primeiro exemplar produzido com poucos recursos, quase artesanalmente, e continua hoje, na época do computador, do fax, do e-mail, do celular.

Parece mentira, **A Granja** é a revista mais antiga do Brasil. O *Pato Donald*, da Editora Abril, que nem brasileira é, está em segundo lugar no ranking. Tem 58 anos. **A Granja** é a revista mais antiga do Brasil, não por tradição, mas sim graças a sua permanente inovação. Inovou desde o primeiro número em seu formato. Inovou também no conteúdo. **A Granja** inicialmente dirigi-se ao criador de gado leiteiro.

Posteriormente, por sua inédita aceitação e proposição do público leitor, passou a abordar assuntos de gado de corte. E, posteriormente, de ovinocultura e suinocultura.

A Granja sempre foi a primeira a falar sobre as novidades quentes que estavam ocorrendo no segmento da pecuária e da agricultura. Hoje, como ontem, essa filosofia é rigorosamente perseguida e apresentada aos nossos leitores. Quem primeiro falou em biotecnologia? Em agricultura de precisão? Em biodiesel? Lembra-se?

Bem, quem lê **A Granja** sabe primeiro.

É um conceito que nasceu há 60 anos e permanece tão atual como ontem. Talvez seja um dos principais motivos pelos

quais estamos festejando com você, nosso fiel parceiro, esses 60 anos de existência. **A Granja** nasceu no Rio Grande do Sul, época em que tanto a pecuária de leite quanto a pecuária de corte gaúcha eram exemplo da qualidade avançada no campo da bovinocultura. Por isso, **A Granja** já nasceu com pedigree.

Foi também no Rio Grande do Sul onde se iniciou a agricultura profissional com a implantação dos trigaes e, posteriormente, com a exploração da soja. Lá onde as coisas estavam acontecendo, estava **A Granja**.

Com a corrida dos grãos, acelerou-se a mobilidade do agricultor gaúcho, que avançou com seus conhecimentos e sua obstinação por todos os rincões do País. Ele levou seus costumes, entre eles, a leitura de **A Granja**. Hoje, imagina-se que existe mais de um milhão de gaúchos espalhados por todo o território brasileiro. Preferenciais leitores de **A Granja**.

A força de **A Granja** está estruturada, principalmente, na fidelização do leitor, obtida através da assinatura. As pessoas lêem, relêem, emprestam a revista para outros e a colecionam. Ou seja, por ser um produto de fácil manuseio, **A Granja** tem um tráfego de leitura médio de 2,5 leitores por exemplar.

Sua circulação junto ao setor mais moderno e profissional do campo lhe dá uma força de penetração inigualável. Hoje, onde está o grão, lá está **A Granja**. Ontem como hoje, **A Granja** só tem um compromisso: com o leitor.

A Granja em toda sua existência sempre foi uma publicação absolutamente independente. Suas receitas únicas e exclusivas vêm da venda de assinatura e anúncios. **A Granja** nunca pertenceu a qualquer entidade ou associação de classe. Nunca fez parte de qualquer grande grupo editorial. Jamais recebeu qualquer tipo de favor governamental sob qualquer aspecto.

A Granja tem, teve e terá uma única posição intransigente: lutar através de suas páginas pela melhor rentabilidade do homem do campo. Uma coisa é certa. **A Granja** não estaria festejando seus 60 anos bem vividos se não tivesse o respaldo da credibilidade. É óbvio. São 60 anos de autoridade que lhe confere a liderança no setor.

A notícia correta. Checando e recheando. O permanente contato com as lideranças e a realidade brasileira da lida do campo, onde as coisas acontecem. Tudo faz com que o que importa é a edição seguinte. É alimentar o leitor com informações objetivas, atualizadas e tecnicamente corretas. Cada exemplar é um novo nascimento, que deverá ser sempre melhor que o anterior. Ou seja, o conceito filosófico da busca permanente da qualidade continuará, permanentemente, o mesmo, agora com a autoridade de quem tem 60 anos de ininterrupta existência.

Por tudo isso, agora, o que realmente importa, são os anos que virão. ■

Uma coisa é certa. A Granja não estaria festejando seus 60 anos bem vividos se não tivesse o respaldo da credibilidade. É óbvio. São 60 anos de autoridade que lhe conferem a liderança no setor

ANÚNCIO



Prêmio Cerdan Melhores da Terra

Chegou a colheitadeira CS660. A líder na colheita, em nova dimensão.



Novo plataforma
de 30 pés.



Novo sistema de
debulha **Maximizer**,
separação e limpeza.
Sistema de protótipos
em cascata.



Novo tanque
graneleiro
de 9.000 litros.



Cabine ampla e
confortável com
banco analítico.
Sistema de iluminação
tipo estúdio.

Em mais de três décadas de liderança, a New Holland chegou o Brasil a atingir uma nova dimensão na colheita, com muita tecnologia e produtividade. Agora, para que o produtor brasileiro continue colhendo cada vez mais e melhor, a New Holland lança uma nova dimensão em colheitadeiras: a CS660. De porta a porta, a CS660 é a maior inovação para a sua colheita. Cada conceito, cada inovação, cada novo detalhe foram desenvolvidos para fazer da CS660 a solução perfeita para os novos desafios do produtor brasileiro. Nova CS660, uma nova dimensão da New Holland para a nova dimensão da agricultura brasileira.

Quer saber mais sobre essa nova dimensão? Acesse o site:
www.novadimensaocolheita.com.br



NEW HOLLAND

Especialista na sua sucesso.



New Holland.
A marca que está
muito mais para você.